



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e  
testemunhos**

**Catalina Revollo Pardo**

Rio de Janeiro  
2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Instituto de Psicologia**

**Programa de Estudos Interdisciplinares em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social**

**Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos**

**Catalina Revollo Pardo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, área de concentração Paradigmas e Metodologias Psicossociais do Cotidiano Contemporâneo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia.  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Inácia D`Ávila Neto

Rio de Janeiro

2011

**Catalina Revollo Pardo**

**Migração Forçada de Mulheres na Colômbia:  
trajetórias e testemunhos**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: 31/01/2011

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Maria Inácia D'Ávila Neto - Orientadora  
Programa EICOS de Pós-Graduação – UFRJ

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra Tania Maria de Freitas Barros Maciel  
Programa EICOS de Pós-Graduação - UFRJ.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra Simnone Ouvinha Peres  
Programa EICOS de Pós-Graduação - UFRJ.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Lucia Helena de Freitas Pinho França  
Programa de Mestrado em Psicologia - UNIVERSO

Rio de Janeiro

2011

**Esto es para dos mujeres que migraron  
desde que nacieron.**

**Para mi hija y para mi abuelita**

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer especialmente à minha orientadora, Professora Doutora Maria Inácia D'Ávila Neto, pelos seus ensinamentos, seu exemplo e força.

Aos funcionários, professores e colegas do Programa EICOS, pela convivência, pela paciência, pelos conhecimentos compartilhados e pelo carinho.

À minha indispensável assistente de campo e transcritora na Colômbia Camila Revollo Wolf, porque grande parte deste trabalho se fez uma realidade por seu apoio.

À FAMIG, por sua abertura e colaboração para entrevistar à mulheres em situação de deslocamento.

Às dez mulheres em situação de deslocamento que, com toda a boa vontade, se disponibilizaram a participar, voluntariamente, das entrevistas e permitiram a análise de seu conteúdo.

Aos professores membros da banca examinadora da qualificação e do mestrado pelas valiosas sugestões e pela disposição em participar e engrandecer estas etapas fundamentais no incremento do meu aprendizado.

À minha preciosa princesa Martina (la vida), minha inspiração e força diária para levar este processo adiante; ela sempre muito paciente, respeitosa e amorosa com o meu trabalho.

A Martin (el oxígeno), das maiores “vítimas” de todo o processo, obrigada pela paciência, compreensão tantas vezes necessária e pelo apoio cheio de amor incondicional que sempre me dá.

Aos meus pais, meu irmão, minha avó, meus tios e tias, primos e primas, cunhada e sobrinho, amigos e amigas pelo amor, pela força e inspiração. Sei que desde a nossa Colômbia estão me mandando muita energia positiva (buena vibra).

Ao meu grande amigo Frederico, por sua confiança e apoio neste processo.

À família e amigos brasileiros, por sua compreensão e apoio em todos os momentos, mesmo distantes, sei que torcem por nós duas.

Aos meus amigos Iara, Ana e Gabriel pela incondicional ajuda em todo momento; sem vocês esta etapa final não teria sido tão agradável.

À CAPES, pelo apoio financeiro, fundamental para o desenvolvimento desta etapa da minha formação profissional.

Meus sinceros agradecimentos

No habrá nunca una puerta. Estás adentro  
y el alcázar abarca el universo y no tiene  
ni anverso ni reverso ni externo muro ni  
secreto centro. No esperes que el rigor  
de tu camino que tercamente se bifurca  
en otro, que tercamente se bifurca en  
otro, tendrá fin. Es de hierro tu  
destino Fragmento Laberinto de "Elogio  
de la sombra"

Jorge Luis Borges

## Resumo

REVOLLO PARDO, Catalina. Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

As migrações sempre foram próprias do ser humano, tendo, contudo, o incremento destes fluxos na atualidade globalizada, alterado profundamente a abordagem dos estudos migratórios. Novas categorias surgem como, por exemplo, o caso do deslocamento interno, que é um tipo de migração forçada. A Colômbia tem a taxa mais alta deste tipo de migração no hemisfério ocidental e a segunda mais elevada do mundo. Esta pesquisa pretende problematizar o deslocamento interno na Colômbia de uma perspectiva feminina. O objetivo geral é investigar o deslocamento das mulheres na Colômbia, analisar a partir do reconhecimento e identidades produto desta migração. A problematização do deslocamento interno será abordada por meio da análise de conteúdo de testemunhos de dez mulheres entrevistadas em situação de deslocamento na *Fundación de Atención al Migrante, FAMIG*, localizada em Bogotá. Os resultados estão ilustrados nas categorias de análise que se dividem em três grandes grupos: (a) o cotidiano no meio do conflito armado, (b) o deslocamento, (c) cotidiano do deslocado. A relação entre os dados extraídos nas entrevistas e as categorias de análise revela a importância do reconhecimento social das identidades culturais destas deslocadas, nos novos contextos de vida nas grandes cidades.

Palavras-chave: Deslocamento interno, mulheres, conflito armado colombiano, testemunhos.

## Resumen

REVOLLO PARDO, Catalina. Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Las migraciones siempre fueron inherente al ser humano, pero el aumento de estos flujos en la actualidad globalizada han alterado profundamente el abordaje de los estudios migratorios. Nuevas categorías surgen, como es el caso del desplazamiento interno, un tipo de migración forzada. Colombia tiene la tasa mas alta de migración forzada del hemisferio occidental y la segunda mas elevada del mundo. Esta investigación pretende abordar el desplazamiento interno en Colombia desde la experiencia femenina. El objetivo general es investigar el desplazamiento de mujeres en Colombia, analizar a partir del reconocimiento e identidades esta migración. El problema del desplazamiento interno sera abordado por medio del análisis de contenido de testimonios de diez mujeres entrevistadas en situación de desplazamiento en la *Fundación de Atención al Migrante FAMIG*, localizada en Bogotá. Los resultados están ilustrados en las categorías de análisis que se dividen en tres grandes grupos: (a) El cotidiano en el medio del conflicto armado, (b) El desplazamiento, (c) Cotidiano del desplazado. La relación de los datos extraídos de las entrevistas con las categorías de análisis revela la importancia que el reconocimiento social de las identidades culturales de estas desplazadas en los nuevos contextos de vida en las grandes ciudades.

Palabras llave: Desplazamiento interno, mujeres, conflicto armado colombiano, testimonios.



## **Abstract**

REVOLLO PARDO, Catalina. Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Migrations have always been inherent to human beings, but the increase of these flows on the global present have altered the migration studies approach. New categories emerge, such as internal displacement, a type of forced migration. Colombia has the highest rate of forced migration in the Western Hemisphere and the second highest in the world. This research aims to address internal displacement in Colombia from the female experience. The objective is to investigate displaced women in Colombia, glimpsing the migration routes, social recognition and identities; product of this migration. The problem of internal displacement will be addressed through testimony content analysis of ten women interviewed in displacement situation in the Foundation FAMIG Migrant Care, located in Bogotá. The results are showed in 3 categories of analyses: (a) The daily routine with the armed conflict, (b) Displacement, (c) Daily life of the displacement person. The relationship of the data collected from interviews with the categories of analysis reveals the importance of: social recognition and cultural identities of those displaced in the new life contexts in big cities.

**Key words:** Internal displacement, women, armed conflict in Colombia, testimonials.

## Lista de siglas e palabras

**ACCIÓN SOCIAL:** Agencia Presidencial para a Acción Social y la Cooperación

Internacional / Agência Presidencial para a Ação Social e a Cooperação Internacional\*

**ACNUR:** Alta Comissão das Nações Unidas para os Refugiados

**AUC:** Autodefensas Unidas de Colombia / Autodefesas Unidas da Colômbia\*

**“Capos”:** Chefes do narcotráfico

**CEMIG:** Centro de Atención al Migrante / Centro de Atenção ao Migrante\*

**CEPAL:** Comissão Econômica para a América Latina

**CPEM:** Consejería Presidencial para la Equidad de la Mujer / Conselho Presidencial para a Equidade da Mulher\*

**CODHES:** Consultoría para los Derechos Humanos y el Desplazamiento / Consultoria para os Direitos Humanos e o Deslocamento\*

**DANE:** Departamento Administrativo Nacional de Estadística

**ELN:** Ejercito de Liberación Nacional / Exército de Liberação Nacional\*

**EPL:** Ejercito de Liberación Popular / Exército de Liberação Popular\*

**FARC:** Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia / Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia\*

**FAMIG:** Fundación para Atención al Migrante / Fundação para Atenção ao Migrante\*

**FMO:** Forced Migration Online / Migração Forçada na Internet\*

---

\* Tradução do autor

**ICBF:** Instituto Colombiano de Bienestar Familiar / Instituto Colombiano para o Bem-estar Familiar \*

**M-19:** Movimiento 19 de Abril / Movimento 19 de Abril\*

**MAMM:** Museo de Arte Moderno de Medellín / Museu de Arte Moderna de Medellín\*

**MONTESORI:** Método educativo-pedagógico criado por Maria Montessori

**OCHA:** Oficina de Cordinación de asuntos humanitarios de las Naciones Unidas

**OEА:** Organização dos Estados Americanos

**ONG:** Organização não governamental

**“ Paras ”:** Paramilitares

**PRT:** Partido Revolucionario de los Trabajadores / Partido Revolucionário dos Trabalhadores\*

**PSD:** Población en Situación de Desplazamiento / População em Situação de Deslocamento \*

**RUPD:** Registro Único de Población Desplazada / Registro Único de População Deslocada\*

**SIPOD:** Sistema de Información de Población Desplazada / Sistema de Informação de População Deslocada\*

**UАО:** Unidades de Atención y Orientación / Unidades de Atenção e Orientação\*

**UNIFEM:** Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher

---

\* Tradução do autor

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1. DESLOCAMENTOS, TERRITÓRIO, IDENTIDADES E RECONHECIMENTO; UMA TRAMA A SER DESTRINCHADA .....</b>	<b>21</b>
APROXIMAÇÃO AO CONCEITO DE DESLOCAMENTO INTERNO .....	21
1.2 DESLOCAMENTOS E TERRITÓRIOS NUM MUNDO GLOBALIZADO .....	27
1.3 IDENTIDADE OU IDENTIDADES? .....	35
1.4 AMÉRICA LATINA, IDENTIDADES EM DESLOCAMENTO A SEREM RECONHECIDAS .....	37
<b>CAPITULO 2. MULHER COLOMBIANA E CONFLITO ARMADO .....</b>	<b>45</b>
2.1 PONTO DE PARTIDA.....	45
2.2 Os ANOS 40.....	49
2.3 Os ANOS 50.....	52
2.4 Os ANOS 60.....	54
2.5 Os ANOS 70.....	55
2.6 Os ANOS 80.....	56
2.7 Os ANOS 90 E 2000 .....	57
2.8 CARACTERÍSTICAS DA MULHER DESLOCADA NA COLÔMBIA .....	65
<b>CAPITULO 3. O TESTEMUNHO COMO UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b>	<b>68</b>
<b>CAPITULO 4. PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>73</b>
4.1. ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	73
4.2. OS TESTEMUNHOS – PROCEDIMENTOS .....	75
4.3. AS MULHERES DA PESQUISA .....	77
QUADRO 1. CARACTERÍSTICAS DAS MULHERES ENTREVISTADAS.....	79
4.4. OS RESULTADOS PESQUISADOS .....	81
1. O COTIDIANO NO MEIO DO CONFLITO ARMADO .....	82
2. O DESLOCAMENTO.....	89
2.1. <i>A Ameaça</i> .....	89
2.2. <i>Os caminhos até chegar a Bogotá</i> .....	98
2.3. <i>Em Bogotá há mais ajuda</i> .....	101
3. COTIDIANO DOS DESLOCADOS .....	102
3.1. <i>Burocracia</i> .....	102
3.2. <i>A Ajuda Informal</i> .....	107
3.3. <i>A Perda</i> .....	113
3.4. <i>A Discriminação</i> .....	116
3.5. <i>O futuro, Bogotá como refúgio e o ponto de começo de uma nova vida</i> .....	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>127</b>

<b>ANEXO A.....</b>	<b>132</b>
ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	132
ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	132
ANTES DO DESLOCAMENTO E FAMÍLIA .....	132
DESLOCAMENTO .....	133
<i>Parte I.....</i>	<i>133</i>
<i>Parte II .....</i>	<i>133</i>
<i>Parte III.....</i>	<i>134</i>
<i>Parte IV.....</i>	<i>134</i>
<i>Momento Atual.....</i>	<i>134</i>
<i>Trajetória de estudo e trabalho.....</i>	<i>134</i>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>135</b>
TERMO DE CONSENTIMENTO.....	135
<b>ANEXO C. MAPA DE COLOMBIA.....</b>	<b>137</b>

## Introdução

Em um mundo em constante movimento, as pessoas não param de mudar seus endereços e se deslocam por inúmeras situações. A migração é um fenômeno que sempre acompanhou a humanidade, o que, entretanto, nunca aconteceu a uma velocidade e proporções tão altas. Como consequência vários campos de estudo que pretendem entender as particularidades dos fenômenos migratórios voluntários ou forçados, internacionais ou internos têm surgido. Esta pesquisa, que trata o tema do deslocamento interno na Colômbia a partir de uma perspectiva feminina, está inserida nos estudos interdisciplinares de paradigmas e metodologias psicossociais do cotidiano, os quais consideram de suma importância para a análise dos deslocamentos do ponto de vista da crise dos laços na contemporaneidade e dos problemas latino-americanos.

A Colômbia tem a mais alta taxa de migração forçada no hemisfério ocidental e a segunda mais elevada do mundo, sendo o primeiro o Sudão. Sendo também a taxa de assassinatos a mais elevada do hemisfério, o que faz com que o país seja considerado como a região de pior situação humanitária do mundo ocidental (FMO, 2010).

No conflito armado colombiano as Forças Armadas Colombianas e grupos paramilitares lutam contra os grupos guerrilheiros, tudo dentro do marco das atividades de produção e tráfico de drogas ilícitas. Esta situação é marcante pelos altos níveis dos abusos dos Direitos Humanos e a violação do Direito Internacional Humanitário, sendo a população civil a principal vítima. Milhares de civis morreram e foram vítimas de desaparecimentos forçados (como os falsos positivos<sup>1</sup>). Também o seqüestro, a tortura, o recrutamento de menores de idade e os abusos sexuais a mulheres e meninas são características desta guerra. Em consequência dessa situação, uma das maiores crises de migração forçada de pessoas está ocorrendo, onde se

---

<sup>1</sup> Os falsos positivos foram população civil assassinada pelo exército colombiano para ser contabilizados como guerrilheiros mortos em combate.

acredita que entre três ou quatro milhões de colombianos tenham se deslocado de seus lares para escapar da violência (ANISTIA INTERNACIONAL, 2008).

Para entender melhor as características desta situação: a frente de batalha na guerra colombiana acontece principalmente no interior do país e as pessoas que moram nestas regiões (camponeses, comunidades indígenas e afro descendentes) são as mais afetadas pela violência. Elas se vêm obrigadas a deslocar-se das regiões rurais para os centros urbanos: municípios, capitais de departamentos (o que equivaleria no Brasil a capitais de estado) e os grandes centros como Cali, Medellín, Barranquilla e Bogotá.<sup>2</sup> Mas com o passar dos anos, o conflito vem mudando e os deslocamentos também vêm acontecendo nos ambientes urbanos, o que faz com que as pessoas tenham que deixar a cidade em que morar ou mudar de lugar dentro dela mesma.

O poder legislativo decretou a Lei 387 de 1997, pela qual se desenvolvem medidas para prevenção, atenção, proteção, consolidação e estabilização socioeconômica da população vítima do deslocamento forçado na Colômbia. Com o passar dos anos, outros decretos que reconhecem a situação da pessoa em situação de deslocamento também foram aprovados. Na esfera internacional, os Princípios Orientadores dos Deslocamentos Internos produzidos pelas Nações Unidas em 1998, e revisado em 2008, também procuram dar o reconhecimento e o tratamento adequado a este tipo de população.

De 1997 até dezembro de 2009, foram contabilizados na Colômbia 3.303.979<sup>3</sup> de pessoas vítimas da migração forçada; segundo a Agência Presidencial para a “*Acción Social y*

---

<sup>2</sup> Na entrevista realizada pelo canal *rtve.es* da Espanha, ao Defensor dos Direitos Humanos Jorge Rojas, que participou do documentário: *Em Portada, Retratos de la Colombia em Guerra* (2010), ele coloca que o conflito armado colombiano na atualidade está se direcionando ao sul oriente do país, o que traduz, entretanto, o traslado de todos os fatores da guerra para a região da fronteira com Brasil e Venezuela, falando assim da região do Amazonas.

<sup>3</sup> Segundo as cifras do Governo, que não são totalmente confiáveis, já que o terceiro setor e os organismos internacionais demonstram que há muitos deslocados que não estão registrados no sistema de *Acción Social*. Segundo a organização internacional: *Displacement Monitoring Center*, o número de deslocados na Colômbia está entre 3.303.979 e 4.915.579 milhões de pessoas em situação de deslocamento. O último valor é colocado

*la Cooperación Internacional - subdirección de atención a la población desplazada - Registro Único de Población Desplazada (RUPD)*”, perto de 1.623.236 são mulheres, o que equivale a 49% desta população. Em 1999, as mulheres representaram 46% da população deslocada. As cifras mostraram já em 2002, uma elevação do número de pessoas registradas como deslocadas, se declarando deslocados um total 446.668, sendo que a média por ano, nos últimos 11 anos, está próxima dos 280.525 deslocados. Do total de deslocados no ano de 2002, pelo menos 215.853 foram mulheres, o que representa 48% do total. Já no ano 2005, as cifras mostram um interessante comportamento: o número de mulheres deslocadas tende a ser maior que o número de homens. Assim, neste ano, foi registrado um total de 253.010 deslocados: 128.618 foram mulheres, ou seja, 50,8%, tendência que se mantém até 2009. Com mais detalhes, entre 2005 e 2009, o total de pessoas deslocadas foi de 1.612.684, sendo 829.416 mulheres, o que representa 51%, demonstrando que na segunda metade da década passada, as mulheres começaram a se deslocar mais que os homens.

Em comparação com os homens, o número de mulheres que migram forçadamente entre os 20 e os 59 anos de idade é maior, sendo a idade entre 20 e 29 anos aquela em que se deslocam mais pessoas; sendo 53% de mulheres, frente aos homens da mesma idade. Já na idade de 30 anos, o fluxo de pessoas em situação de deslocamento é menor, mas a população feminina representa uma porcentagem de 55% do total de deslocados da mesma idade. Entre 40 e 49 anos, as mulheres representam 53%, porcentagem que se repete aproximadamente entre 50 e 59 anos, onde as mulheres são 52% da população deslocada. Fazendo-se uma leitura qualitativa do exposto anteriormente, pode-se sugerir que entre os 20 e 59 anos, os considerados como mais produtivos, nos quais se constrói a família e o patrimônio, as mulheres são confrontadas com um evento de migração forçada, na ausência de seu

---

por CODHES em janeiro de 2010, mas para poder se desenvolver a presente análise estatística foram usadas as estatísticas do governo.



companheiro ou cônjuge, ou com presença dele em situação deplorável (má saúde física e/ou psicológica), o que as leva a posição de chefes de família.

Complementando o anterior, 750.881 pessoas da população deslocada pela violência entre 1997 (aproximadamente) e 2009 são chefes de família, sendo 362.384 mulheres. Em 1998, as mulheres chefes de família eram 25%, em relação aos homens. Em 2003, a diferença se reduz, chegando a representar 49% da população deslocada com esta característica. Já no ano de 2007, as mulheres chefes de família superam os homens, representando 53% desta população, porcentagem que vai ser incrementada até o fechamento das estatísticas do RUPD, em dezembro de 2009. Neste último ano, as mulheres deslocadas chefes de família representaram 54%.

É importante lembrar que as cifras analisadas anteriormente foram lançadas pela “Agencia Presidencial para la Acción Social y la Cooperación Internacional - subdirección de atención a la población desplazada - Registro Único de Población Desplazada, RUPD, (2009)”, e que estas estatísticas estão ligadas ao registro único de pessoas deslocadas, o qual é feito nos centros urbanos onde chega esta população. Mas há muitas vítimas do deslocamento na Colômbia que não estão registradas (por múltiplos motivos) e isto é corroborado pelas organizações do terceiro setor e organismos internacionais, o que deixa um espectro na consciência do povo colombiano do incalculável dano causado pelo conflito armado.

Nas entrelinhas destas estatísticas, pode-se ver que a mulher é afetada de maneira diferenciada por este tipo de migração forçada, muitas vezes obrigada a deixar suas casas, pois seu companheiro ou seus filhos estão em vias de ser ou foram recrutados pelos grupos armados ou, também, porque seu companheiro não a acompanha para poder vender suas terras, ou por outras tantas possibilidades. São, então, variadas as circunstâncias que fazem com que elas tenham que empreender estas travessias sozinhas ou com seus filhos, o que as

coloca como um grupo vulnerável do conflito, sendo vítimas de múltiplos tipos de violências ligadas ao gênero feminino.

O deslocamento forçado afeta amplos setores da população colombiana, predominantemente no âmbito rural, mas os seus efeitos são variados sobre os diferentes grupos populacionais e, além disso, há impactos mais severos sobre alguns grupos vulneráveis. Segundo as estatísticas e os estudos específicos, o deslocamento afeta de maneira crítica as mulheres chefes de família, as crianças e as comunidades indígenas e afro-colombianas, convém complementar as exposições anteriores com os estudos desenvolvidos a partir uma perspectiva de gênero pelo ACNUR (2000, p. 6):

Os efeitos do deslocamento forçado apresentam rupturas e perdas mais fortes para as mulheres que para os homens. Mesmo assim, no contexto urbano, o desemprego afeta em maior proporção aos homens que às mulheres. Mulheres e homens procuram de maneira diferenciada apoio no seu entorno: os homens procuram a assistência em órgãos governamentais. Na outra mão as mulheres desenvolvem estratégias mais práticas para garantir a sobrevivência da família. De frente a um retorno que não garante a seguridade pessoal, nem o acesso a um emprego o à propriedade, as mulheres deslocadas tendem preferir a integração urbana.

Esta pesquisa buscará através da revelação testemunhal das entrevistadas as trajetórias de deslocamento forçado na Colômbia, os elementos para uma análise de mulheres que sofreram esses acontecimentos traumáticos e suas conseqüências nos seus quotidianos atuais. O objetivo geral é investigar o deslocamento das mulheres na Colômbia, entrevendo neles as trajetórias migratórias, o reconhecimento social e as identidades culturais que são produto desta migração. Sendo assim, o problema do deslocamento interno será abordado por meio da análise de conteúdo de testemunhos de dez mulheres entrevistadas em situação de deslocamento.

Desenvolver um estudo qualitativo de mulheres deslocadas na Colômbia, em função do reconhecimento social de suas identidades culturais em seus novos contextos de vida nas grandes cidades, é uma tarefa que pretende contribuir para o estudo da vulnerabilidade dos

deslocamentos femininos no contexto histórico colombiano, que procura enxergar de maneira crítica o deslocamento como um fenômeno inerente ao mundo globalizado atual.

A questão que justifica o porquê da abordagem deste trabalho na perspectiva dos estudos da crise dos laços na contemporaneidade é a ligação que têm as trajetórias destas mulheres como os fluxos de acolhida e expulsão que a globalização vem gerando sobre os territórios. Ver as mulheres que migram nestas circunstâncias, perambulando pelas ruas com suas crianças e bebês, gera um questionamento sobre a necessidade de reconhecimento que os deslocados merecem. Assim, dar voz a estas mulheres por meio do testemunho pode ajudar à sociedade a entender o que representam e precisam estas pessoas que carregam com elas mais do que uma experiência de migração.

Esta pesquisa se constitui em dois momentos: a pesquisa teórica e a pesquisa de campo. A primeira parte da revisão teórica compreende uma análise a partir das perspectivas dos estudos da migração sobre o conceito de deslocamento interno e suas variáveis. Num segundo momento se tocam em temas que envolvem o modo como esses deslocamentos reestruturam os conceitos de território, lugar, espaço-tempo numa realidade globalizada. A terceira parte do primeiro capítulo explica como as novas configurações das pessoas que migram de seus territórios permitem uma mudança no que sempre se entendeu como identidade, questionando desde a teoria crítica à idéia de identidade pura e essencial e sugerindo a pluralidade da configuração deste término com a idéia das identidades culturais descritas por Stuart Hall (2006). A quarta e última parte do primeiro capítulo se dedica às temáticas da América Latina, a partir da perspectiva de Boaventura de Souza Santos (2008) em seu texto *Nuestra America*. A postura do barroco configura este tipo de identidades, as quais estão ávidas de reconhecimento. Isto é abordado sob a perspectiva de Nancy Fraser (2001), por meio de sua teoria da redistribuição e reconhecimento.

O segundo capítulo é uma análise histórica da Colômbia, em que se pretende relacionar a evolução do conflito armado com a trajetória da luta pelo reconhecimento da mulher colombiana, partindo da segunda metade do século XIX e chegando até os dias de hoje. Finalizaremos com uma análise sobre as características e condições das mulheres deslocada da atualidade.

O terceiro capítulo é uma contextualização do testemunho como um procedimento metodológico, no qual se adotará a postura de Beatriz Sarlo (2007) sobre o valor do testemunho como um caminho para analisar os deslocamentos destas mulheres.

O capítulo quatro compreende a pesquisa de campo. As entrevistas foram feitas na *Fundación de Atención al Migrante FAMIG*, localizada em Bogotá. Entrevistou-se 10 mulheres em situação de deslocamento que, voluntariamente, se disponibilizaram a ser filmadas. Das dez mulheres, duas já tinham passado por deslocamentos anteriores, mas a maioria sai de contextos rurais. Todas estão morando em Bogotá sem a companhia de seus parceiros, sendo agora as responsáveis pela manutenção da família. Os resultados estão na parte final deste capítulo, no qual se explicitam as categorias de análise, que se dividem em três grandes grupos: (a) o cotidiano no meio do conflito armado, (b) o deslocamento, (c) cotidiano do deslocado e, finalmente, a relação dos dados extraídos nas entrevistas com as categorias de análise.

A relação entre os dados extraídos nos testemunhos e as categorias de análise revela a importância do reconhecimento social das identidades culturais destas deslocadas, nos novos contextos de vida nas grandes cidades. Desenvolver uma análise crítica do deslocamento como um fenômeno inerente ao mundo globalizado atual demonstra que a perspectiva dos estudos das crises dos laços na contemporaneidade tem uma ligação com as trajetórias destas mulheres, como os fluxos de acolhimento e expulsão que a globalização vem gerando sobre os territórios no conflito armado colombiano.

## **Capítulo 1. Deslocamentos, território, identidades e reconhecimento; uma trama a ser destrinchada**

*Os deslocamentos em nossos tempos modernos podem ser a experiência histórica mais vasta da modernidade e do desenvolvimento. (ESCOBAR, 2004, p. 48)*

O fenômeno do deslocamento nos estudos da migração (e áreas afins) tem gerado muita controvérsia, uma vez que rende muitas interpretações pela particularidade dos contextos em que acontecem os deslocamentos. Os temas relacionados com fronteiras, lugar, espaço, território e identidade são importantes para compreender o que, na atualidade, vem se emaranhando em torno deste fenômeno.

Inicialmente, neste capítulo, se delimitarão alguns conceitos próprios dos estudos da migração em relação ao fenômeno do deslocamento e temáticas próximas. Num segundo momento, se analisarão os conceitos de lugar, espaço, tempo e território, elaborados por autores críticos da contemporaneidade como Bauman, Hall, Boaventura de Souza Santos, o brasileiro Milton Santos e o colombiano Arturo Escobar. Para fechar o capítulo se abordarão idéias relacionadas às identidades culturais e os fenômenos de deslocamento na atualidade, sob as perspectivas dos mesmos autores.

### Aproximação ao conceito de deslocamento interno

Os estudos da migração geralmente são marcados por binarismos como, por exemplo, migração forçada *versus* voluntária; migração temporal *versus* permanente; ou migração legal *versus* ilegal. Possivelmente, a maior bifurcação nestes estudos, esteja entre a migração internacional e a migração interna, o que tem levado ao desenvolvimento de literatura separada, marcando o surgimento bem delimitado destas duas correntes (KING, SKELDON & VULLNETARI, 2008).

Esta abordagem, baseada em binarismos, no entanto, parece pretender fazer uma simplificação pouco coerente com o caos característico do momento atual, que realmente é complexo, pois os fenômenos migratórios estão compostos, simultaneamente, por muitas características e estilos, produtos da complexidade em que se desenvolvem. Sendo assim, o artigo do *Centre for Migration Research* da Universidade de Sussex (2008) não pretende integrar as duas correntes teóricas (os que estudam a migração internacional e os que estudam a migração interna), para produzir uma teoria única. O que se pretende analisar é como um fenômeno migratório pode estar composto ou ser influenciado por dois dos vários tipos de migrações. Esta postura dos estudiosos de Sussex é de muito valor para o desenvolvimento do conceito de deslocamento no presente exercício investigativo, já que este não quer ser abordado como um fenômeno migratório de uma característica só, e sim como uma interação de vários movimentos migratórios.

Para começar a contextualização, a *OIM – Organização Internacional para as Migrações* (2010) define por migração todo movimento de pessoas a um território de outro estado ou dentro do mesmo. Na mesma linha, coloca que a migração internacional é o movimento de pessoas que deixam seu país de origem ou no qual residem habitualmente, para se estabelecerem temporal ou permanentemente em outro país diferente, o que implica atravessar uma fronteira politicamente reconhecida. Segundo o Manual de Direito Internacional sobre Migração, publicado pela *OIM* em 2006, define migração interna como o movimento de pessoas de uma região a outra dentro de um mesmo país com o propósito de estabelecer uma nova residência.

Complementando a definição da *OIM*, Kleba Lisboa (2006), no seu estudo sobre migração e gênero publicado na *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*, define a migração como uma ação social de caráter individual ou coletivo, espontânea ou forçada, que ocorre através de um deslocamento interno

(do campo para a cidade, de uma cidade para outra, no mesmo país), ou externo (de um país para outro); envolve cruzamentos de fronteiras administrativas e políticas (territórios) e fixação de nova residência, bem como um processo de desenraizamento do local de origem seguido de novo enraizamento (aculturação) no local de chegada (KLEBA LISBOA, 2006).

Segundo King, Skeldon e Vullnetari (2008), a distância não é um critério que marca se uma migração é interna ou internacional. Este tipo de diferença está mais relacionado às fronteiras entre os Estados-nação. No entanto, estas podem ser alteradas por circunstâncias políticas ou critérios de definição. Por exemplo, na África, a demarcação inicial dos territórios coloniais nos anos 60, criou novos limites para os Estados-nação e afetou áreas de trânsito livre para minoria étnicas, tribos e circuitos nômades. Em alguns casos, estes movimentos foram autorizados pelos novos países africanos, mas em outros, foram bloqueados.

Outro exemplo a considerar é o caso da União Européia: ao se converter numa região de livre trânsito entre seus países membros fez com que a migração dentro deste território fosse mais similar à migração interna. O contrário aconteceu com a antiga União Soviética e Yugoslávia, já que os migrantes internos viraram migrantes internacionais. Assim, pode se constatar que as fronteiras também são móveis; elas podem aparecer sumir ou se movimentar entre as pessoas (KING, SKELDON & VULLNETARI, 2008).

É providencial analisar alguns valores com o intuito de demonstrar que não só a migração internacional é o destaque dos fenômenos migratórios da atualidade. As Nações Unidas estimam que os migrantes internacionais (já definidos acima) eram, no ano 2000, 175 milhões de pessoas e, em 2010, a *OIM* estima que são 214 milhões de pessoas. Mesmo como o incremento da quantidade, ainda se estima que seja menos de 3% da população do planeta. É relevante colocar que não há estimativas globais para a migração interna, por óbvias razões de sub-registro em cada país, mas, mesmo assim, King, Skeldon e Vullnetari (*ibid*) ressaltam que, no ano de 2001, o número de migrantes internos na China chegou aos 100 milhões de

peessoas. De acordo com o censo da Índia, no mesmo ano mais de 300 milhões de pessoas foram classificadas como migrantes internos, representando 30% da população do país. A migração interna na China e na Índia, em 2001, era o dobro do total de migrantes internacionais no mesmo ano em todo o mundo.

A migração interna e o desenvolvimento global da urbanização das grandes cidades estão profundamente ligados. As estatísticas demonstram que, no último século, a população de pessoas que moravam em centros urbanos era de 262 milhões e passou a ser de 2.856 milhões de pessoas (deste último, o número de pessoas que migraram do interior para as cidades corresponde a 882 milhões de pessoas nos países desenvolvidos e 1.974 milhões de pessoas nos países em desenvolvimento como Ásia, África e América Latina), mostrando que 40% da urbanização das grandes cidades é produto da migração interna (KING, SKELDON & VULLNETARI, 2008).

As contingências fundamentais que podem produzir a migração internacional ou a interna podem estar ligadas a diferenças no desenvolvimento das regiões e dos países, perspectivas de emprego, ingressos e condições de vida dentro e entre os países. Assim, migração internacional e interna se complementa de acordo com as mudanças das circunstâncias políticas e econômicas.

Outra importante categoria a analisar é se a migração é forçada ou espontânea. A *OIM* (2006) entende por migração espontânea o movimento voluntário de pessoas que desenvolvem e iniciam planos de migração. Esta não tem nenhum tipo de assistência nem do Estado nem internacional. Logicamente esta característica da migração acontece em contextos internos e internacionais. Na outra ponta, a *OIM* (ibid) compreende migração forçada como um termo abrangente utilizado para descrever o movimento não espontâneo de pessoas pela ameaça de vida, de segurança ou de subsistência; bem sejam obrigados a migrar por causas



humanas ou naturais. Este tipo de migração pode acontecer no contexto interno ou internacional.

Uma pessoa que migra forçadamente num contexto internacional é chamada de refugiada e esta categoria abre um leque de possibilidades como: (a) refugiados reconhecidos, que segundo o Art. 1 (A) (2) da Convenção sobre o Estatuto do Refugiado de 1951, modificado pelo Protocolo sobre o Estatuto do Refugiado de 1967 (OIM, 2006, p. 60), são as pessoas com temores de serem perseguidas por motivos de raça, nacionalidade, religião, pertencimento a determinado grupo social ou opiniões políticas, que se encontram fora do país de sua nacionalidade e não podem ou não têm a proteção de seu país; (b) refugiados segundo o mandato da ACNUR, o que equivale a ser uma pessoa que cumpre com os requisitos da ACNUR para ser refugiada sem ter em conta se já foi reconhecido por um Estado com os critérios da Convenção sobre o Estatuto do Refugiado de 1951, ou pelo Protocolo sobre o Estatuto do Refugiado de 1967; (c) refugiados em trânsito; reconhecidos temporalmente por um Estado e se entende que serão levados para outro Estado; (d) refugiados no lugar, ou seja, uma pessoa que é reconhecida como refugiada já dentro do Estado que vai reconhecê-la; (e) refugiados itinerantes ou em órbita; são pessoas que não são mandadas de volta ao Estado onde correm perigo, mas lhe é negado o refúgio; elas não acham um Estado que examine sua solicitude e, com isso, são levadas de um país a outro procurando refúgio; (f) refugiados de fato; pessoas não reconhecidas como refugiadas segundo a Convenção sobre o Estatuto do Refugiado de 1951 ou pelo Protocolo sobre o Estatuto do Refugiado de 1967, mas não podem e não desejam voltar ao seu país de origem ou ao país que residiam. Os refugiados de fato também são chamados de deslocados externos (OIM, 2006).

Há vários detalhes a serem analisados no contexto do refúgio, mas não é pretensão deste trabalho dar ênfase a este ponto. O que se quer destacar é que os vários tipos de refúgio são um exemplo de como a migração forçada é complexa. O fato de cruzar a fronteira de um

Estado implica realizar registros, o que implica na necessidade de receber um reconhecimento formal como refugiado para estar num contexto legal no país de acolhida. Pode-se ver que mesmo com a burocracia da migração internacional existem refugiados de fato ou deslocados externos. Vale ressaltar que, neste ponto, já aparece o termo deslocado(s), justamente quando o diferencial do processo migratório implica o não reconhecimento do refúgio.

Assim, quando uma migração forçada acontece no interior de uma nação, o termo geralmente utilizado pelas organizações internacionais para descrever estas pessoas é de deslocados internos ou pessoas em situação de deslocamento interno.

A crise de deslocamento interno afeta mais de 27 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo dados da *OIM* para o ano de 2009. A responsabilidade da proteção destas pessoas em situação de deslocamento interno é primordialmente dos governos nacionais e das autoridades locais. Mesmo assim, convém que a comunidade internacional examine a melhor maneira de contribuir para melhorar a proteção dessas pessoas em situações de conflito e crise (OCHA, 2008).

Segundo o documento dos Princípios Orientadores Relativos aos Deslocados Internos, produzido em 1998 e revisado em 2008 pelo *Escritório de Assuntos Humanitários das Nações Unidas*:

Os deslocados internos são pessoas ou grupos de pessoas que são forçadas ou obrigadas a fugir ou deixar seus lares ou sua residência habitual, como resultado de ou para evitar os efeitos de um conflito armado, situação de violência generalizada, violação dos direitos humanos, desastres naturais ou humanos e que não tenham atravessado uma fronteira de um Estado internacionalmente reconhecido (OCHA, 2008, p. 4)

Estes princípios se fundamentam no direito internacional humanitário e nos instrumentos relativos aos direitos humanos vigentes, mas não podem ser interpretados de maneira que limitem, modifiquem ou subestime as disposições de todo instrumento internacional de direitos humanos, de direito humanitário ou de direitos concedidos à pessoa

pelo direito interno. Assim, estes princípios não impedem as pessoas de serem refugiadas por outro país (OCHA, 2008).

Os princípios orientadores relativos ao deslocamento interno procuram contribuir para que se tome consciência das necessidades das pessoas deslocadas internamente, para mobilizar o apoio da comunidade internacional humanitária e ajudar a dar soluções para as necessidades de proteção e atenção. Assim, ajudam os governos a proporcionar segurança e bem-estar às suas populações deslocadas (OCHA, 2008).

Concluindo, o deslocamento interno é um fenômeno que não é reconhecido formalmente pelo Direito Internacional Humanitário ou pelos Direitos Humanos. Isto é justificado pelo fato de que este fenômeno migratório acontece no interior de um Estado no qual devem ser respeitadas a sua soberania. Contudo, pela magnitude e complexidade da situação em termos humanitários, sociais, políticos e econômicos têm-se criado alternativas paralelas para viabilizar o reconhecimento internacional, o que obviamente pressiona os governos dos Estados a tomarem medidas de solução e apoio às pessoas em situação de deslocamento interno. Desta forma, na atualidade, nem sempre a roupa suja se lava só em casa.

## 1.2 Deslocamentos e Territórios num mundo globalizado

No mundo em movimento de hoje, as pessoas não param de mudar seus endereços e se deslocam por inúmeras situações. A migração e, especialmente, o deslocamento interno é um fenômeno que sempre acompanhou a humanidade, só que nunca aconteceu à velocidade e proporções tão altas. Em consequência, têm surgido vários campos de estudo que pretendem entender as particularidades dos fenômenos migratórios, as temáticas sobre territorialidade, território, espaço-tempo, lugar. Adquirem, assim, um grande valor de análise, sob perspectivas menos fixas ou rígidas, porém mais fluidas próprias da contemporaneidade.

Segundo Escobar (2004), o novo império capitalista não opera por meio da conquista, e sim através da imposição de normas como o livre mercado, democracia e noções culturais de consumo ao estilo estadunidense. Os países subdesenvolvidos dos chamados “Terceiro Mundo” apresentam multiplicidade de pequenas guerras cruéis que estão vinculadas à atual lógica global. Desde a Colômbia e América Central até a Argélia, África Subsaariana e Oriente Médio, estas guerras acontecem em Estados ou regiões que não ameaçam o império, mas incrementam as condições favoráveis para isto. As brutais guerras internas e deslocamentos massivos muitas vezes acontecem com o propósito de abrir regiões inteiras para a entrada do capital transnacional como o petróleo, os diamantes, a madeira, a água, os recursos genéticos e terras cultiváveis. Estas guerras são frequentemente estimuladas pelas máfias e têm como objetivo a globalização macroeconômica. É evidente que a globalização articula uma “expansão pacífica” da economia de livre mercado com um fundo de violência onipresente no regime da globalidade econômica e militar. O deslocamento forma parte da modernidade eurocêntrica e das manifestações com que esta tem se revestido depois da Segunda Guerra Mundial na Ásia, África e América Latina, o que é chamado de *o desenvolvimento*. Tanto a modernidade como o desenvolvimento são projetos espaciais e culturais que exigem a conquista incessante de territórios e povos, assim como suas transformações ecológicas e culturais em consonância com uma ordem racional logocêntrica.

Depois da segunda guerra mundial, as potências européias descolonizadoras pensavam que podiam simplesmente deixar suas colônias, abandonando as conseqüências do imperialismo. A interdependência global, porém, agora atua em ambos sentidos. Há movimentos para fora (de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e de identidades consumistas) e um enorme movimento de pessoas das periferias para o centro, num dos períodos mais longos e sustentados de migração não planejada impulsionada pela pobreza, pela seca, pela fome, pelo subdesenvolvimento econômico e por colheitas fracassadas, pela

guerra civil e pelos distúrbios políticos, pelo conflito regional e pelas mudanças arbitrárias de regimes políticos, pela dívida externa acumulada de seus governos para com os bancos ocidentais. Assim, as pessoas mais pobres do planeta acabam por acreditar na “mensagem” do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os “bens” e onde as chances de sobrevivência são maiores (HALL, 2006).

Segundo Hall (2003), depois dos anos 70, a globalização ainda está ligada ao esquema das desigualdades estruturais de riqueza e poder, só que suas formas de operação são irregulares e globais, o que prova que o sistema está passando por uma fase “*transnacional*”, onde seu “*centro*” cultural está em todo lugar e em lugar nenhum. Em outras palavras é “*descentrado*”. “*A globalização é descentralizante em seus efeitos*” (HALL, 2003, p. 36). Os espaços e tempos afetados pelas novas tecnologias afrouxam os laços entre a cultura e o “*lugar*”.

Entender a contemporaneidade de uma perspectiva mais crítica e fluida traz certa inquietação quando se observa que, segundo Eriksen (2001), os estudos da migração a partir uma perspectiva sociológica e antropológica têm se concentrado em quatro temas: (a) aspectos de discriminação e desqualificação da sociedade receptora; (b) estratégias para manter a identidade do grupo de migrantes; (c) a relação entre o grupo de migrantes e a cultura dominante do lugar aonde chegaram e (d) o relacionamento entre a comunidade de origem e o ambiente sócio-cultural na sociedade que recebe, uma vez que muitos dos migrantes mantêm contato com seus lugares de origem. As dicotomias são evidentes nas temáticas que Eriksen coloca, ilustrando como as análises hegemônicas abordam estas temáticas.

Deste modo, a globalização tem incrementado o fluxo de pessoas entre diferentes territórios, provocando alterações no que antes se entendia por território e identidade. No

mundo fragmentado de hoje, a territorialidade ganha relevância na produção de identidades culturais e híbridas, abrindo caminhos para as ações de mobilização ao reconhecimento.

A globalização, para o referencial teórico desta dissertação, é entendida a partir a perspectiva de McGrew (1992) e Hall (2006) como um complexo de processos e forças de mudança atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, dando a experiência de um mundo mais interconectado. Ao anterior também se deve complementar a visão de Boaventura de Souza Santos (2008), que delimita a existência de vários tipos de globalizações: hegemônica e contra hegemônica. Por este motivo ele coloca que “*Aquilo que habitualmente designamos por globalização são conjuntos de relações sociais. À medida que estes conjuntos se transformam, assim se transforma a globalização. Existem por tanto globalizações e deveríamos usar este tema somente no plural.* (BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS, 2008, p. 194)

Ainda de acordo com as idéias de Boaventura Souza Santos (2008), o que é chamado por globalização é sempre a globalização bem sucedida de um localismo, já que a globalização implica localização. O que a simples vista parece irônico, realmente toma sentido quando se entende que se vive num mundo de globalização e de localização. O discurso hegemônico da ciência geralmente prefere a história do mundo dos vencedores, por isso o que genericamente é chamado por globalização é realmente globalização hegemônica composta por: globalismos localizados e localismos globalizados, conduzidos por forças do capitalismo global caracterizado pela integração global, mas que possibilitam a exclusão.

A globalização contra hegemônica é entendida por Santos (ibid) como *cosmopolitismo* e o *patrimônio comum da humanidade*, já que em todo o mundo, os processo hegemônicos de exclusão são enfrentados por diferentes formas de resistência. Mas a globalização contra hegemônica tem condições exigentes, espera-se dela um equilíbrio tenso e dinâmico entre

diferença e igualdade, entre identidade e solidariedade, entre autonomia e cooperação, entre reconhecimento e redistribuição de riqueza; o sucesso destes procedimentos depende de fatores culturais, econômicos e políticos.

Na mesma linha, Milton Santos (2009) coloca que a “racionalidade do mundo” – que tem a ver com o discurso hegemônico e global – se expande heterogeneamente, deixando, assim, existir outras racionalidades, que ele vai reconhecer como contra-racionalidade o que (equivocadamente) sob o ponto de vista da racionalidade dominante ou hegemônica é considerada como irracionalidade.

Esta idéia de Milton Santos (2009) dialoga claramente com os conceitos de globalização hegemônica e contra hegemônica de Boaventura Souza Santos, pois a “racionalidade do mundo” se aproxima da idéia de globalização hegemônica que, ironicamente, permite e produz o surgimento de contra-racionalidades, que vem se aproximar aos processos da globalização contra-hegemônica.

É importante entender que a globalização não é só um processo único, dominante e hegemônico, e sim que tem sua contra parte (produto dela mesma) que ressalta o contra-hegemônico, particular e plural, abrindo assim perspectivas para entender que se libertam as forças da mudança, deixam que as pessoas encontrem seu próprio nível para depois procurarem níveis melhores ou mais adequados. Não há ponto culminante nestes níveis já que são transitórios. Continuando:

No mundo do hoje a muralhas estão longe de serem solidas e fixas, elas são móveis segundo as mudanças sucessivas das necessidades e caprichos, são múltiplos os contextos que deixaram de ser sólidos e se estão desmoronando. A idéia do lugar onde se passaria toda a vida é uma fantasia, os lugares deixam de ser rapidamente hospitaleiros e passam a ser repulsivos e os moradores passam a procurar outra moradia. Assim o tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombra os homens e mulheres no ambiente fluido e em perpétua transformação em que a regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível (BAUMAN, 2003, p. 48).

A idéia de território, espaço-tempo, lugar e territorialidade, na atualidade, estão profundamente impregnadas pelos efeitos da globalização. O território, as identidades e o

reconhecimento se configuram de maneiras diferentes às solidas, únicas ou fixas das características de uma modernidade anterior (de tempos atrás).

O pensamento de Bauman, no seu livro *Comunidade* (2003), coloca que uma das características da modernidade em seu estado sólido é a visão de um “estado final”, que seria o eventual ponto de culminação dos esforços. Mas na modernidade fluida, as características são diferentes, por causa das globalizações (hegemônicas e contra-hegemônicas) e pela idéia de fluidez anteriormente dita. A soberania territorial perdeu quase toda a substância e boa parte da sua atração; se cada ponto pode ser alcançado e abandonado no mesmo instante, a posse permanente de um território com seus deveres e compromissos de longo prazo transforma-se em um passivo, tornando-se um peso e não mais um recurso na luta pelo poder (BAUMAN, 2003).

Os fenômenos migratórios questionam as antigas e fixas noções de território, recriando-as através de novos e elaborados conceitos. Escobar (2004) complementa colocando que o conceito de “lugar” é novamente abordado sob vários pontos de vista, desde sua relação com o entendimento básico de ser e conhecer, até seu destino na globalização econômica e a medida em que segue sendo uma ajuda ou um impedimento para pensar a cultura. Para alguns, a ausência de lugar, uma “condição geral de desarraigo”, como alguns a denominam, tem-se convertido no fator essencial da condição moderna, uma condição aguda e dolorosa em muitos casos, como os exilados e refugiados. As teorias sobre a globalização produziram uma marginalização significativa do lugar, o que leva a debates terem desenvolvido um questionamento radical do lugar e da criação do lugar. O fato é que o lugar é entendido como uma experiência de localidade específica com algum grau de apego, ligação com a vida diária, com identidades construídas e nunca fixas, o que continua sendo importante na vida da maioria das pessoas.



Stuart Hall (2006) concorda também que a compreensão de espaço-tempo tem mudado pela influência da globalização, acelerando os processos e encurtando as distâncias. O lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado, onde as práticas sociais específicas acontecem. Os lugares permanecem fixos. O espaço, entretanto, pode ser cruzado rapidamente, já que este é praticamente destruído através do tempo. O tempo e o espaço são as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas de espaço-tempo. Assim, estas coordenadas em tempos de globalização também foram alteradas. Logo, esta mudança também implica que as identidades estão profundamente envolvidas no processo de representação destas novas concepções de espaço-tempo. Todas as identidades estão, portanto, localizadas em espaço e tempo simbólicos com um senso de “lugar”, “casa”, “lar” e sua localização no tempo, nas tradições inventadas que conectam passado e presente ou mitos de origem que projetam o presente ao passado, em narrativas de nação que ligam ao sujeito com eventos históricos mais amplos.

Escobar (2004) complementa as idéias: a crítica recente feita ao tema do lugar por parte da antropologia, da geografia, das comunicações e dos estudos culturais é importante, já que as novas metáforas em termos de mobilidade, desterritorialização, deslocamento, diáspora, migração, viagens, cruzamento de fronteiras, nomadismo, entre outros, têm-se alterado significativamente; dinâmicas da cultura e da economia por processos globais inéditos. O lugar tem desaparecido no auge da globalização dos últimos anos e este desvanecimento tem profundas conseqüências na compreensão da cultura, do conhecimento, da natureza e da economia.

É possível entender o lugar sem naturalizá-lo, feminizá-lo ou fazê-lo essencial. Deslocar tempo e espaço do lugar central que há ocupado nas ciências físicas e sociais modernas pode ser feito contando com as metáforas das novas ciências que realçam as redes ou a complexidade entre outros. São conceitos que não vinculam tanto ao espaço e ao tempo (ESCOBAR, 2004, p. 116).

O que Escobar aqui delimita como “*novas ciências*” se refere aos novos paradigmas que na atualidade procuram entender de maneira mais complexa e crítica a realidade. Os estudos culturais e pós-coloniais colocam vários pontos de partida para desenvolver análises críticas, particulares e complexas da realidade.

Escobar (2004) coloca a relação entre lugar e cultura de acordo com os seguintes critérios: os lugares são criações históricas, que devem ser explicados, não assumidos e esta explicação deve levar em consideração as maneiras nas quais a circulação global do capital, do conhecimento e dos meios configura a experiência do local. O foco de pesquisa muda, já que agora são múltiplos os vínculos entre identidade, lugar e o poder entre a criação do lugar e a criação da pessoa, sem chegar a naturalizar ou constituir lugares como fonte de identidades autênticas e essenciais. A complexidade é iminente, na medida em que as mudanças econômicas da política global se debruçam para concepções diferenciadas do lugar, da identidade e da relação entre: lugar – poder – identidade.

Par complementar o diálogo da idéia de migração, território e globalização, é interessante colocar algumas reflexões do geógrafo Milton Santos (2009). Neste caminho, o autor define o território como:

O chão mais a população. Isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala de território se deve entender o que se fazer de um território utilizado por uma dada população (SANTOS, 2009, p. 96).

Assim, o que Santos (2009) define por lugar é:

O espaço de exercício da existência plena. O papel do lugar é determinante, ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço ganha um papel revelador sobre o mundo (p. 114).

Estes tempos em que os processos acelerados e o capital é um vetor de fragmentação do espaço geográfico, produz em consequência que o território e o lugar sofram um processo que Santos (2009) denomina como esquizofrenização. Isto significa que o território e o lugar

acolhem os vetores da globalização para impor sua nova ordem; por outro lado, se produz uma contra-ordem, desenvolvendo uma produção acelerada de pobres, excluídos e marginalizados. Na cidade, a produção de pobreza é um exemplo do fundamento da esquizofrenia do lugar. Esta se desenvolve a partir do momento em que cada pessoa, grupo, firma ou instituição realiza o mundo à sua maneira.

Complementando esta idéia, Bauman (2003) afirma que nas cidades, as atividades e ocupações tradicionais juntam-se a novas ocupações; a burguesia e a classe média tradicionais juntam-se às modernas, formando uma mescla de formas de vida, atitudes e valores. Por isso, trata-se de uma produção local mista, matizada, com idéias contraditórias. São visões do mundo, do país e do lugar elaboradas na cooperação e no conflito. Assim, há a emergência da cidade como um lugar político que interpreta a movimentação do mundo e é a sede de uma sociedade local e complexa, cuja constituição diversa chama ao debate.

Encerradas estas idéias, é evidente o diálogo que há entre as diferentes posturas teóricas de Hall e os estudos culturais, Escobar e a antropologia, Milton Santos e a geografia e Bauman com seu paradigma da fluidez. Confluem no mesmo ponto em que a globalização ou globalizações alteraram as noções fixas e essencialistas de território, lugar, espaço, envolvendo os fenômenos migratórios como uma variável de profundo valor para esta compreensão. Em consequência, este marco abre várias possibilidades para a análise do que é entendido por identidade.

### 1.3 Identidade ou identidades?

A palavra identidade geralmente foi identificada com o conceito de essência que se adquiria desde o nascimento e pela cultura na qual se tinha nascido e crescido. Porém, a partir do momento em que as pessoas começaram a migrar com mais freqüência e de múltiplas maneiras, as variáveis que se entendia por identidade começaram a se desvanecer.

Pensar em identidade no singular é estar aferrada a idéia de unidade. Por isto Hall (2003) afirma que a identidade está em crise, pois se encaixa num processo de ampla mudança que vem deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades atuais, movimentando os marcos de referências que outorgavam uma estabilidade no mundo social. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando na diferenciação que prolifera por todo o planeta. As migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades. Os fluxos não regulados de culturas e povos são tão amplos e irrefreáveis como os fluxos do capital e da tecnologia.

O mundo de hoje propõe uma profunda atenção às identidades, já que com a força do fluxo de pessoas trocando compulsivamente de lugar o tempo todo, as diferentes identidades (pessoais, sociais e culturais) estão ficando cada vez mais híbridas e mescladas pelas diferentes possibilidades de contato entre elas. Uma mudança estrutural está fragmentando as paisagens culturais (classe, raça, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade). Estas transformações mudam as identidades das pessoas, questionando as idéias que têm os sujeitos sobre si como sujeitos integrados. *“As identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou “fragmentadas”* (HALL, 2006, p. 8).

Deste modo, pensar a identidade no singular é incoerente, pois realmente desta fragmentação surgem várias identidades relacionadas à cultura. Os estudos culturais a denominam como identidades culturais.

A globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, levando assim às identidades serem mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, trans-históricas. Mas, ainda há algumas abordagens das identidades que ficam mais próximas do que é entendido por *tradição*, tentando recuperar a pureza anterior. E outras abordagens, como é o caso desta dissertação, que procuram a *tradução*, pois aceitam que as identidades estão ligadas ao plano

da história, da política da representação e da diferença e, assim, se entende a impossibilidade delas serem unitárias ou puras. (HALL, 2006)

A tradução descreve aquelas formações de identidade que atravessam e interceptam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas traduções, mas sem terem, no entanto, a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas (HALL, 2006).

#### 1.4 América Latina, identidades em deslocamento a serem reconhecidas

As sociedades da periferia têm estado abertas às influências culturais ocidentais. A idéia de serem lugares fechados de identidades puras, culturalmente tradicionais, é uma fantasia ocidental (colonial) sobre a periferia, que gosta de “seus” nativos como “puros”, que moram em lugares exóticos “intocados”. Mas as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte. As periferias estão experimentando seu efeitos pluralizados, já sejam mais lentos e desiguais (HALL, 2006).

A América Latina é geralmente reconhecida por suas imensas periferias e a evidência de uma ordem social colonial, que mesmo tendo acabado há muito tempo o regime econômico do império sobre as colônias, ainda permanece na estrutura social. Muitas das características da América Latina nestes tempos de globalização hegemônica e contra-hegemônica têm sido analisadas com maior cuidado.

Boaventura Souza Santos (2008), no seu texto *Nuestra America*, reinventando um paradigma, sugere depois de uma profunda análise que *Nuestra America* é uma forma de subjetividade e sociabilidade; é uma forma de ser e de viver permanentemente em trânsito,

cruzando fronteiras e criando espaços de fronteiras, habituada ao risco e acostumada a viver com um nível baixo de estabilização das expectativas causadas pelas brutais desigualdades sociais e pela arbitrariedade do poder colonial. Mas paradoxalmente capaz de retirar do risco de viver a pulsão para um otimismo visceral perante a potencialidade coletiva. Boaventura de Souza Santos (2008) define como otimismo trágico a experiência dolorosa e a consciência lúcida dos obstáculos da emancipação e a crença inabalável na possibilidade de superá-los.

É impressionante como as estratégias na atmosfera da sub-economia em “*Nuestra America*” surgem todos os dias, como prova de que a globalização contra-hegemônica realmente se manifesta em oposição à hegemonia do sistema. As periferias do mundo, ao desenvolver uma ordem que se contrapõe ao sistema, experimentam uma temporalidade diferente; assim, surge a metáfora do barroco para explicar este tipo de fenômeno mais próprio da América Latina.

Segundo Boaventura de Souza Santos (2008), a subjetividade barroca é contemporânea de todos os elementos que a integra, sendo que a temporalidade barroca é a da interrupção, isto é, importante a dois níveis: porque permite a flexibilidade (pela ausência de mapas) e a surpresa (que deriva do suspense da suspensão pela interrupção). A subjetividade barroca intensifica a vontade e estimula a paixão; a interrupção provoca espanto e novidade, impede o acabamento e o fechamento, daí a característica inacabada da sociedade barroca. Como afirma Wölffin (1979, apud Boaventura de Souza Santos, 2008), o barroco não pretende representar um estado perfeito, mas seguir um processo incompleto e um momento de direção ao seu acabamento.

Se a unidade do barroco é subjetiva, isto faz com que não haja um delineamento único para definir o desenvolvimento dela, não há uma fórmula, não há um antes nem um depois; possivelmente, só poderia se ter certeza de que no barroco não há certeza.

O extremismo com que o barroco trabalha as formas também as devora. Esta voracidade ocorre em dois processos: (a) *sfumato* e (b) *mestiçagem*. O *sfumato* permite criar o próximo e o familiar entre inteligibilidades diferentes, tornando assim os diálogos interculturais possíveis e desejáveis. São como ímãs que atraem formas fragmentárias para novas direções; esta é a militância anti-fortaleza. A *mestiçagem* opera através da criação de novas formas de constelações de sentido, que à luz de seus fragmentos constitutivos são irreconhecíveis; é a construção de uma nova lógica partindo da destruição. Este processo produtivo-destrutivo tende a refletir nas relações de poder entre as formas culturais originais (os grupos sociais que as sustentam), já que as relações de poder são substituídas pela autoridade partilhada. A América Latina tem oferecido um terreno fértil para a mestiçagem (SANTOS, 2008).

A mestiçagem para o século de *Nuestra América* deve entender-se como uma possibilidade de tolerância inter-racial e de um diálogo intercultural, reivindicando o reconhecimento da diferença e da igualdade. Um intelectual que exerce a auto-reflexibilidade para conhecer bem seu lado e sua utilidade. Para manter uma vigilância política e epistemológica o tempo todo para evitar que seu auxílio vire inútil ou contra produtivo (ibid).

O hibridismo pode ser uma característica do barroco, já que o produto inacabado e misturado dos vários elementos desenvolve a possibilidade de novas identidades, não puras e, sim, muito híbridas, que precisam ser reconhecidas desde suas particularidades, reafirmando o que Boaventura Souza Santos (2008, p. 199) coloca quando diz: “*Temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdades nos descaracteriza*”.

A necessidade de reconhecimento é iminente, a pressão que o sistema hegemônico impõe por apagar essas particularidades deve sempre ser contrastada com a luta pelo reconhecimento e, em consequência, uma redistribuição mais equitativa de melhores condições para o desenvolvimento destas variadas identidades culturais dos dias de hoje.

Retomando as idéias de Bauman (2003), os operadores políticos cada vez estão mais suportados nos paradigmas da fluidez; têm deixado de lado, pouco a pouco, a justiça social como horizonte último e passam a contemplar uma regra-padrão-medida de “*direitos humanos*”. Os modelos de justiça social, característicos de uma modernidade sólida, pretendem ser substantivos e compreensivos. Por outro lado, os direitos humanos são formais e abertos, mesmo com todas as suas ambições universalistas. Os “*direitos humanos*” e a procura pelo reconhecimento envolvem sempre novas frentes de batalha e um traçar e retraçar dos limites que levaram a outros conflitos renovados .

É da natureza dos direitos humanos que, embora se destinem ao gozo em *separado* (significa, afinal, o direito a ter a diferença reconhecida e a continuar diferente sem temor a reprimendas ou punição), tenham que ser obtidos através de uma luta *coletiva*, e só possam ser garantidos coletivamente (BAUMAN, 2003, p. 71).

Para passar a ser um direito, a diferença deve ser compartilhada por um grupo ou categoria de pessoas suficientemente numerosas e determinadas para merecer consideração, mas na prática tudo se reduz ao controle de movimentos individuais. Assim, a luta pelos direitos individuais resulta numa intensa construção comunitária. Os direitos humanos agem como um catalisador que estimula a produção e perpetuação da diferença e os esforços para construir uma comunidade em torno dela. Segundo Habermas (1999, apud Bauman, 2003), a teoria dos direitos humanos bem compreendidos requer uma política de reconhecimento que proteja a integridade do indivíduo nos contextos da vida em que sua identidade se forma. Tudo o que é preciso é a realização consistente do sistema de direitos. Isso seria pouco provável sem os movimentos sociais e lutas políticas. O processo de realizar os direitos humanos faz parte de contextos que requerem tais discursos como componentes importantes da política, discussão sobre uma concepção compartilhada do bem e de uma forma de vida reconhecida como autêntica.

Nancy Fraser (2001) protesta contra a separação da política cultural da diferença em relação à política social da igualdade. Insiste, em seu texto *Da Redistribuição ao*



*Reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista*, que a justiça requer tanto redistribuição quanto reconhecimento; a injustiça sócio-econômica enraizada na estrutura político-econômica da sociedade, sendo alguns exemplos: exploração, marginalização econômica e privação. “Este tipo de injustiça é informado pelo comprometimento com o *igualitarismo*” (FRASER, 2001, p. 249). Também existe a injustiça cultural ou simbólica, que está “*arraigada a padrões sociais de representação, interpretação e comunicação*” (ibid, p. 250), por exemplo: a dominação cultural, o não reconhecimento ou desrespeito.

Segundo Fraser (2001) esta diferenciação é analítica, já que estas injustiças, na prática, estão interligadas dialeticamente, reforçando-se mutuamente, já que normas culturais enviesadas de forma injusta contra alguns são institucionalizadas no Estado e na economia, enquanto as desvantagens econômicas impedem participação igual na fabricação da cultura em esferas públicas e no cotidiano. O resultado é um círculo vicioso de subordinação cultural e econômica.

Estes tipos de injustiças político-econômicas são claramente observáveis em todo contexto social. Na Colômbia é evidente como sofre a sociedade rural que opta pela quase única opção de vida; a inserção a um grupo armado, seja paramilitar, guerrilheiro ou até o mesmo Exército Nacional, para ter a garantia de um prato de comida e roupa. A distribuição do emprego e das riquezas mais equitativamente entre as grandes cidades e o interior poderia ser uma alternativa que a mesma Fraser (2001) explica: o remédio para a injustiça econômica é restauração político-econômica, como redistribuição de renda, reorganização da divisão do trabalho, transformação de estruturas econômicas básicas ou sujeição de investimentos na tomada de decisão democrática. Este grupo de remédios Fraser os chama de “redistribuição”.

Neste ponto é interessante ressaltar que os remédios para a injustiça cultural ou simbólica, tais como reavaliação positiva de identidades desrespeitadas e dos produtos culturais de grupos marginalizados e a valorização positiva de diversidade cultural poderiam

promover a transformação geral dos padrões sociais de representação, interpretação e comunicação. Este grupo é chamado pela autora genericamente como “reconhecimento” (FRASER, 2001).

Reivindicações de reconhecimento procuram a especificidade de um grupo e depois afirmam seus valores, tendendo, com isso, a promover a diferenciação entre grupos. Demandas redistributivas tendem à homogeneização entre grupos. Aparentemente estes remédios têm fins contraditórios o que chamará Fraser de “dilema de redistribuição/reconhecimento” (ibid).

Ligado a este dilema de *redistribuição/reconhecimento* está a problemática do motivo pelo qual as estratégias colocadas no cenário colombiano até agora não têm levado ao fechamento pacífico do conflito armado. Quando a redistribuição procura igualdade para todos os cidadãos está sugerindo uma submissão ao sistema político-econômico que, contraditoriamente, é o que leva os grupos revolucionários a levantarem as armas e assim estender o drama à população civil que é deslocada.

Mas Fraser (2001) não para por ai; ela é mais específica: trata os remédios de afirmativos para injustiça (afirmação), que procuram a correção de resultados indesejáveis de arranjos sociais sem perturbar o arcabouço que os gera. Os remédios de reconhecimento afirmativo são associados atualmente ao “multiculturalismo dominante”, que propõe concertar o desrespeito por meio da reavaliação das identidades injustamente desvalorizadas de grupos. Porém, deixa intacto o conteúdo dessas identidades e as diferenciações de grupo que as delimitam. Os alívios de redistribuição afirmativos estão ligados ao Estado de Bem-Estar liberal, que trata de superar a má distribuição de recursos feita pelo estado, enquanto se deixa intacta a estrutura político-econômica subjacente. Assim, aumenta-se o consumo dos grupos desfavorecidos sem restaurar o sistema de produção (ao contrário, esta estratégia reforça o

sistema de produção). Esta estratégia de redistribuição afirmativa produz reveses de não reconhecimento.

Por remédios de transformação, entende-se a correção de resultados indesejáveis precisamente pela reestruturação do arcabouço genérico que o produz. Os alívios de reconhecimento transformativo são atualmente associados à desconstrução: reparam o desrespeito por meio da transformação da estrutura cultural-valorativa subjacente, produzindo uma desestabilização das identidades e diferenciações de grupos existentes, o que elevaria a auto-estima dos integrantes dos grupos desrespeitados e mudaria a percepção de todos sobre a individualidade. Os remédios de redistribuição transformativos são historicamente associados ao socialismo. Estes, por meio da transformação das estruturas político-econômicas reveriam as distribuições injustas do capital. Esta estratégia alteraria a distribuição estatal dos bens de consumo, mudaria a divisão social do trabalho e as condições existenciais de todos. Estes remédios de distribuição transformativa podem reparar algumas formas de não-reconhecimento (FRASER, 2001).

Complementando a idéia de reconhecimento pela qual os grupos lutam, Fraser (2007) no texto “*Reconhecimento sem ética?*” trata o reconhecimento como uma questão de

“Status social” o que vai ser continuamente chamado de “modelo de status” o que exige reconhecimento não é a identidade específica do grupo, mas o status dos membros do grupo como parceiros plenos na interação social o não reconhecimento não significa depreciação e a deformação da identidade do grupo, mas sim a subordinação social, no sentido de ser impedido de participar como um par na vida social (p. 117).

No modelo de *status* busca-se estabelecer o individuo subordinado como um parceiro pleno na vida social capaz de interagir com os outros como pares. Eles têm como objetivo desinstitucionalizar padrões de valor cultural que impedem a paridade da participação e substituí-los por padrões que a favorecem (FRASER, 2007).

Ainda Nancy Fraser muito clara em sua proposta do Reconhecimento, lembra que os países do sul vivenciam situações de *status* muito complexas, já que a distribuição de renda é completamente desigual, o que continuamente tem originado guerras e grupos de rebeldes.

As guerras e os massacres tribais, assim como proliferação de “exércitos guerrilheiros”, ocupados em disseminar uns aos outros, mas absorvendo e aniquilando nesse processo o excedente populacional (sobretudo jovens sem perspectiva de emprego em seus países e sem esperanças). Em suma, um colonialismo regional ou um imperialismo dos pobres, estão entre tais soluções locais para trabalhos globais, que os retardatários da modernidade são forçados a descobrem já está empregando. Centenas de milhares de pessoas são expulsas de seus lares, assassinados ou forçados a fugir o mais depressa para fora das fronteiras de seus países (BAUMAN, 2005, p. 92).

O reconhecimento e a redistribuição são elementos básicos para se ter um terreno fértil para o desenvolvimento das identidades culturais, híbridas ou mestiças produto de uma globalização contra-hegemônica. As margens se integram ao centro e o centro às margens, como na metáfora do barroco. Os deslocamentos bem próprios desta metáfora recriam e transformam as identidades que precisam ser reconhecidas, para realmente reforçar os movimentos contra-hegemônicos e dar variadas cores à paisagem do mundo.

## **Capítulo 2. Mulher Colombiana e Conflito Armado**

Neste segundo capítulo se revisarão alguns momentos da história da Colômbia relacionados à luta da mulher colombiana pelo reconhecimento, à evolução do conflito armado e ao processo de deslocamento interno forçado. Chegando assim a entrever a figura da mulher deslocada colombiana na atualidade.

O capítulo em questão não pretende assumir uma metodologia causal, na qual se entende o presente como produto do passado. A intenção é assumir uma perceptiva na qual os fatos históricos se colocam como contingências e não como causas (KENDALL & WICKHAM, 1999).

A história é um vasto universo. Para nos aprofundarmos nos fatos passados é preciso realizar um recorte desta história e nos concentrar em alguns acontecimentos determinados. O recorte será realizado da segunda metade do século XIX até a atualidade já que, neste período, se destacam alguns fatos que podem ser entendidos como contingências da situação atual das mulheres deslocadas.

### 2.1 Ponto de Partida.

Em meados do século XIX, a Colômbia começou a se estruturar política e doutrinariamente. Em 1848, foi criado o primeiro Partido Liberal por Don Ezequiel Rojas e, um ano depois, os senhores Don José Eusébio Caro e Mariano Ospina Rodríguez apresentaram o Partido Conservador. Os dois partidos foram fundamentados nas ideologias liberais do século XVIII: a doutrina dos moderados foi assumida pelos conservadores e a doutrina dos progressistas foi assumida pelos liberais (GUILLEN, 2007).

A situação econômica colombiana estava articulada num regime livre-cambista com liberdades individuais absolutas impostas pela constituição de “*Rionegro*”, que se manteve

entre 1863 e 1886. Uma abrupta mudança aconteceu na Constituição de 1886, que era profundamente conservadora e impôs o protecionismo do Estado, o centralismo, vastos poderes presidenciais e a estreita relação do governo com a Igreja Católica. O protecionismo, ao final do século XIX, facilitou o processo de industrialização e trouxe mudanças nos costumes sociais, transformando as cidades principais pela movimentação da população que migrava do interior para trabalhar como mão-de-obra e, assim, dar origem à classe média (GUILLEN, 2007).

Na Constituição de 1886, a mulher não era reconhecida como cidadã, segundo Caputto Silva (2008), já que ela era representada pelos homens; primeiro pelo pai e logo pelo esposo ou tutor, que exerciam (em virtude da posse de seu bens materiais) todos os direitos e obrigações. Negou-se culturalmente à mulher o acesso ao mundo exterior, fazendo com que ela permanecesse em casa; assim, seus direitos e liberdades deviam ser tutelados por outros.

Um dos primeiro registros que se tem da luta das mulheres colombianas pelo reconhecimento é um documento do dia 18 de maio de 1927, no qual 14.000 mulheres indígenas procedentes de oito departamentos<sup>4</sup>, assinaram o manifesto de *Los derechos de la Mujer Indígena* (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

Segundo Peláez Mejía (2004) é importante recuperar esta manifestação das mulheres indígenas, já que as maiorias dos registros da reivindicação dos direitos femininos eram da elite, esquecendo a atuação de camponesas, operárias, indígenas, negras e mulheres do cotidiano. Igualmente é preciso assinalar como a luta pelos direitos das mulheres foi um processo de grandes custos afetivos, econômicos, sociais e políticos para aquelas que iniciaram este longo caminho pela conquista da cidadania plena.

---

<sup>4</sup> O que no Brasil é considerado como Estado.

Antioquia sempre foi um departamento que se caracterizou por ser berço e refúgio de importantes mulheres que lutaram por seus direitos. A cultura *antioqueña* sempre foi reconhecida no contexto nacional como matriarcal.

Nos antecedentes da participação política das mulheres nas décadas de 20 e 30 em Antioquia, se destaca María Cano que, em 1920, fazia parte de círculos intelectuais. Participou no *III Congreso Obrero* como vice-presidenta. Neste mesmo congresso colaborou com a fundação do *Partido Socialista Revolucionario*, chegando a ser sua líder. Percorreu o país para agitar e apoiar politicamente as massas e organizar diversas greves operárias (especialmente a greve petroleira de 1927 e a greve das bananeiras, em 1928). Depois do massacre das bananeiras, María Cano teve que se refugiar em casa, onde morreu em 1967 (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

Também se deve destacar a primeira greve feita numa reconhecida fábrica do departamento de Antioquia na cidade de Medellín: *Fabricato*, que começou em 14 de fevereiro de 1920. Nos dados de Peláez Mejía (2004)<sup>5</sup>, esta greve foi dirigida e negociada pela operária Betsabé Espinosa e foi feita por mulheres que não contaram com o apoio de seus colegas homens. Na negociação conseguiram aumento de 40% nos salários, um acordo de 9 horas e 50 minutos de jornada laboral, a doação de *alpargatas* (chinelos da época) e protestar pela cessação de assédio sexual por parte de seus chefes.

Contemporaneamente no setor educativo, María Rojas Tejada<sup>6</sup> foi professora da Universidade de Georgetown e levou à Colômbia o método *Montessori* que era inovador e desconhecido. Recebeu muitas críticas por feministas e se refugiou em Medellín de onde também teve que sair pela perseguição da igreja. Em Pereira<sup>7</sup>, foi acolhida por um grupo de

---

<sup>5</sup> Socióloga colombiana, Doutora pela Fundação Oswaldo Cruz em 2001, Rio de Janeiro-Brasil em Saúde Pública.

<sup>6</sup> Reconhecida educadora feministas nascida no estado de Antioquia.

<sup>7</sup> Capital do departamento de Risaralda.

mulheres, dirigiu um colégio e fundou o jornal *Femeninas*. Escreveu sobre a paz, os direitos das mulheres e sua participação em todos os assuntos da vida social (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

Já nos anos 30, as transformações econômicas na Colômbia eram mais notórias. Com a implantação de rígidas políticas de substituição das importações e a gradativa industrialização geraram-se conflitos sociais que deram origem aos movimentos operários que levaram ao estabelecimento da legislação laboral, a qual dignificava o trabalho, regulava os salários e colocava as primeiras normas de estabilidade e seguridade social (GUILLEN, 2007).

O país estava passando por situações sociais e econômicas nunca antes vistas; é aí que também as mulheres tomam iniciativas mais concretas na luta pelo seu reconhecimento.

Pela iniciativa de Georgina Fletcher<sup>8</sup>, um grupo de mulheres se apresentou para o então presidente Olaya Herrera, com a intenção de transformar a legislação colombiana em relação ao direito da mulher para administrar seus bens, chamada como a lei de *Régimen de Capitulaciones Matrimoniales*. Apresentada em dezembro de 1930 por Ofelia Uribe de Acosta<sup>9</sup> como uma reforma constitucional que daria à mulher a possibilidade de ser ela quem administraria seus bens e não seu marido, irmão, pai ou tutor. O escândalo foi imenso e a imprensa do país pressionou para que a lei não fosse aprovada. Só em 1932 a Lei 28 de 1932 foi decretada (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

As mulheres, depois de conquistar a Lei 28 de 1932, iniciaram uma segunda luta: o direito pela educação e a cultura. Segundo Giraldo Gomez (1987), no ano de 1933, através do decreto 227, se autorizou a abertura de estabelecimentos de segundo grau para a mulher. Foi este o primeiro passo para chegar à universidade, na qual a mulher ingressou em 1937. Neste mesmo ano, também se autorizou a educação mista de forma oficial.

---

<sup>8</sup> Escritora, artista, educadora e especialista em heráldica, esta espanhola que morou em Bogotá durante toda sua vida, se dedicou à defesa da mulher.

<sup>9</sup> Nascida no departamento de Santander, em 1900 (ver anexo A) no município de Oiba. Destacada intelectual feminista. Morre em Bogotá, em 1988.



O direito à educação lhe permitirá adquirir capacidades intelectuais para sua participação ativa na sociedade e na democracia. A expressão política e a participação das mulheres na democracia são conseguidas através da formação que recebem durante seus anos de educação; isto permite tomar uma posição com respeito a sua vida e ao lugar que ocupam na sociedade.

Dando continuidade ao anterior, em 1936, sendo Alfonso López Pumarejo presidente, foi pressionado pelos grupos de mulheres organizadas do país para apresentar a reforma do Artigo 8 do *Acto Legislativo No.1 de 1936*, no qual as mulheres poderiam ocupar cargos públicos que impliquem autoridade e jurisdição.

Na cena artística da época, Débora Arango se destaca com um levantamento e olhar feminino na pintura, pois as mulheres só podiam desenhar e pintar paisagens ou natureza morta. Em 1939, foi selecionada para participar do *Salón de Artistas Nacional*; o escândalo tomou níveis desproporcionados. A Igreja Católica lhe solicitou que promettesse não pintar mais. Sobre isso, ela diz:

A Arte como manifestação da cultura nada tem a ver com os códigos da moral... A arte não é amoral ou imoral... Simplesmente não intercepta nem um postulado ético (MAMM, 1984, p. 88).

Por meio de sua obra se expressou como cidadã de opinião e crítica frente aos acontecimentos do país e a situação discriminada das mulheres.

## 2.2 Os anos 40

Nos anos 40, o contexto internacional esteve marcado pela Guerra Fria. A realidade nacional passava pela época da “*La Violencia*”. Neste ambiente hostil se desenvolveram muitas das lutas das mulheres colombianas por seus direitos.

No interior do país, começava uma luta sangüinária entre liberais e conservadores chamada também como a época de “*La Violencia*”. Nesta atmosfera, surge como defensor

dos camponeses e das bananeiras industrializadas no litoral caribe norte colombiano, o líder liberal popular Jorge Eliécer Gaitán, que denunciava a existência de duas “Colômbias”: “*O país político e O país nacional*”. Com esta frase queria mostrar o abismo entre a classe política e a massa popular operária e fundou o *Partido Político Unión de Izquierda Revolucionaria*. Assim, consegue excelente apoio em todo o país e vira o candidato com maior chance à presidência (GUILLEN, 2007).

Voltando à luta feminina, Peláez Mejía (2004) descreve que o processo para constituir alianças entre mulheres para conquistar direitos políticos não foi fácil, mas finalmente se fez realidade na *Conferencia Nacional Femenina* realizada em Bogotá, em 1945. Neste evento, fundou-se a *Federación Femenina Nacional*, com duas vertentes: a operária e a constituída por mulheres de classe média e alta.

Estas duas correntes tinham visões e ligações diferentes com os partidos. As primeiras estavam com o *Partido Socialista Democrático* e as segundas, com os partidos tradicionais (Liberal e Conservador). Mas trabalharam unidas até 1946 por um objetivo comum que era o direito ao voto. No entanto, em oposição ao *Partido Socialista*, que lançou a candidatura presidencial de Jorge Eliécer Gaitán, o apoio de mulheres feministas que militavam no partido liberal, as levou a um distanciamento (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

No ano de 1948, aconteceram muitas coisas que marcaram o reconhecimento da mulher na atmosfera internacional. A *Declaração dos Direitos Humanos*, na qual começaram a ser nomeadas as mulheres no termo neutro de *humanidade*. Neste período, concomitantemente criou-se a *Comissão da Condição da Mulher das Nações Unidas*. Em abril deste ano, celebra-se a *IX Conferencia Pan-americana*, que deu origem à *Organização dos Estados Americanos (OEA)*; um dos seus objetivos era a aprovação dos mecanismos internacionais, nas Américas, para fazer realidade a concessão dos direitos civis e políticos das mulheres. A *Liga de Acción Feminista Colombiana* enviou uma carta à esta conferência, denunciando o tratamento

discriminatório do Estado colombiano que negava os direitos civis e políticos às mulheres (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

Não só na esfera da luta feminina este ano foi muito agitado. No contexto nacional aconteceram fatos de muita ressonância. No dia 9 de abril de 1948 foi assassinado o candidato Jorge Eliécer Gaitán, meses antes das eleições, o que desenvolveu a revolta popular chamada “*El Bogotazo*”. A capital do país e diferentes cidades caíram semi-destruídas em um dia e uma noite, vítimas de uma forte onda de violência. Este acontecimento dividiu a história de Colômbia em duas, já que a fúria das massas populares levou à formação de exércitos liberais que lutavam contra as injustiças como na época da colônia (GUILLEN, 2007).

No meio desta situação continuou-se o debate sobre o voto feminino. Os conservadores apoiavam a iniciativa; os liberais temiam a manipulação que a Igreja Católica pudesse fazer com a intenção de voto das mulheres. O movimento sufragista feminino tinha claro que o direito ao voto era um passo indispensável para a conquista da igualdade de direitos civis e políticos como alternativa única para a mudança das leis, das estruturas políticas e da cultura de dominação, subordinação e exclusão (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

Para a artista Debora Arango, o assassinato de seu amigo e primeiro mecena Jorge Eliécer Gaitán foi muito marcante (como para todo o país também foi). Assim, se dedicou a registrar, pelos próximos dez anos, em suas pinturas a situação social e o momento político. Também Ofelia Uribe de Acosta, nascida no departamento de Santander, foi uma das pioneiras do voto feminino. Ela escreveu o livro “*Una voz insurgente*”, criou o jornal “*Agitación Femenina*” publicado entre 1944-1946 e emitiu o programa *La Hora Feminista* por Radio Boyacá<sup>10</sup> (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

---

<sup>10</sup> Boyacá é o nome de um departamento (no Brasil, estado). Localizado na região andina centro oriente do país. Radio Boyacá é uma estação de rádio do departamento em questão. Ver mapa Divisão política, Anexo A.

### 2.3 Os anos 50.

Nos anos 50, o partido liberal e conservador disputavam o poder num contexto de luta e morte. Segundo Calvo Ocampo (2009), no interior do país o Partido Liberal formou as guerrilhas liberais, cujos camponeses dirigentes foram assassinados depois de aceitar uma anistia oferecida pelo governo do ditador Gustavo Rojas Pinilla, que tinha assumido a presidência, em 1953, através de um golpe militar. Os que não morreram, deixariam suas terras. Mobilizados, os dirigentes de ambas as formações políticas (liberais e conservadores) assinaram um acordo em Benidorm (Espanha) em 1957, para por fim ao enfrentamento entre os partidos políticos na época da *“La Violencia*, que já tinha deixado 300.000 mortos. Sacrificaram-se muitas vidas, principalmente no interior. Este fato também é contingente aos massivos êxodos forçados de camponeses para as principais cidades na procura de segurança, dando, assim, origem aos primeiros deslocados.

Na *Asamblea Nacional Constituyente*, de 1954, o Geral Rojas Pinilla colocará duas mulheres: Esmeralda Arboleda (liberal) e Josefina Valencia (conservadora), com o objetivo de avaliar e apresentar o projeto da Cidadania das Mulheres. Em 25 de agosto de 1954, foi aprovado pelo plenário da Assembléia o texto do Ato Legislativo *No. 3* que colocava no artigo 1º *“fica modificado o artigo 171 da constituição que restringe o voto aos homens”* (PELÁEZ MEJÍA, 2004, p. 6).

Nas mesmas seções da Assembléia Constituinte de agosto de 1954 (ainda no governo do Geral Rojas Pinilla), também se aprovou um Ato Legislativo que declarava ilegal o comunismo. Este fato é outra contingência a favor do voto feminino, já que a igreja e os populistas utilizaram a ideologia maternalista, exaltando socialmente as mulheres por este rol e convidando-as ao voto. O chamado era para votar pelos interesses da pátria que eram opostos às idéias e práticas comunistas. Não era a mesma interpretação que as mulheres sufragistas tinham; suas aspirações iam além, na procura da participação política e

democracia, praticando a paz e o gozo da plena cidadania. Em Bogotá, em abril de 1954, se configurou a *Organización Feminista Nacional* à presidenta foi dona Berta Hernández. Esta associação convidou as mulheres dos diversos partidos e organizações a juntarem-se na luta pelos interesses dos partidos, para conseguirem seus objetivos e a paz no país (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

O partido liberal e conservador uniram-se para destituir o Ditador o General Rojas Pinilla do poder, em maio de 1957. Ele foi forçado por uma ampla mobilização nacional a entregar o poder a uma junta militar. Fez-se um plebiscito no mesmo ano e neste, as mulheres foram convocadas a votar pela primeira vez. Dessa forma, as mulheres colombianas começaram seu exercício político em uma democracia debilitada que não oferecia oportunidades. Em 1957, em Antioquia, funda-se a *Unión de Ciudadanas de Colombia*, com o objetivo de formar as mulheres em seu novo rol de indivíduos de direitos e deveres, até hoje em funcionamento como uma organização feminista sem fins lucrativos (PELÁEZ MEJÍA, 2004).

As mulheres na Colômbia participaram nas eleições 64 anos depois do que o fizeram as mulheres de Nova Zelândia (que obtiveram o direito ao voto em 1893); na Austrália, o direito ao voto feminino foi concedido em 1901; Finlândia em 1906; URSS em 1918 e USA em 1920. Na América Latina, o Equador conquistou esse direito em 1929; Brasil e Uruguai em 1932; Cuba em 1934; República Dominicana em 1942; Jamaica em 1944; México em 1953; Honduras, Peru e Nicarágua em 1955 e, finalmente, Colômbia em 1957.

A luta pelo voto da mulher colombiana simbolizava o reconhecimento no contexto nacional. Neste sentido, Ana de Karpf (1997, *apud* Peláez Mejía, 2004), chamou à reflexão sobre a importância deste direito e também sobre a necessidade de não se confundir, acreditando que somente a prática deste representa a cidadania:

Todos os males que sonhamos consertar com o voto da mulher e o apoio das massas, seguem ai multiplicados e suspensos como a espada de Damocles sobre a cabeça disso que chamamos democracia, que não consiste só em votar, mas também em gozar de um governo do povo, pelo povo e para o povo.

No cenário nacional, para pôr fim a guerra dos dois partidos, os liberais e conservadores criaram conjuntamente a “Frente Nacional”, por meio da qual os dois partidos, durante quatro períodos presidenciais, alternariam no poder. Começando em 1958 com os liberais e finalizando com os conservadores, benefícios da burocracia foram estritamente repartidos entre os membros de ambos partidos durante tais governos (GUILLEN, 2007).

A partir da perspectiva de Calvo Ospina (2009), o acordo chamado como Frente Nacional deixou de fora toda a expressão social e política que não fosse parte dos dois partidos. Assim, os movimentos sociais procuraram outras formas de se manifestar sem, no entanto, terminar com a violência no interior e nas cidades e já com grandes comunidades formadas pelo deslocamento. Inicia-se a formação das guerrilhas marxistas-leninistas com o sentido de liberação nacional e social.

#### 2.4 Os anos 60

A origem destas guerrilhas na Colômbia foi a década de 60. Dirigidas por estudantes e camponeses, este fato está relacionado às condições internas do país e os acontecimentos internacionais capitalistas e socialistas, como o triunfo da Revolução Cubana, o processo pós-revolucionário na China, a invasão ao Vietnã, o “Maio de 68” na França e o massacre da *Plaza de Tlatelolco* no México (CALVO OSPINA, 2009).

Ainda de acordo com Calvo Ospina (2009), nasceram as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – FARC*, em 1964, o *Ejercito de Liberación Nacional – ELN*, em 1965 e o *Ejercito de Liberación Popular – EPL*, em 1967. Elas estavam aparadas no marco do pensamento socialista, com o objetivo de abolir a propriedade privada por meio da luta armada no interior. Surgem com um sentido altruísta, mas com os vícios herdados dos partidos tradicionais (Liberal e Conservador).

Na década de 70, aparece o *Movimiento 19 de Abril (M-19)* constituído por estudantes e intelectuais com um discurso social-democrata e com a cidade como cenário de luta armada. Logo depois nasceram diferentes organizações guerrilheiras com menos influência nacional. O movimento guerrilheiro se expande; deixa ver seu fortalecimento político e consolidação militar (CALVO OCAMPO, 2009).

A mulher, neste momento, já havia conquistado o direito de voto e também havia entendido que para conseguir o lugar que almejava na sociedade, ainda havia bastante o que ser reestruturado no contexto nacional.

A Lei 75 de 1968 cria o *Instituto Colombiano de Bienestar Familiar (ICBF)*, para desenvolver normas a favor da mulher e seus filhos. É facultado à mulher o exercício da guarda completa dos filhos legítimos, quando por causa legal, falte o pai. Também se cria a obrigação de cumprir com a paternidade responsável e a proteção dos filhos; assim, a mãe pode demandar, ante os tribunais, o reconhecimento de seus filhos. Em complemento à Lei 27 de 1974 estabeleceu-se o sistema de atenção integral para os escolares enquanto suas mães trabalham (GIRALDO GOMEZ, 1987).

## 2.5 Os anos 70

Em 1970, através do Decreto 1260, se suprime a obrigação de que a mulher casada leve o sobrenome de seu marido presidido da preposição “de”, podendo ela, a partir de então, poder ficar com seus sobrenomes de solteira. Também em 1974 surge o estatuto da igualdade jurídica dos sexos no marco da Lei 24 de 1974, na qual se outorgam iguais direitos e obrigações às mulheres e homens, eliminam da legislação toda discriminação, chegando assim à igualdade jurídica (GIRALDO GOMEZ, 1987).

A eliminação dos direitos que a lei dava ao marido sobre a mulher, foi um importante passo para a igualdade nas relações entre conjugues, com a igualdade de direitos e obrigações

dos pais sobre os filhos não emancipados, a direção conjunta do lar, a responsabilidade do casal por iguais partes para a manutenção do lar e com a obrigação de assumir as capacidades e preparação de cada um. Tudo isso levou a uma condição mais concreta de igualdade entre os casais. A realidade da mulher no contexto familiar está pautada com mais deveres e mais direitos.

Assim, com apoio das novas leis, produziram-se mudanças na estrutura familiar com grandes recuperações na ordem social e nos costumes tradicionais. Pretendendo apagar todo sentido de dependência, subordinação, proteção e obediência, reforça-se o conceito de união para complementar-se mutuamente (GIRALDO GOMEZ, 1987).

## 2.6 Os anos 80

Em 1980, com o Decreto 763, cria-se o conselho nacional para a integração da mulher ao desenvolvimento, em complemento ao colocado na assembléia geral das Nações Unidas realizada em Copenhague (GIRALDO GOMEZ, 1987).

Voltando os olhos para o conflito na Colômbia, o governo de Belizario Betancourt, atendendo a uma proposta da guerrilha, assina um acordo, em 1984, de *Cese al Fuego y Diálogo Nacional*. Neste marco surge, por parte dos insurgentes, a proposta de uma nova constituição que se consolidará em 1991, depois que o *EPL*, o *M19*, um setor do *ELN* e grupos como o indigenista *Quintín Lame* e o *Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT)* deixassem as armas (CALVO OCAMPO, 2009).

Na mesma década, com o aumento do narcotráfico, os narcotraficantes estavam em guerra frontal com o governo para impedir o início da extradição aos Estados Unidos dos *capos*<sup>11</sup> da máfia. Os paramilitares que tomam forma beligerante através do apoio econômico do narcotráfico e o treinamento militar do exército realizam assassinatos seletivos contra

---

<sup>11</sup> Ver a lista de siglas e palavras



dirigentes de esquerda, e sindicalistas que são contra os interesses das grandes empresas e projetos econômicos. Também se articulam massacres nos setores sociais nos quais acham que há guerrilha.

Os paramilitares dizem ter surgido para se defender da guerrilha, mas na realidade se constituem como um projeto econômico e político que implica (também) em desalojar camponeses e camponesas de suas terras. A guerrilha persiste na luta armada, mas tem se distanciado dos interesses que lhe deram origem, já que o narcotráfico tem permeado todos os cantos do país. A luta pelo território entre paramilitares e guerrilheiros é, portanto, frontal e tem o objetivo de cultivar e processar a coca.

## 2.7 Os anos 90 e 2000

Em 1990, cria-se a *Consejería Presidencial para la Juventud, la Mujer y la Familia*, com o objetivo de cumprir a convenção para a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, atendendo aos compromissos de ordem internacional e como resposta aos pedidos do movimento social de mulheres na Colômbia (CPEM, 2010).

A resenha histórica de Guillen (2007) relata que Colômbia, nos anos 90, estava vivendo uma situação muito diferente da que vivenciava no final do século XIX. A Constituição 1886 é substituída pela Constituição de 1991, na qual a Colômbia foi redefinida numa nova carta de natureza liberal como “um país de estado social de direito”; a nação deixou de ser centralizada e passou a ter autonomia em suas entidades territoriais. O rosto jurídico do país mudou para se tornar uma república democrática, participativa, pluralista e estabeleceram-se os fundamentos primordiais do respeito à dignidade humana. Como exemplos, podem ser citados o reconhecimento da existência das minorias étnicas e o direito a ser preservada sua integridade cultural.

Segundo Chaparro Amaya (2005), a Constituição de 1991 deveria ter criado um clima de harmonia social, mas aconteceu o contrário, já que o Estado social de direito, consagrado nesta constituição, gera uma incompatibilidade entre os fatos e a teoria. Esta incongruência é expressa no aumento da violência que tem aparecido na vida social, ao mesmo tempo em que é amplificado o marco de inclusão da lei, o que prova que a realidade política parece mais esquivada às explicações mono causais ou as simplificações ideológicas de qualquer tipo.

Os analistas realistas dão explicações estruturais que tentam estabelecer um vínculo orgânico entre os fenômenos de violência e o desenvolvimento histórico da sociedade, o que leva a entender o termo violência como sendo *conflicto social armado* e não como um fenômeno, mas sim como uma característica política e sociológica da relação estado-sociedade na Colômbia. Além destas explicações existe um sem número de outras, o que mostra a falta de consenso sobre o tema do conflito armado colombiano (CHAPARRO, 2005).

O poder legislativo decreta a Lei 387 de 1997, pela qual se desenvolvem medidas para prevenção, atenção, proteção, consolidação e estabilização socioeconômica da população vítima do deslocamento interno forçado na Colômbia.

Artigo 1º. *Do deslocado*: É deslocada toda pessoa forçada a migrar dentro do território nacional abandonando sua localidade de residência ou atividades econômicas habituais, porque sua vida, sua integridade física, sua segurança ou liberdade pessoal tem sido vulnerada ou se encontram diretamente ameaçadas, por qualquer uma destas situações: conflito armado interno, distúrbios e tensões interiores, violência generalizada, violações em massa dos Direitos Humanos, infrações ao Direito Internacional Humanitário ou outras circunstâncias emanadas das situações anteriores que possam alterar ou alterem dramaticamente a ordem pública (LEI 387 de 1997).\*

Esta lei traz consigo o objetivo de criar uma base estatística que quantifique as pessoas deslocadas e as variáveis deste fenômeno. A *Agencia Presidencial para a Acción Social y Cooperación Internacional*, em conjunto com o *Registro Único de Población Desplazada-*

---

\* Tradução do autor.

*RUPD* e o *Sistema de Información de Población Desplazada-SIPOD* foi encarregada desta missão (ACCION SOCIAL, 2009).

Com a implementação do *Plan Colombia*<sup>12</sup> e o *Plan Patriota*<sup>13</sup> há a preocupação de que surja uma eventual urbanização do conflito armado sobre todas as localidades das grandes capitais que denunciaram a presença de grupos paramilitares e milícias de guerrilha, que aplicam diversas formas de violência, especialmente contra jovens e líderes sociais (CODEHS & FAMIG, 2007).

O fortalecimento da presença militar e da polícia nas grandes cidade é evidente. Há oito anos instalou-se uma base militar nos *Altos de Cazucá*<sup>14</sup> e, nos últimos cinco anos, implementou-se cinco bases em *Ciudad Bolívar*. Segundo as organizações sociais da zona, algumas destas bases operam em centros de alta densidade populacional, o que coloca em risco a população civil e representa uma infração às normas do Direito Internacional Humanitário. Mesmo assim não é possível falar de uma urbanização do conflito, como aconteceu em países como El Salvador, onde os combates se trasladaram das zonas rurais às ruas da capital. É mais válido falar da urbanização das conseqüências do conflito, representadas no deslocamento forçado e na intenção dos grupos armados em desenvolver ações violentas e recrutamentos nos grandes centros urbanos (CODEHS & FAMIG, 2007).

A nova Constituição de 1991 deu os mesmos direitos e deveres às mulheres que aos homens, que tinham sido cidadãos desde sempre. A Lei 82 de 1993 apóia, de maneira

---

<sup>12</sup> O *Plan Colombia* é uma estratégia integrada para combater a indústria do narcotráfico, reanimar a economia colombiana e reafirmar os princípios democráticos da sociedade colombiana. Para sua execução inicial, o *Plan Colombia* aplicava US\$ 7.5 bilhões. O governo do Presidente Andrés Pastrana disponibilizou, no ano 2001, US\$ 4 bilhões dos cofres colombianos e pediu ajuda para a comunidade Internacional para o apoio dos US\$ 3.5 bilhões restantes. Em 2001, o Presidente Clinton atende ao pedido do governo colombiano com um monte inicial de US\$1.6 bilhões. Este *Plan* tem se estendido através de acordos temporário nos governos do presidente Alvar Uribe Velez e o atual presidente Juna Manuel Santos.

<sup>13</sup> O *Plan Patriota* foi criado pelo ex-presidente Uribe com a supervisão dos Estados Unidos, sendo uma renovada iniciativa contra a guerrilha das FARC, por meio do qual se estende um contingente militar de 15.000 homens no sul do país. Tem sido considerado o braço abertamente militar do *Plan Colombia*, que implicou o estabelecimento de bases militares estadunidenses em território colombiano.

<sup>14</sup> Este lugar está localizado na zona sul da cidade de Bogotá.

especial, a mulher chefe de família. Em julho de 1995, pela Lei 188, cria-se a *Dirección Nacional para la Equidad de las Mujeres*; também em diferentes ministérios e entidades descentralizadas criam-se instâncias encarregadas de promover a aplicação das políticas dirigidas às mulheres, muitas das quais não funcionam na atualidade. Em junho de 1999, o Decreto 1182, estabelece a transformação da *Dirección Nacional para la Equidad de las Mujeres* em *Consejería Presidencial para la Equidad de la Mujer* que até hoje está em funcionamento (CPEM, 2010).

A equidade na formação, sem diferença de currículo de acordo com os sexos, revela resultados somente no final do século XX, quando se demonstra que as mulheres têm igual e até maior participação na educação superior. Isto as leva a ser parte importante da força de trabalho e da vida político-democrática do país. Segundo o DANE<sup>15</sup>, no período compreendido entre 2001 e 2004, ingressaram na educação superior 56% de mulheres e 44% de homens. Observa-se neste período, um aumento de preferência das mulheres por cursos como as engenharias, direito e relações internacionais, que antes eram, em sua maioria, masculinos (CAPUTTO SILVA, 2008).

Corroborando com o anterior “*Em 2002 só 57 % das mulheres em idade de trabalhar o faziam*” (CEPAL, 2006, p. 39). A Lei 731 de 2002 tem por objetivos a melhoria da qualidade de vida das mulheres rurais (priorizando as de baixos recursos) e a consagração de medidas específicas que acelerem a equidade entre homens e mulheres rurais.

Para as eleições presidenciais de 2006, a participação da mulher foi da ordem de 51.9% (6.161.817 de votos femininos), mostrando uma participação superior das mulheres sobre os homens. Paralelamente, cria-se a Lei 1009 de 2006, que dá um caráter permanente à observação de assuntos de gênero. Assim, pelo balanço realizado em oito de março de 2007 explica-se que, no país, existe uma porcentagem de 10,8% de mulheres que participam de

---

<sup>15</sup> DANE é o *Departamento Administrativo Nacional de Estadística*. É a entidade responsável pelo levantamento, planejamento, processamento, análise e difusão das estatísticas oficiais do Estado Colombiano.

cargos públicos. Elas representam 50% da força profissional e técnica, mas preenchem somente 38% dos cargos altos e diretivos (CAPUTTO SILVA, 2008).

Na atualidade, o Decreto 164 de 25 janeiro de 2010, cria a Comissão Intersetorial denominada "*Mesa Interinstitucional para Erradicar la Violencia contra las Mujeres*". Deste modo, vemos como característica da primeira década do século XXI, na atmosfera das políticas femininas, um enfoque na prevenção, cuidado e erradicação da violência contra a mulher.

As mulheres colombianas no marco do conflito vivenciam vários tipos de violência, que vão desde o estupro até o deslocamento forçado. A *Consejería Presidencial para la Equidad de la Mujer (CPEM)* e o escritório na Colômbia do *Alto Comisso das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)* se reuniram para incorporar o enfoque diferencial de gênero nas políticas públicas destinadas a proteger, atender e restabelecer, de maneira integral, as condições de vida digna da população em situação de deslocamento (CPEM, 2010).

O ACNUR, desde sua chegada ao país, tem se preocupado com a problemática do deslocamento forçado, que afeta de maneira particular as mulheres e crianças. O balanço da política pública para a atenção integral ao deslocamento forçado na Colômbia foi o seguinte: de janeiro 2004 a abril 2007, assinala-se a importância de desenhar uma política congruente e integral que viabilize a proteção de todas as pessoas deslocadas de distintos contextos sócio-culturais, com ênfase em sujeitos mais vulneráveis, com o intuito de que os esforços estatais não sejam assistemáticos, de curto alcance e de difícil medição (CPEM, 2010).

Desenvolver o enfoque diferencial implica identificar e avaliar os elementos conceituais que suportam as definições e ações existentes, assim como reconstruir uma definição que se ajuste às necessidades e aos direitos da população deslocada com um claro reconhecimento das diretrizes nacionais e internacionais aplicáveis em todos os momentos do deslocamento.

Um terceiro ator neste projeto é a Corte Constitucional, já que o apoio do legislativo torna mais palpável a abordagem do deslocamento sob a perspectiva de gênero. Os pronunciamentos da Corte a partir 2003, tem aportado elementos jurisprudenciais para melhorar a resposta do Estado frente ao deslocamento forçado pela violência. Através das sentenças T-602 e T-721, fez-se explícita a necessidade de que a atenção fosse baseada em ações afirmativas e em enfoques diferenciais sensíveis a gênero, geração, etnia, portador de necessidades especiais e opção sexual (CPEM, 2010). Este é um primeiro passo que já mostra a necessidade de abordar a população deslocada de uma maneira diferenciada, de acordo a cada minoria.

Após a sentença 218 de 2006, a Corte coloca que os sujeitos de especial proteção constitucional são afetados de forma aguda pela condição do deslocamento, dada a magnitude dos riscos aos quais estão expostos. Daí deriva a necessidade de adotar um enfoque diferencial específico, que reconheça que o deslocamento tem efeitos diferentes dependendo da idade e do gênero (CPEM, 2010)

Os princípios e diretrizes que estruturam a atenção diferenciada de gênero à população deslocada são (a) Lei 387 de 1997 (já referenciada anteriormente), o Decreto 250 de 2005 e outros dispositivos que se referem a seu cuidado e prevenção (em alguns destes haverá aprofundamento posterior); (b) os direitos humanos e o Direito Internacional Humanitário e (c) os direitos das mulheres reconhecidos a nível nacional e internacional (CPEM, 2010).

Neste contexto, a Organização das Nações Unidas coloca que o combate à violência contra a mulher inclui tomar medidas eficazes para prevenir os abusos, investigá-los quando estes acontecerem, perseguir os autores e fazer com que compareçam perante a justiça em procedimentos imparciais, assim como garantir uma reparação adequada, uma indenização e o ressarcimento. Também significa garantir a justiça sem discriminação de qualquer índole (CPEM, 2010).

O estado colombiano se comprometeu a dar proteção especial às mulheres, frente a todas as formas de violência por razão de gênero, através da aprovação da Lei 248 de 1995 (aprovada na Convenção de Belém do Pará), adotando, por todos os meios apropriados e sem atrasos, políticas orientadas a prevenir, sancionar e erradicar tal violência. A isto se agrega o dito sobre as mulheres como pessoas protegidas no Convênio de Genebra relativo à proteção das pessoas civis em tempos de guerra, bem como a proteção especial aos meninos e meninas por meio do artigo 38 da Lei 12 de 1991, que ratifica a Convenção dos Direitos da Criança. O Estado se comprometeu a adotar todas as medidas possíveis para assegurar a proteção e o cuidado das crianças afetadas pela violência. Pelos riscos ligados ao gênero, que já se identificaram para crianças e jovens nas áreas de risco de deslocamento, também resulta o Protocolo Facultativo da Convenção, relativo à participação das crianças nos lugares com presença de atores armados ilegais (CPEM, 2010).

Já no marco de uma abordagem diferenciada e, mais concretamente diferenciada, para o marco do gênero, a Corte Constitucional no Seguimento 092 de 2008 ordena os programas de (a) Prevenção do Impacto de Gênero Desproporcionado do Deslocamento, por meio da Prevenção dos Riscos Extraordinários de Gênero no marco do Conflito Armado; (b) Prevenção da Violência Sexual contra a Mulher Deslocada e de Atenção Integral a suas Vítimas; (c) Prevenção da Violência Intra familiar e Comunitária contra a Mulher Deslocada e de Atenção Integral à suas Vítimas; (d) Promoção da Saúde das Mulheres Deslocadas; (e) Apoio às Mulheres Deslocadas que são Chefes do Lar, de Facilitação do Acesso à Oportunidades Laborais e Produtivas e de Prevenção da Exploração Doméstica e Laboral da Mulher Deslocada; (f) Apoio Educativo para Mulheres Deslocadas Maiores de 15 Anos; (g) Facilitação do Acesso à Propriedade da Terra pelas Mulheres Deslocadas; (h) Proteção dos Direitos das Mulheres Indígenas Deslocadas; (i) Proteção dos Direitos das Mulheres Afro descendentes Deslocadas; (j) Promoção da Participação da Mulher Deslocada e de Prevenção

da Violência contra as Mulheres Deslocadas Líderes ou que adquiram Visibilidade Pública por seus trabalhos de Promoção Social, Cívica ou dos Direitos Humanos; (k) Garantia dos Direitos das Mulheres Deslocadas como Vítimas do Conflito Armado à Justiça, à Verdade, à Reparação e a não Repetição; (l) Acompanhamento Psicossocial para Mulheres Deslocadas; (m) Eliminação das Barreiras de Acesso ao Sistema de Proteção pelas Mulheres Deslocadas.\*

Em resumo, a Colômbia vive um conflito armado que perdura por mais de 50 anos. Primeiro a luta era entre liberais e conservadores: “*La Violencia*”. Posteriormente, formam-se as guerrilhas de liberais e os primeiros deslocados nas capitais e principais cidades. Na mesma época, as mulheres lutavam para serem reconhecidas como cidadãs. A luta armada se deu depois entre o Estado e as guerrilhas de orientação marxista que procuraram a liberação nacional. As mulheres já tinham conseguido os direitos ao voto, à educação e ao trabalho, mas ainda estavam longe de ter um tratamento equitativo em relação ao homem.

No cenário do conflito, desde os anos 80, o narcotráfico vem permeando todos os setores da sociedade colombiana. A mulher ganha alguns lugares mais significativos na atmosfera laboral e familiar, já reconhece que pode ser mãe solteira e levar de igual para igual a manutenção do lar.

O narcotráfico contribuiu, nos anos 90, com um projeto econômico-político de direita mantido pelos paramilitares, que nos anos 2000 vão tomar proporções gigantescas na cena política, social, econômica e militar. O deslocamento forçado chega cifras enormes. As mulheres, neste momento, já compõem a metade da força de trabalho e têm representações em importantes cargos públicos. Paralelamente a estas vitórias, surge o até então silenciado tema da violência contra a mulher que determinara o marco legislativo a favor delas nos anos 2000, o que contribuirá para entender o valor do enfoque de gênero para assumir a problemática do deslocamento.

---

\* Tradução do autor.



Seja por contingência dos paramilitares, da guerrilha ou do exército, têm sido deslocadas de seu território aproximadamente quatro milhões de civis (lembrando que as cifras oficiais do Estado não são totalmente confiáveis). As mais afetadas são as mulheres, pois até mesmo seus corpos são convertidos em campos de batalha.

Segundo a *Fundación Dos Mundos* (2005), há cinco anos já se identificavam algumas mudanças ocorridas nas características do conflito armado. Este deixou de ser só rural e penetrou cada vez mais nas cidades; passou a afetar de maneira direta alguns setores sociais incidindo, cada vez mais, sobre eles. O conflito está permanentemente no imaginário coletivo através das informações divulgadas pelos meios de comunicação e transformou a cultura política. Também é maior e mais significativa a estrutura militar do conflito que sua estrutura política. Há militarização da sociedade, infrações ao direito internacional humanitário, crimes de lesa humanidade, produção e tráfico de drogas e corrupção.

## 2.8 Características da mulher deslocada na Colômbia

Seria inadequado omitir a literatura que na Colômbia tem se produzido sobre as características das mulheres deslocadas. ACNUR e UNIFEM (*Fondo de Desenvolvimentos das Nações Unidas para a Mulher*), têm investido bastante neste assunto juntamente com organizações do terceiro setor, a *Consejería Presidencial para a Equidad de la Mujer*, a Igreja Católica e inúmeros departamentos acadêmicos dos centros de educação superior. É pretensioso fazer um estado da arte desta temática nesta parte do segundo capítulo, mas é pertinente colocar algumas referências lançadas pelas organizações mais destacadas que trabalham com esta população nos últimos anos, como, por exemplo, o informe desenvolvido pelo CPEM (2010), *Das Diretrizes do enfoque de gênero*. Neste informe aparecem referenciadas várias ONG's de diversos lugares do país e entidades do Estado, o que permite

ter uma visão mais geral das mulheres deslocadas e das contradições que existem entre o Estado e o terceiro setor.

O informe apresenta a perseguição às mulheres como uma das principais causas do deslocamento feminino, com vínculos familiares ou sentimentais com membros do exército e da polícia. Também CPEM (2010) expõe como o deslocamento tem efeitos de ruptura com a cultura, de discriminação étnica e irrupção dos atores armados na vida cotidiana de meninas, mulheres jovens, indígenas ou afro-colombianas.

Juntamente com o deslocamento de uma mulher são gerados outros tipos de ameaças como recrutamento, violência sexual e violência ligada à condição de gênero. Pela ausência de atenção do Estado e as dificuldades para adquirir os alimentos básicos, as pessoas deslocadas vivem em graves situações humanitárias que afetam sua saúde e nutrição. Segundo o informe, a população deslocada padece de condições de vida piores que a população pobre (CPEM, 2010).

Os papéis de gênero que geram o deslocamento estão ligados ao imperativo de garantir a solução das necessidades básicas das famílias e às oportunidades encontradas para consegui-lo. A impossibilidade de acessar o mercado de trabalho ou a incorporação às atividades econômicas que reproduzem papéis tradicionais que não requerem maiores habilidades seguem sendo os maiores obstáculos para que as mulheres deslocadas superem sua condição e a discriminação de gênero.

Por força das circunstâncias, as deslocadas têm assumido, em muitos dos casos, a responsabilidade pela manutenção de suas famílias. Aprender a conhecer e desenvolver-se na atmosfera dos trâmites burocráticos do Estado (quando têm que ir a diversas agências estatais e privadas para gerenciar a assistência humanitária consignada na legislação referida ao deslocamento forçado interno), a participar de diversas organizações para reclamar seus direitos e a manipular diferentes referências de espaço culturais (são mais complexos que

aqueles nos que se desenvolviam antes do deslocamento). Estes fatores têm contribuído, em alguns casos, com a criação de novas expectativas, à procura de novas fortalezas e habilidades para o início de projetos que levem a uma vida nova, contribuindo com o questionamento dos papéis de gênero em meio à adversidade (CPEM, 2010).

Segundo CODHES (2009, apud CPEM, 2010), a ocupação das mulheres antes de serem deslocadas, resumia-se a trabalhos domésticos não remunerados nem reconhecidos em seus lares. A grande maioria não fazia parte de associações sociais, políticas ou econômicas. As mulheres, após o deslocamento, continuam uma tendência a ocupar serviços domésticos, no próprio lar e em lares de terceiros, o que evidencia as estruturas patriarcais que historicamente se mantêm no que diz respeito aos papéis laborais.

Pelas circunstâncias de superlotação dos lugares onde moram essas mulheres deslocadas e suas famílias, o risco de serem vítimas de múltiplas agressões sexuais é muito maior. As maiorias dos acontecimentos violentos que geraram o deslocamento apresentaram-se como atos de violência contra ela ou contra suas filhas. Muitas vezes, mesmo em seus serviços, após o deslocamento, as adolescentes são vítimas de abuso sexual ou são colocadas na prostituição. A violência intra familiar é também uma das características do deslocamento pela crítica situação que atravessa o grupo familiar; os níveis de irritabilidade e respostas violentas são altos, sendo as principais vítimas destas hostilidades as crianças e as mulheres.

### **Capítulo 3. O Testemunho como uma estratégia metodológica**

O testemunho é uma inegável fonte de informação dos eventos acontecidos no passado, mas tem sofrido muitas críticas. No entanto, o iminente valor que eles carregam tem dado seu lugar na reconstrução do passado e na elaboração de estratégias de justiça nas esferas políticas, sociais e econômicas, como acontece no caso dos deslocados internos colombianos.

Sendo assim, Beatriz Sarlo faz referência às ditaduras na América Latina e seus testemunhos:

Quando acabaram as ditaduras do sul da América Latina, lembrar foi uma atividade de restauração dos laços sociais comunitários perdidos no exílio ou destruídos pela violência de Estado. Tomaram a palavra as vítimas e seus representantes (SARLO, 2007, p. 45).

Segundo Sarlo (2007), o choque da violência de Estado não foi uma barreira para escutar e construir a narração da experiência sofrida. As ditaduras representaram uma ruptura de época e, mesmo assim, não existiu o emudecimento. Pelo contrário, os discursos testemunhais demonstraram ser importantes para restaurar uma esfera pública de direitos.

No caso da guerra colombiana, os testemunhos têm grande valor, mas devem ser respaldados por provas reais concretas para que se acreditem neles. O sistema de registro da população deslocada feito pelo governo, por exemplo, exige que as pessoas, além do testemunho, mostrem documentos de identificação e muitos detalhes para corroborar a verdade da narração e, assim, serem beneficiados pela lei que as protege. O terceiro setor é também uma parte da sociedade colombiana e mundial muito interessada neste tipo de testemunho, para construir um relato mais real do que é o conflito armado que os governos preferem, às vezes, calar ou alterar.

Os testemunhos das vítimas das guerras ou do deslocamento são, como para qualquer outro país, um bem que procura fazer justiça; uma justiça mais humana e que realmente

defende o direito à vida, procurando abrir caminhos para um reconhecimento e uma redistribuição justa desta população, que precisa abrir novos espaços em outros contextos sociais totalmente desconhecidos a eles, como a vida nas grandes cidades.

A memória em si mesma tem sido considerada também como uma força desestabilizadora contra das narrativas hegemônicas; a memória desafia interpretações dominantes do passado e altera o local e o particular, o que sempre lembra a dependência de supostas relações dominantes conhecidas. Nota-se como um testemunho pode aniquilar uma complexa crença de um coletivo, tendo a memória um poder catalisador que procura neutralizar o poder que uma antiga narrativa pode ter sobre um povo.

Nesta linha Beatriz Sarlo (2007) diz:

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem em concorrência à memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil nessas perspectivas sobre o passado é um desejo ou lugar comum (p. 9).

Complementando com Sarlo (2007), além de toda decisão pública ou privada, além da justiça e da responsabilidade, há algo que não se pode abordar no passado. Ele sempre está aí, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou, como uma nuvem, que não ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. Não se preside do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; ele também não é convocado por um simples ato de vontade. O retorno do passado nem sempre é libertador, mas pode ser uma captura do presente. “*Em condições subjetivas e políticas ‘normais’, o passado sempre chega ao presente*” (SARLO, 2007, p. 10). Assim, os deslocados colocam suas dolorosas lembranças para irromper no presente. Muitas vezes isso é manifestado mesmo que não se diga, uma vez que a presença deles nos locais da cidade faz com que a sociedade evoque testemunhos similares dos quais foram, por alguma circunstância, ouvintes.

O argumento de Beatriz Sarlo (2007), na primeira pessoa do testemunho, e as formas do passado que daí resultam, quando o testemunho é a única fonte (porque não existem outras) ou porque se considera que ele é o mais confiável. Não se trata simplesmente de uma questão sobre a forma do testemunho, mas de sua produção e das condições culturais e políticas que o tornam fidedigno.

Correspondem mais que à supressão efetiva de alguma coisa que deveria ser lembrada a um tema cultural, que em países donde houve: violência, guerra ou ditaduras militares se entrelaçam com a política. *“Pelo fato de denunciar o horror, o discurso sobre os crimes tem outras prerrogativas, por comportar um vínculo entre horror e humanidade”* (SARLO, 2007, p. 48).

O testemunho é inseparável da auto-designação do sujeito, que é testemunha, pois esteve no lugar onde os fatos ocorreram. É indivisível de sua presença no local do fato e tem a opacidade de uma história pessoal “afundada em outras histórias”. Por isso é admissível a desconfiança. Ao mesmo tempo, o testemunho é uma instituição da sociedade, que tem a ver com a esfera jurídica e com o laço social da confiança. Quando o testemunho narra a morte ou a violação extrema, esse laço estabelece também uma cena para o luto, fundando, assim, uma comunidade ali onde ela foi destruída (SARLO, 2007).

No caso dos deslocados colombianos, seus testemunhos são o fio condutor de sua nova razão de ser. Eles carregam o luto da guerra colombiana e o transmitem na medida em que contam sua história de deslocamento. O passado sempre está no presente, sobretudo nestes seres que carregam consigo a responsabilidade de dar seus testemunhos para, assim, criar uma comunidade na qual todos estão juntos por essa perda, desenvolvendo estratégias de sobrevivência e redes de apoio para sair da miséria desta situação.

Para Sarlo (2007), o discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se de uma posição no futuro.

Justamente por isto também é creditado a ele um efeito reparador na subjetividade. É nesse aspecto que aparecem as apologias do testemunho como *cura* para identidades em perigo. Esta idéia é muito difundida no trabalho com as comunidades que migram forçadamente, como se vê nos três retratos anteriores; eles estão exteriorizando, por meio de uma dinâmica, sua história e representando, com um travesseiro no colo, o que foram seus sonhos (DOS MUNDOS, 2008).

Ainda segundo Sarlo (2007), a proliferação do detalhe individual nos testemunhos, fecha os caminhos da intriga e é apresentada como se ela pode-se ou deve-se representar um todo, completo e consistente; porque o detalhe o certifica, sem ter que demonstrar sua necessidade. Além disso, o detalhe reforça a tonalidade da verdade íntima do relato: o narrador que se lembra de modo exaustivo será incapaz de passar por alto o importante, nem forçá-lo, pois o que narra formou um desvão pessoal de sua vida, e são fatos que ele viu com seus próprios olhos.

A impureza do testemunho é uma inesgotável fonte de vitalidade polêmica, mas também requer que seus detalhes não sejam esquecidos na fase do impacto da primeira pessoa que fala por si e estampa seu nome como a reafirmação da sua verdade. Como o primordial de qualquer outro discurso, as intenções de verdade do testemunho são: uma exigência de prerrogativas, se no testemunho o anacronismo é mais inevitável que em quais quer outro gênero de história, não obriga a aceitar o inevitável como inexistente; isto é, esquecer justamente porque não é possível eliminá-lo. Ao contrário é preciso lembra a qualidade anacrônica porque é impossível eliminá-la. (SARLO, 2007)

Os detalhes e o anacronismo dos testemunhos são fontes de animação deles mesmos, querendo entender o testemunho como um dado histórico *verdadeiro* e *sólido* que pensa ficar exposto num museu. Os testemunhos são fluidos, subjetivos, que não procuram ter uma finalidade expositiva e sim uma finalidade reflexiva, que questiona seus ouvintes ou leitores e

gera conflito aos interesses políticos que pretendem silenciá-los ou mantê-los como dados históricos fixos, somente dignos de estar em uma exposição que não impliquem um questionamento ou reflexão.



## Capítulo 4. Pesquisa de Campo

### 4.1. Escolhas teórico-metodológicas

Tendo em vista todo o panorama teórico problematizado nos capítulos anteriores, podemos notar que uma série de questões de âmbito psicossocial estão envolvidas no processo de deslocamento das mulheres Colombianas.

Uma vez que buscamos com este trabalho apreender o significado dado pelas mulheres sobre sua própria situação de migração forçada, a metodologia qualitativa se mostra como a mais adequada, já que permite a apreensão dos dados obtidos em termos de seu conteúdo, e não de sua objetividade. Segundo Minayo,

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2008, pág. 57)

Para a realização da coleta de dados foram realizadas entrevistas com mulheres em situação de deslocamento, com o objetivo de recolher o testemunho das mesmas. Estas entrevistas foram norteadas por um roteiro semi-estruturado, elaborado de acordo com os objetivos e discussões teóricas realizadas no primeiro momento desta pesquisa. Isso permitiu a abordagem dos tópicos propostos, evitando a fuga da temática estabelecida e ainda possibilitou a abrangência de discussões não previstas, porém relevantes para a compreensão da problemática proposta. Esta estratégia metodológica se tornou imprescindível para que a dinâmica da entrevista não fosse dada pelo pesquisador, mas pelas experiências e significações de cada sujeito.

No roteiro de entrevista construído, foram abordados aspectos diversos relacionados à experiência das entrevistadas em relação ao período anterior à migração, às condições que impulsionaram seu deslocamento, como foi o processo de deslocamento e as condições de

vida atuais. Também foram abordadas as relações com família e sentimentos em relação ao deslocamento e suas conseqüências. (Ver Anexo A).

Como resultado desta abordagem, podemos ver que partindo do ponto de vista das próprias mulheres foi possível entender o contexto social de onde surgem as narrativas, permitindo o acesso às vivências e experiências do feminino. As narrativas das mulheres se projetam do mesmo modo que negociam seus papéis cotidianamente e ao longo de sua vida, e também contam o processo de construção de sua identidade. (D'ÁVILA NETO, BAPTISTA, 2007). Os testemunhos das deslocadas têm o suficiente peso para incitar à reflexão.

Para a análise dos dados obtidos durante a fase de pesquisa de campo, optou-se pela adoção da Análise de conteúdo enquanto metodologia de sistematização dos dados e produção teórica. Este modelo de análise foi escolhido por permitir “uma leitura de primeiro plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material” (MINAYO, 2008, pág. 308). Mas deve-se esclarecer que as entrevistas têm características de testemunhos por que se referem a um determinado momento histórico e social. Com uma finalidade reflexiva, que questiona seus ouvintes ou leitores e gera conflito aos interesse políticos que pretendem em silenciar-os ou mantê-los como dados históricos fixos.

Em termos operacionais, buscou-se seguir o modelo descrito por Nazareth (2003), que divide a análise de conteúdo em 6 fases.

A primeira fase foi aquela de leitura do material bruto obtido a partir das transcrições dos testemunhos e registro das impressões suscitadas por este primeiro contato. O objetivo, nesta fase, foi ampliar das idéias sobre o material.

Uma segunda etapa compreendeu uma leitura já sistematizada, com marcação de trechos considerados relevantes para o contexto da pesquisa. Foi relevante considerar todas as entrevistadas de forma igualitária, não direcionando a atenção a um conteúdo específico.

A terceira fase, ainda seguindo o modelo proposto por Nazareth (2003), foi a de categorização dos dados obtidos levando-se em consideração a bagagem teórica em relação às temáticas abordadas.

A quarta e quinta fase correspondem, respectivamente, a um retorno nos textos transcritos das entrevistas para busca de informações adicionais às categorias e a conseqüente reformulação das mesmas.

Por último, foi realizada a análise e discussão dos resultados obtidos em cada uma das categorias. (NAZARETH, 2003)

Buscando assegurar o cuidado ético em todas as fases da pesquisa, as entrevistadas receberam o termo de consentimento (Ver Anexo B) em que questões como sigilo das informações e das identidades foram esclarecidas. Nesse sentido, elas serão identificadas durante a exposição dos resultados da pesquisa de campo por números de 1 a 10.

#### 4.2. Os testemunhos – procedimentos

O presente estudo foi realizado em parceria com a *Fundación de Atención al Migrante (FAMIG)*, situada na cidade de Bogotá, capital da Colômbia. A *FAMIG* é uma instituição sem fins lucrativos ligada à *Arquidiócesis de Bogotá*, que tem por objetivo a sensibilização para a questão da mobilização e deslocamento através de várias ações. Dentre estas, destacam-se o acolhimento, apoio psicossocial, formação e capacitação da população deslocada; bem como a conscientização acerca dos direitos humanos dos mesmos, o apoio por meio da disponibilização de abrigos, proteção e recursos para situações de emergência, e a formação de agentes para o trabalho com migrantes.

Criado em 1995, o *Centro de Atención al Migrante (CEMIG)* atua hoje em Bogotá, atendendo migrantes que são encaminhados por entidades do estado de registros para as pessoas deslocadas *RUPD*, e que ao se registrarem procuram por ajuda.

Há atualmente um grupo de freiras missionárias brasileiras que dirigem o trabalho na *FAMIG*, o que facilitou o contato para a realização das entrevistas, uma vez que pesquisa estava sendo desenvolvida em uma universidade brasileira reconhecida.

Tendo se estabelecido a parceira com a instituição, Assistente Social foi contactada, a quem cabia a acolhida inicial de todos aqueles que procuravam a instituição. A colaboração desta profissional foi imprescindível, tendo em vista que era ela quem fazia o primeiro convite à participação na pesquisa àquelas mulheres que participavam de seu acolhimento.

Importante ressaltar que este convite era feito de modo que as mulheres tivessem total liberdade para recusar a proposta, considerando-se a situação de risco em que se encontravam. A adesão à proposta de realização de uma entrevista foi difícil de ser obtida. De cada 20 mulheres que passavam pelo acolhimento da *FAMIG*, cerca de apenas 3 delas se propunham a dar seus testemunhos. A justificativa para a não adesão à pesquisa foi sempre a do medo de se expor, visto que a maioria das mulheres que procura o serviço sofre ameaças físicas, por parte de algum dos grupos armados envolvidos no conflito colombiano.

A idéia metodológica inicial desta pesquisa incluía a realização de filmagens desses testemunhos de forma a garantir o anonimato das pessoas, assegurando apenas a obtenção de imagens em que a pessoa entrevistada apareceria de costas para a câmera.

Gestos e entonações poderiam assim ser incluídos ao material de análise. Entretanto, essa idéia foi prontamente descartada no contato com o campo, uma vez que foi verificada a recusa total da realização de imagens por parte das mulheres, que não queriam ter nem mesmo suas silhuetas captadas pelas câmeras. Desta forma, as entrevistas foram filmadas com enquadres apenas em paredes, o que assegurou a captação apenas das vozes das entrevistas.

Após a realização de todas as entrevistas, elas foram cuidadosamente transcritas e analisadas de acordo com o processo já descrito de análise. Neste ponto é importante ressaltar que as entrevistas feitas com estas 10 mulheres deslocadas têm características de testemunhos

porque se referem a um determinado momento histórico e social da vida de um país como Colômbia, e da América Latina como região.

#### 4.3. As mulheres da pesquisa

Como já foi mencionado, as participantes da pesquisa foram mulheres que se disponibilizaram a compartilhar seus testemunhos de maneira voluntária e de forma que isso não oferecesse nenhum risco a ela ou a sua família na participação na pesquisa.

Foram entrevistadas 10 mulheres com faixa etária entre 16 e 55 anos, no período de 21 de julho a 25 de agosto de 2010. Entretanto, com o objetivo de não interferir na dinâmica da instituição em questão, a ida a campo foi realizada com frequência de apenas duas vezes por semana. Todas as mulheres se encontravam em situação de deslocamento interno, ou seja, tiveram que migrar forçadamente de seus locais de moradia por ameaça de vida proveniente dos grupos armados atuantes no conflito colombiano.

As entrevistas duraram cerca de 30 minutos e foram realizadas na FAMIG, em Bogotá. O local da realização da entrevista é, portanto, o ponto final de migração de todas elas até a data da entrevista.

Os locais de onde essas mulheres partiram quando iniciaram seus deslocamentos são diversos. Também podemos observar que 3 delas tiveram mais de um deslocamento, sendo que aquela que teve o maior número de migrações se deslocou por 3 vezes. Por sua vez, aquela que teve seu primeiro deslocamento mais antigo, o fez no ano de 1998.

Outro dado interessante é que todas elas são mães ou estão grávidas. Todas as que viviam com seus companheiros tiveram que os deixar, e algumas tiveram também que deixar seus filhos e família.

Por último, podemos ver ainda que dentre as 10 mulheres entrevistadas, apenas 3 delas tiveram seu deslocamento ocasionado por ameaça de grupos guerrilheiros à terceiros, 6 delas

foram diretamente ameaçadas e uma delas, que teve dois deslocamentos, passou por ambas as situações.

Uma exposição simplificada dos dados que caracterizam as entrevistadas pode ser vista no quadro.

Quadro 1. Características das mulheres entrevistadas

Sujeito	Idade	Data entrevista	Data e local de partida <sup>16</sup>	Data chegada Bogotá	Data Registro Deslocamento	Número de locais por onde passou	Número de filhos	Com quem morava antes do deslocamento?	Com quem mora atualmente?	Motivo do deslocamento
<b>1 Maria</b>	16	21/7/2010	28/4/2010 – El Diamante/ San Pablo/ Bolivar	05/5/2010	07/5/2010	San Pablo – Bucamaranga – Bogotá	1 filho grávida de 4 meses	Marido e filho	Mãe e outros deslocados	Ameaçada pelas FARC, levaram o marido, estavam recrutando
<b>2 Rosa</b>	32	26/7/2010	29/4/2010 – Dolores/ Tolima	01/5/2010	Não foi falado na entrevista	Dolores – Bogotá	1 filha	Pais, 2 irmãs e filha, uma das irmãs e a filha são “especiais”	Irmã e a filha	Ameaça das FARC, vendia frango para os paramilitares
<b>3 Yuri</b>	41	26/7/2010	10/7/2010 – El Bordo/ Patia/ Canca	11/7/2010	13/7/2010	Bordo – Bogotá	2 filhos 1 filha	Filhos e sobrinha	Filhos, sobrinha, amiga e marido da amiga	Ameaçada pelo grupo paramilitar “Águias Negras”, a sobrinha se envolveu com um dos guerrilheiros
<b>4 Dora</b>	55	28/7/2010	20/7/2010 – Chaparral/ Tolima	21/7/2010	21/7/2010	Chaparral – Bogotá	8 filhos	Esposo e filha mais nova	Filha	Ameaçaram recrutar a filha
<b>5 Chirli</b>	39	28/7/2010	Buenaventura - Bogotá	Jul/2010		3 deslocamentos: 1º deslocamento: Recogimiento – Bogotá 2º deslocamento: Buenaventura – Bogotá 3º deslocamento: Mina de ouro (interior perto de Buenaventura) –	4 filhos	Mãe, irmão, marido e 4 filhos	Mãe e irmão, 4 filhos	Recrutamento dos dois irmãos e desentendimento do companheiro com grupos armados

<sup>16</sup> Se refere à data de saída da última cidade em que a entrevistada esteve até Bogotá.

						Bogotá				
<b>6 Liliana</b>	23	04/8/2010	18/4/2010 - Armênia		29/6/2010	Armênia – Bogotá	1 filho	Companheiro e filho	Sozinha	Foi cortejada por um guerrilheiro paramilitar.
<b>7 Yolanda</b>	34	04/8/2010	30/4/2010 – Armênia (o primeiro deslocamento foi em fev/2009)	01/5/2010	Não foi falado na entrevista	<u>2 deslocamentos:</u> 1ª deslocamento: San Vicente de Caguan – Armenia 2ª deslocamento: Armenia - Bogotá	3 filhos	Pai do filho mais novo	Com os avós do filho mais velho	Primeiro deslocamento para proteger a filha mais velha que iria ser recrutada; segundo porque ajudou guerrilheiros das FARC a se desmobilizarem.
<b>8 Marilda</b>	16	09/8/2010	29/3/2010 – Tierralta / Córdoba	30/3/2010	21/06/2010	Tierralta – Bogotá	grávida de 3 meses	Companheiro	Prima	Companheiro era das FARC
<b>9 Rita</b>	29	25/8/2010	Data não especificada – Neiva / Huila (1º deslocamento em 1998)	jan/2010	06/8/2010	Mocóa – Neiva - Bogotá	1 filho 1 filha	Pai, mãe e filhos	sozinha	Pai era político em Mocóa, foi ameaçado de morte
<b>10 Olivia</b>	27	25/8/2010	04/8/2010 - San Pedro de Urabá/ Antioquia	05/8/2010	23/8/2010	San Pedro - Bogotá	2 filhas gêmeas	Companheiro e 2 filhas	Amiga e 2 filhas	Ameaçada pelo grupo paramilitar “Águias Negras”, que estava recrutando mulheres.



#### 4.4. Os resultados pesquisados

As categorias que surgiram depois da leitura e releitura do material são três, as quais têm suas subcategorias correspondentes:

1. O cotidiano no meio do conflito armado
2. O deslocamento
  - 2.1. A ameaça
  - 2.2. Os caminhos até chegar a Bogotá
  - 2.3. Em Bogotá há mais ajuda
3. Cotidiano do deslocado
  - 3.1. Burocracia
  - 3.2. A ajuda informal
  - 3.3. A perda
  - 3.4. A Discriminação
  - 3.5. O futuro, Bogotá como refugio e o ponto de começo de uma nova vida

O deslocamento é uma categoria que está baseada em dados concretos de experiências da vida como era antes do deslocamento e como foi a trajetória do deslocamento. A terceira categoria vai ainda trabalhar com testemunhos muitos baseados não no concreto da experiência, mas em algumas subcategorias como: o futuro, os dados extraídos estão num nível mais abstrato, uma vez que não são relatos de experiências vividas, são idéias, sonhos e impressões que elas têm sobre a situação que estão vivendo.

## 1. O cotidiano no meio do conflito armado

O interior da Colômbia sempre foi o principal cenário de guerra, esta característica do conflito armado colombiano aparece nas questões abordadas pela população entrevistada. Estas mulheres deslocadas em sua maioria moram no interior do país e foram vítimas dos enfrentamentos do dia a dia dos grupos armados (paramilitares, guerrilha) e do exército.

Podemos ver como Maria narra que um dos seus problemas no casamento era que seu marido ia para um sítio vizinho a “*raspar*”<sup>17</sup>, o que demonstra que as atividades que implicam a produção de drogas fazem parte do cotidiano desta família.

Ele ficava em um sítio, às vezes ele ia e “*raspaba*” em um sítio e eu ia cozinhar em outro. Por isso ficávamos brigando, e às vezes aí aonde ele ia “*raspar*”, mas ele já tinha um cozinheiro, então eu ia para outro lugar, aí mesmo no “*Diamante*” eu ia para outro sítio.

*El mantenía en una finca, a veces él iba y raspaba en una finca y yo me iba a cocinar en otra. Por eso manteníamos peñando y a veces ahí donde iba a raspar él ya tenían un cocinero entonces yo me iba pa otra ahí mismo en El Diamante yo me iba pa otra finca.*

O interessante da fala de Maria é que ela não discutia com o marido pelo fato de este ir a “*raspar*” coca, uma vez que no interior do país isso é uma atividade comum. As discussões aconteciam porque no lugar onde ela ia trabalhar já havia uma pessoa que cozinhou e desse jeito ela se sentia deixada de lado por seu marido, o pai do seu filho, o qual está desaparecido. Mas ao mesmo tempo lembra com nostalgia os bons momentos com seu marido, que foi levado embora pela guerrilha e não tinha notícias dele até a data da entrevista. Ela conta que:

As únicas coisas positivas então, com o homem que tive, foi que com ele viajei muito, a verdade antes do deslocamento nos saíamos à cidade e passavam os tour,... e assim viajei muito com ele.

---

<sup>17</sup> Raspar: é o verbo utilizado para se referir à retirada ou ato de colher a folha de coca da planta.

*Las únicas cosas positivas pues, con el muchacho que tuve, que tenía, por qué? Porque con él viajé mucho, la verdad antes del desplazamiento nosotros salíamos al pueblo y pasaban los tur, habían tur y nosotros... viajé mucho con él.*

O caso de Dora conta que por causa do conflito seus dois irmãos foram assassinados

Tinha dois irmãos, mas os mataram.

*Tenía dos hermanos pero los mataron.*

Dora não especifica como foi a morte de seus irmãos. Em alguns casos os grupos armados recrutam pessoas e, caso estes se oponham, são mortos; ou ainda, a obrigatoriedade da prestação do serviço militar, o qual na Colômbia é obrigatório. Pessoas que se recusam em ambos os casos são geralmente assassinadas e suas famílias ameaçadas. Este fato será mais observado em detalhe na categoria: o deslocamento – subcategoria: a ameaça.

Os casos de Chirli e Yolanda merecem ser analisados mais devagar, uma vez que elas foram vítimas de deslocamentos anteriores, o que é um reflexo da situação crítica dos civis no meio do conflito. A razão pela qual são analisados os deslocamentos anteriores nesta categoria são as vivências do cotidiano no meio do conflito e as experiências do deslocamento que estão vivendo neste momento, que serão abordadas na categoria: o deslocamento. Com esta breve introdução ao caso de Chirli e de Yolanda, pode-se entrever no testemunho que os deslocamentos têm marcado profundamente sua trajetória de vida num nível individual, familiar e social. Nas palavras de Chirli:

Já com este, são três deslocamentos. <sup>18</sup> Porque no primeiro nos tiraram porque chegaram lá, e lá mesmo chegaram a matar ao meu irmão, por que resistiu ao ser levado pela guerrilha, e então voltaram a chamá-lo e bateram muito nele, e o ameaçaram que tínhamos que sair de lá.

---

<sup>18</sup> O que significa que nesta categoria serão analisados os dois deslocamento anteriores e o terceiro que é o atual será abordado na categoria: O deslocamento.

*He tenido ya con este tre desplazamiento.<sup>19</sup> Porque es que resulta que del primero los sacaron porque llegaron a éste, a, a, ahí mismo que llegaron a matar a mi hermano, a llevárselo entonces él puso resistencia, y entonces volvieron a llamarlo y lo golpearon todo a él, y lo amenazaron que nos fuéramos de allá.*

Neste primeiro deslocamento, o irmão seria recrutado, eles moravam no interior. Uma vez que ele se opôs a servi-los, o agrediram, ordenando-os que deixassem o sitio da família, fazendo com que o núcleo familiar migrasse junto para Bogotá. Chirli continua:

*Aqui, aqui, aqui duramos aproximadamente cerca de três anos e então eu não estava gostando de morar aqui em Bogotá, nos voltamos... Não a *Recogimiento*<sup>20</sup>, e sim para o mesmo *Buenaventura*. Issssssooo, lá isso fico mau porque supostamente num bairro tinha ali “*Paras*”, pois se fazem passar por “*Paras*”, e outro bairro supostamente se fazem passar por guerrilha, e então no segundo deslocamento iam levar a meu irmão, e então ele iria por onde eles quisessem e nãoooo. Então baterem nele e, além disso, iam se meter com minha mãe e o ameaçaram que não podíamos ir mais para Buenaventura porque matariam meu irmão. Então voltamos outra vez para Bogotá.*

*Aca, aca, aca duramos aproximadamente como unos trej año y entonces yo no este como no nos amañamos nos volvimos a ir pa pa este lo volvimo a devolver... A *Recogimiento* no, sino para para el propio Buenaventura. Eeeesssoo y, y, y, y, y allá no, eso ahora se coloco mal porque que es supuestamente e e en un barrio disque ahí “*Paras*”, pues se hacen “*Para*”, y otro barrio supuestamente se hacen pasar por guerrilla, y entonces el según desplazamiento se iban a llevar a mi hermano y entonces lo iban a poner lo que ellos quisieran y noooo. Y entonces lo estrompiaron todo también y además y y se iban a meter con mi mamá y lo amenazaron que no podíamos ir mas por Buenaventura porque sino lo mataban a mi hermano Noooooo y volvimos otra vez para acá para Bogotá, póngale cuidado, y ahora.*

Como não gostaram de morar em Bogotá, depois de três anos decidiram migrar voluntariamente para Buenaventura (a cidade mais próxima do antigo sítio familiar, mas eles nunca voltaram ao sítio). Quando os grupos armados paramilitares e guerrilheiros urbanos começaram a perseguir seu irmão, agrediram-no, chegando inclusive a ameaçar a mãe do sujeito em questão, o que fizeram com que voltassem para Bogotá:

*Aqui ficamos... desde 2007 há pouco tempo que minha tia nos chamou para que fôssemos trabalhar em uma mina.*

---

<sup>19</sup> O que significa que nesta categoria serão analisados os dois deslocamento anteriores e o terceiro que é o atual será abordado na categoria: O deslocamento.

<sup>20</sup> Interior perto de Buenaventura. E Buenaventura é ma cidade de mediano porte no nordeste colombiano

*Uhyyy este ah este acá nos quedamos... dende dende 2007 haaasta hora que que mi tía eeeessooo que mi tía que nos fuéramos a trabajar a una mina.*

Uma tia os convida para voltar à região, naquele momento, porém trabalhando em uma mina de ouro. Eles voluntariamente ficam na mina por dois anos e voltam a ser ameaçados, produzindo o deslocamento atual, o qual será mais detalhado na próxima categoria.

Analisando-se o caso de Yolanda, que passou por dois deslocamentos<sup>21</sup>, observa-se que antes de ser deslocada, esta já havia passado por várias migrações voluntárias, à procura de uma vida melhor para ela e para seus filhos. Yolanda narra com muita tristeza o fato de que não tem contato com sua filha mais nova há muito tempo:

*Minha outra filha pelo mesmo motivo do deslocamento que tive e tudo, não posso tê-la comigo faz dois anos. Eu só sei que esta em Barranquilla, mas não tenho conseguido me comunicar com ela nem nada. Ela esta com a madrinha de consagração, só sei que está em boas mãos.*

*Mi otra hija por el motivo de desplazamiento que tuvo y todo, no la he podido tener conmigo hace dos años. Y por la situación de desplazamiento, que tuve no la puedo tener conmigo, hace dos años que yo, solo sé que está en Barranquilla, pero no me he podido comunicar con ella ni nada. Ella esta con la madrina de confirmación, solo sé que está en buenas manos.*

Este fragmento mostra como o cotidiano do conflito fragmenta a situação familiar das pessoas, quando, além de serem obrigadas a migrar, também são obrigadas a se separarem. O fato da separação familiar já apareceu em alguns outros fragmentos como este, e será uma constante nos relatos das deslocadas. É possível constatar o fato de que na contemporaneidade os relacionamentos não são estáveis, são transitórios, frouxos e alterados pelos deslocamentos.

*Quando eu tive que sair, depois de isso, de San Vicente del Caguán viajei para Quindío, quando cheguei ao Quindío ela (minha filha) morava num bairro e eu em outro bairro por causa do deslocamento, pois me ajudaram, ficando ela de um*

---

<sup>21</sup> Nesta categoria sera analisado o primeiro deslocamento o segundo que é o deslocamento presente será analisada na categoria: O deslocamento

lado e eu de outro para não ter muita comunicação porque sempre somos perseguidos muito, por que ela justamente quem a queria levar era um comandante. Para a proteção da minha filha, porque foi um comandante que se apaixonou por ela e, como fosse, ele a queria levar com ele. Ela estava muito entusiasmada para ir com ele. Mas ela não sabia as conseqüências. Ela não estava consciente porque em primeiro lugar ela sempre foi criada na cidade e á gente que trabalhou no campo já sabe como é a guerra por lá, como a gente sofre, o que eles têm que andar e tudo, mas a ela, eles nunca lhe disseram como é realmente a vida lá, mais ou menos lhe prometeu que ia levá-la para morar como uma rainha e tudo mais, mas as coisas não iam assim, quem já conhece as coisas, sabe que não é assim.

*Cuando yo tuve que salir, después de eso, de San Vicente del Caguan viaje al Quindío, cuando llegue al Quindío ella vivía en un barrio y yo en otro barrio. Ella vivía en un barrio y yo vivía en otro barrio y por ese motivo, y por el motivo de desplazamiento pues me colaboraron teniéndola a ella en un lado y en otro pa no tener tanta comunicación porque siempre nos han seguido mucho, por ella, justamente el que la quería llevar era un comandante. Por protección de mi hija porque fue un comandante queee se enamoro de ella y sea como sea que el .... El se la llevaba. Ella estaba muy entusiasmada pa irse Pero ella no sabia las consecuencias. Ella no estaba consciente porque en primer lugar ella siempre se ha criado en la ciuda y a uno que trabaja en el campo y todo uno ya sabe como es la guerra por allá, como es la lo que yo sufre, lo que ellos tienen que andar y todo, ya pero a ella, ellos nunca le dicen a ella, vea esto es así, por ahí le prometió que la iba a llevar a vivir como una reina y todo, pero las cosas no iban así, uno que ya se conoce las cosas, no es así.*

No fragmento anterior, Yolanda explica como ela teve que deixar San Vicente del Caguán por causa de sua filha mais velha, que se apaixonou por um comandante paramilitar e queria partir com ele. Então ela se desloca para outro lugar onde a filha é cuidada por outra pessoa, uma vez que era perigoso ficar com ela. Não é muito claro no relato em que momento a filha é enviada para Barranquilla, onde mora atualmente. No relato da mãe (Yolanda) é clara a preocupação pela nova vida no interior, o que sua filha teria que enfrentar se ela decidisse mesmo partir; uma vez que ela havia crescido em um contexto rural e seus filhos não. A vida no interior atualmente, à luz da globalização hegemônica, é fadada ao fracasso, principalmente se a família estivesse correndo riscos e ameaças por um grupo armado. O deslocamento desta mulher levou à desintegração de sua família, na luta para viver em um contexto mais urbano.

Para fechar a análise dos fatos relatados por Chirli e Yolanda, é interessante nestes fragmentos vislumbrar como a complexidade dos fluxos migratórios na atualidade se configura, uma vez que é uma trajetória atravessada por migrações voluntárias e forçadas de contextos rurais a urbanos e de urbanos a rurais, e como o conflito armado está atravessando transversalmente a migração na Colômbia e na América Latina.

O relato de Rita é também muito interessante já que ela vem de uma família dedicada à política na região onde moravam. Ela conta que inicialmente morava num sítio com sua família é que mudaram para a capital do departamento<sup>22</sup>

Sim era um sítio pequeno, nós do sítio fomos morar em Mocoa então, porque meu pai e minha mãe gostam muito de política. Eles estavam envolvidos colaboraram, entende? Então por isto, a guerrilha os ameaçou de morte e falaram que minha família era objetivo militar. Meu pai me mandou viver em Neiva, pois ele às vezes ia me visitar porque ele era quem me ajudava e tudo; além de tudo, ele a vida toda sempre foi muito apegado a mim, ou seja, ele me quer, ou seja sempre me mimou muito.

*Si era una finquita, es que nosotros de la finca nos salimos a vivir a Mocoa, Mocoa, Mocoa, entonces.. porque mi papá y mi mamá les gustó mucho la política. Ellos estaban ahí metidos que a colaborar, que bueno, sí me entiende? Entonces esto, la guerrilla los amenazó de muerte y decían que mi familia era objetivo militar. Mi papá me mandó a vivir a Neiva, pues él de vez en cuando me iba a visitar porque él era el que me colaboraba y todo, además él toda la vida siempre estaba muy apegado a mí, o sea él me ha querido, o sea siempre me ha querido muchísimo.*

A ligação de Rita com seu pai levou a guerrilha a localizá-la em sua nova moradia na cidade de Neiva.

Mas o que acontece é que eu me pareço muito com ele, muito, muito, muito, então por isso a guerrilha achou minha localização em Neiva, sim?. Eles foram lá, me localizaram, iam em diferentes horas, diferentes dias, diferentes meses, iam diferentes, em formas diferentes de roupas e me falavam que eu tinha que dar a localização de meu pai, era meu pai, paizinho (repete várias vezes, como cinco) Então falei eu não sei nada dele porque eu vim como vocês podem ver. Mas eles falaram: nós sabemos que você sim sabe por que você é muito apegada a ele e nós vamos fazer algo bem bom, que vai doer para ele e que essa dor vai acontecer através você, porque eu me pareço tanto com ele. Então até no final me ameaçaram e me puseram uma .... Na cabeça, que se eu não falasse iriam me

---

<sup>22</sup> Como foi dito antes, os departamentos colombianos equivalem aos estados brasileiros na divisão política do país.

matar, ou que na minha família ia acontecer uma tragédia, e isso foi dito e feito. Pois eu tenho um tio, tinha um tio, melhor dito, e ele já com ele não falava muito, mas sim às vezes, ele me chamou e me disse: sobrinha, tenho um problema grande, estão me ameaçando de morte. Eu disse: como assim? Por que ele também parece com meu pai, então eu disse: tio, e por que não procura refúgio ou vai como..., ele era o presidente da associação dos moradores do bairro, eu falei para ele procurar proteção. Eu disse; por que você tem filhas e tudo e ele disse: você já sabe que há uma prima minha, filha dele, que ela tentou ver como a guerrilha matava as pessoas, ela assistiu. Então eu disse: tio, com todo o que aconteceu, por que não pede proteção? Vai que acontece uma desgraça. Atentaram contra ele no dia 17 de junho. Eu falei que tinha muita vontade de ir vê-lo, mas que entendesse que eu estava grávida, eu tinha 8 meses e meu tio queria proteção ... eu quero ir para onde você está, mas aqui também eu estou ameaçada e ele de novo pediu proteção ele tinha que ficar sempre trocando de lugar, tinha que ficar onde um tio, onde uma prima, onde um vizinho, onde um amigo; e aconteceu que no 5 de agosto às 8 da noite, não me lembro bem a hora, eles o mataram, dois homens numa moto dispararam e o mataram, ele morreu às 10 da noite no hospital, de onde eu venho deslocada.

*Pero lo que pasa es que yo me parezco mucho a él, muchísimo, mucho, mucho, mucho, entonces esto, la guerrilla dio con mi ubicación en Neiva, si?. Ellos fueron allá, me ubicaron, iban a diferentes horas, diferentes días, diferentes meses, iban diferentes, en formas diferentes vestidos y me decían que yo tenía que darles la ubicación de mi papá, era mi papá, papito (lo repite varias veces, como cinco) Entonces les dije yo no se nada de él porque yo me vine como ustedes pueden ver. No, nosotros sabemos que usted si sabe porque usted es muy apegada a él y, y, y nosotros vamos hacer algo bien bueno que a él le va a doler y que ese dolor lo va a causar por intermedio suyo, porque yo me parezco tanto a él. Entonces hasta que lo último me amenazaron y me pusieron un .... en la cabeza, que si yo no les decía que me iban a matar, o sino que en mi familia iba a pasar una desgracia, entonces eso fue dicho y hecho. Ee, yo tengo un tío, tenía un tío, mejor dicho, y él ya, y él, pues no nos hablábamos mucho pero sí de vez en cuando, él me llamó y me dijo: sobrina, tengo un problema grandísimo, me están amenazando de muerte, yo le dije cómo así?, porque él también se parece a mi papá, entonces esto, yo le dije: tío y porqué usted no busca un refugio o, o, o va, como él era el presidente del barrio, de la junta, le dije porqué no busca usted protección? Porque usted tiene hijas y todo y le dije: usted ya sabe que hay una prima mía, hija de él, que ella trato de ver como la guerrilla mataba a las personas, ella veía, ella veía, tuvo siquiatra. Entonces yo le dije: tío, con todo lo que ha pasado porqué no pide protección, qué tal que de pronto una desgracia. A él le hicieron el atentado en 17 de junio. Yo le dije que yo tengo muchas ganas de ir pero entiéndame que yo estoy embarazada de mi niño, yo tenía 8 meses y mi tío quería protección ... (no se entiende) yo me quiero ir para donde usted, yo le dije tío no porque yo también estoy acá amenazada y él, y mi tío pidió protección a una parte, y a otra, no, y tenía que quedarse donde un tío, donde una prima, donde un vecino, donde un amigo; y resulta que el 5 de agosto a las 8 de la noche, es que no me acuerdo bien de la hora, a él lo mataron. Dos tipos en una moto le dispararon y lo mataron, yyy él murió a las 10 de la noche en el hospital, de donde yo vengo desplazada.*

Na vida de Rita, ocorreu previamente ao deslocamento atual uma migração voluntária de sua cidade a outro centro urbano um pouco maior, uma vez que o pai achava perigoso que sua filha morasse com eles, pelo fato de ele e toda sua família serem objetivo militar



para a guerrilha. Lamentavelmente, um tio foi assassinado e seu pai deixou o país há dois anos, sendo agora um refugiado. Ela descreve com muita nostalgia o fato de estar separada de sua família, pois seus irmãos também estão deslocados. Ela tem pouco contato com seus parentes e com seu pai. A fragmentação da família novamente aparece como uma forte característica no cotidiano dos deslocados.

A vida em meio ao conflito armado implica em muito sofrimento, e a ter que se habituar a situações muito dolorosas no dia a dia. A maioria das 10 pessoas entrevistadas moravam no interior, se dedicavam à prática da agricultura, ao cuidado de animais e as tarefas do lar. Poucas terminaram o ensino médio, só uma entrou para a faculdade, com dois semestres em enfermagem, e duas não sabem ler nem escrever. A precariedade dos serviços de saúde e educação são evidentes e a resignação pelas mortes, desaparecimentos e maus tratos pelos grupos armados parece estar presente nos dez testemunhos.

## 2. O Deslocamento

Esta categoria surge da necessidade de entender como acontece o deslocamento, pois como foi definido no primeiro capítulo, este tipo de migração não é voluntária e implica em várias variáveis que serão analisadas na continuação em três subcategorias.

### *2.1. A Ameaça*

Esta subcategoria pretende mostrar o tipo de ameaça que levou as entrevistadas a se deslocarem, podendo ser observado como nas particularidades de cada caso a experiência alterou a vida de cada uma delas e a de suas famílias. Para o presente estudo, esta subcategoria é relevante, uma vez que nela se materializa o elemento determinante que caracteriza as migrações destas mulheres como deslocamento.

O marido de Maria foi levado pela guerrilha de madrugada, sendo ela obrigada a deixar o sítio onde morava com seu filho:

Pois meu marido, o pai do menino; foi levado. Me falaram que se eu não partisse, que se eu não saísse de lá, eles tirariam o meu menino de mim e também levariam eu com eles. Estavam recrutando homens, mulheres e crianças.

*Pues a mí el marido mío, el papá del niño se lo llevaron, se lo llevaron. Me dijeron que si yo no desocupaba, que si no me salía de ahí me quitaban al niño y me llevaban también a mí. Estaban reclutando hombre, mujeres y niños .*

Até presente momento, ela não tem notícias de seu marido, uma vez que ele não tem telefone celular e não tem ligado para o único celular da família, que é o dela.

O testemunho de Rosa descreve como o fato de desenvolver um comércio de animais (frangos) no meio do conflito levou-a a ser ameaçada, tendo que se deslocar, já que a ameaçaram de desaparecimento como seu vizinho (do qual também não se tem notícias) que criava e vendia cerdos. O relato diz:

Onde morávamos tinha uma avicultura ou seja um galpão e vendíamos frangos, mais ou menos uns 300 ou 400 frangos, eu morava bem com esse negócio... eu vendia ao.. ao exército quando passavam por lá e lá numa roça também vendia às pessoas de lá, e assim foi que no dia 29 de abril, eles foram à casa e compraram seus frangos e depois no dia seguinte chegou essa, outras pessoas e então falaram para mim, ameaçaram falando que se eu vendesse mais e subministrasse mais alimento a essas pessoas, que iria acontecer comigo o que aconteceu com o vizinho. Pois o vizinho vendia porcos, também era o mesmo, ele subministrava alimento a essas pessoas (ao exército) e ele não quis, foi descuidado, ele pensou que não ia acontecer nada, quando perceberam que ele tinha continuado nisso, então as pessoas vieram e ele foi levado. Então até agora não se sabe nada, se o mataram ou se está vivo.

*Donde vivíamos tenía un cultivo de pollos o sea un galpón y vendía pollos, más o menos unos 300 o 400 pollos, vivía bien de eso más de lo que nos pagaban allá y... entonces yo le vendía a.. al ejército cuando pasaban por allá y allá en una vereda también le suministraba a la gente de allá y eso fue como el 29 de abril que pasó eso, ellos fueron a la casa y compraron sus pollos y eso y al otro día de habersen ido ellos llegó esa, la otra gente y entonces me dijeron que, me amenazaron diciéndome que si yo les vendía más, le suministraba más alimento a esa gente que me iba a pasar lo de un vecino. Pues el vecino vendía cerdos, también era lo mismo, le suministraba alimento a esa gente (al ejército) y él no quiso ponerle cuidado a eso, él pensó que iba a pasar nada, cuando se dieron cuenta que él había seguido en eso, entonces la gente vino y se lo llevó. Entonces esta es la época que no se sabe si todavía lo tienen o lo mataron, no se sabe nada.*

O ponto de conflito da venda dos animais radicou no fato de que estas pessoas vendiam a toda pessoa que quisesse comprar: guerrilheiros ou membros do exército, o que não foi tolerado pela guerrilha, que desapareceu com o vizinho e ameaçou Rosa.

O caso de Yuri, a ameaça, diferentemente das anteriores, foi feita por um grupo paramilitar que surgiu depois que as AUC foram desmobilizadas, durante o segundo mandato do presidente Uribe. Esta ameaça está ligada à violência de gênero, pois os paramilitares pretendiam ter relacionamento afetivo com as filhas do sujeito. Uma delas acabou por ter um relacionamento afetivo com um deles, e em meio a ameaças, Yuri é obrigada a partir:

As ameaças de um grupo “*Las águilas negras*”<sup>23</sup> ou “*mano negra*”<sup>24</sup> como eram chamados, onde começaram a molestar as meninas, uma delas ficou enamorada de um deles, começaram a colocar bilhetes embaixo da porta, ameaçando, quando as crianças iam para a escola os atacavam, os roubavam, no menino bateram muito, ficou meio morto e estavam obrigando ele a consumir drogas. Essa situação durou cerca de quatro ou seis meses. Mas quando eu descobri, quando eu já percebi, ela já estava tendo um relacionamento com o sujeito.

*Las amenazas de un grupo “Las águilas negras” o “mano negra” que le llamaban, donde empezaron a acosar a las niñas, una de ellas se enredó con uno de ellos, empezaron a a meter panfletos por debajo de la puerta, amenazando, cuando los niños iban para el colegio los atacaban, los robaban, al niño me le, me le dieron una estropeada que casi me lo dejan es medio muerto. Y lo estaban obligando a consumir drogas. Esa situación duró como unos cuatro o seis meses. Pues cuando yo descubrí, cuando yo ya me dí cuenta, ella ya rato estaba enredada.*

Com a menina envolvida com o sujeito paramilitar e seus filhos consumindo drogas, Yuri se sente decepcionada porque não percebeu antes a situação, o que somente aconteceu quando as ameaças foram colocadas embaixo da porta e seus filhos homens foram abordados aos golpes na porta da escola.

---

<sup>23</sup> Grupo paramilitar.

<sup>24</sup> Grupo paramilitar.

O testemunho de Dora também está ligado a uma ameaça que envolve características do gênero. Queriam recrutar sua filha para levar para fazer a comida e os deveres de uma mulher, como observamos na fala da Dora:

É sim. Muita violência, não deixaram a menina mais nova estudar, pois ameaçaram a menina. Queriam levá-la para recrutá-la. Que estava muito boa para fazer comida e todas essas coisas (*vainas*, ver nota de rodapé, página 23). Sim, depois das eleições que viriam, eu o que podia fazer... E a menina desesperada para vir comigo. E meu esposo bastante, bastante aterrorizado.

*Eee si. Mucha violencia, no me dejaron estudiar a la niña menor, pues porque me amenazaron la niña. Sí, me la amenazaron y que tenía que irse pa, pa la fila. Que taba muy buena pa que hiciera de comer y toda esa vaina<sup>25</sup> Si. Que después de las elecciones que, ai veían que hacía. Y la niña pues desesperada a venirse conmigo. Y mi esposo bastante, bastante atemorizado.*

A situação de ameaça a sua filha levou Yuri a partir com sua filha do local. O grupo armado que as ameaçava lhes deu um prazo para partirem, e advertiram que se não partissem, iriam levá-la depois das eleições presidenciais, que aconteceram este ano. É interessante observar como os grupos armados dão avisos para permitir que a família possa se deslocar, como se na verdade o interesse não estivesse em recrutar essa menina, mas nas terras nas quais a família mora, fazendo com que se deslocassem para ficar com o território. Chirli representa uma trajetória muito complexa em seus dois deslocamentos anteriores. Como foi dito na categoria anterior, foi relatada a última ameaça recebida que causou o último descolamento de sua família, lembrando que Chirli sempre se deslocou e migrou com toda sua família.

Porque agora ele tem... Pois pensava ele, pensávamos em ir de viagem para as terras, para as terras onde minha mãe, mas não, meu marido teve um problema... e então desapareceram com ele, já tem cerca de um, já há um mês, ou um mês e meio que... Pois estava trabalhando na mina. Meu marido teve um problema lá com um desses supostamente, pois eles não dizem seus nomes. Pois visto que era um guerrilheiro, teve um problema e desapareceram com ele, e então aí o ameaçaram que se não saíssemos do lugar, sumiriam conosco, iam desaparecer com minha filha e com meu filho, que tem quinze anos e com German, que é

---

<sup>25</sup> Vaina: é um sinônimo de coisa. Neste caso, a expressão quer dizer “cumprindo todos os deveres femininos” (inclusive os sexuais)

surdo-mudo, que tem uns quarenta e dois anos, então... saímos de lá sem nada. Aqui eu tenho que lutar para meus filhos terem o que precisam e ajudar a minha mãe também, então aqui eu devo ficar até o dia que...

*Porque este ahora el este el el este term, pues pensaba él, pensábamos irnos del viaje para tierras para tierras donde mi mamá, pero no, no ve que mi marido tuvo en un problema... y entonces sí este lo desaparecieron porque ya tiene que como un, ya un mej, como y mej y, como un mej larguito no? Como un mej larguito que... Trabajando en la mina. Póngale cuidao este que mi marido tuvo un problema allá con uno pues supuestamente no con que se hacen pasar disque si porque tenían los este pues no decían nombre. Eeessoo disque disque disque por guerrilla más que todo tuvo un problema y lo desaparecieron, y entonces ahí lo fueron a amenazar que si nos veníamos lo desaparecerían, si no nos desaparecíamos de allá me iban a desaparecer a mi hija y a mi hijo que tiene los quince años y y y a German que es sordo-mudo que tiene los cuarenta y dos años, entonces... nos vinimos y y sin nada, póngale cuidao, y entonces yo vivi acá yo tengo que lucha para sacar a mis hijos hacia delante y ayudar a mi mama también, entonces acá quedarme hasta el día que...*

O relato mostra com detalhes o que aconteceu com seu marido, desaparecido a vários meses, e sendo seus filhos ameaçados pelos grupos armados, eles tiveram que se deslocar pela terceira vez.

O caso de Liliana acontece num contexto urbano. Ela se instala com seu marido e filho em um bairro de Armênia, e neste lugar ela é ameaçada por paramilitares. A ameaça implica em uma questão de gênero, como se pode ler na continuação:

Quando nós chegamos ao bairro “Gibraltar” em “Armenia”, havia um garoto que era paramilitar, o garoto começou a me perseguir, eu não dava confiança para ele, eu era uma mulher casada, então começou com ameaças, que se não, que se eu não ficasse com ele, ia machucar meu filho, que ele sabia o horário de trabalho de meu marido, que ele sabia a que horas saía, a que horas voltava, então eu disse não, como assim, por isso eu denunciei ele à policia que deram seguimento ao caso, e a policia percebeu que o garoto estava ainda mais insistente, então a policia me falou que era melhor que eu me fosse. Quando o garoto percebeu que eu ia embora, que ia retirar o menino da creche... não sei quem lhe contou... Os fofoqueiros do bairro que nunca faltam, começou a fazer ameaças à professora, e a professora passou o caso ao “Bienestar Familiar”. O “Bienestar Familiar” me ligou, pediram para eu contar o que estava acontecendo, eu contei para eles. Eles me falaram que o melhor que eu podia fazer era deixar a guarda temporal do menino com pai para proteger a criança e para eu também me proteger. Ainda os do ICBF me recomendaram deixar Armenia, e passaram o caso à policia, pois eles devem fazer isso por que é uma ameaça contra um menor de idade, então eu aceitei.

*Lo que pasa es que cuando nosotros llegamos al barrio Gibraltar en Armenia había un muchacho (3 y 50) que era paramilitar, el muchacho empezó a perseguirme, a perseguirme, a perseguirme, yo no le paraba bolitas, yo era una mujer casada, tonces comenzó a con amenazas, que si no le paraba bolas, que si*

*no me iba con él le hacía daño al niño, qué él sabía el horario de trabajo de mi esposo, qué él sabía a qué horas salía, a qué horas dentrababa entonces yo dije no, como así, tonces debido a eso yo le puse un denunció, la policía le siguió un seguimiento, un seguimiento y como vio era más intenso todavía, entonces la policía me dijo que más bien mejor que se vaya. Cuando el muchacho se dio cuenta que yo me iba a ir, iba a sacar al niño del jardín, no se quien le contaría.. Si, los chismosos del barrio que nunca faltan, comenzó a hacerle amenazas a la profesora, la profesora pasó el caso al Bienestar Familiar, Bienestar Familiar me llamó a mí, me dijo que le comentara el caso, qué estaba sucediendo, entonces yo le comenté, entonces me dijo lo mejor que usted puede hacer es darle la custodia temporal al papá del niño, para qué?, nosotros hacemos eso es para proteger al niño y para en parte para protegerla a usted, es preferible que usted se vaya de Armenia, nosotros vamos a pasarle el caso a la policía, usted verá si sigue el denunció o no, pero nosotros tenemos que pasarlo porque es una amenaza contra un menor, entonces yo acepté.*

Vale sublinhar neste testemunho a situação limite que se desenvolveu pela “vontade” de um paramilitar ter um relacionamento afetivo-sexual com Liliana, que sem se importar com conseqüências, atuou com todo seu poder para prejudicar a vida desta mulher. A ameaça se estendeu até a professora da escola de seu filho, e este também foi ameaçado, tendo que ser, por este motivo, entregue ao abrigo do ICBF, entidade do governo que protege a família. Liliana teve que partir da cidade rapidamente, escoltada pela polícia, deixando seu filho aos cuidados do estado, sem a oportunidade de conversar com seu marido, que se encontrava trabalhando. O marido não encontrado mulher nem filho ao chegar a casa, é informado muitas horas depois pelo ICBF, sendo orientado a recuperar a guarda de seu filho. Depois de alguns dias, Liliana (já em Bogotá) consegue entrar em contato com o pai do bebê, ele termina o relacionamento, e o marido quer entregar a guarda do bebê a ela. Este testemunho ilustra claramente como a ameaça que ocasionou o deslocamento muda a trajetória das pessoas vitimadas. O poder desmedido dos grupos armados causa profundas feridas na sociedade colombiana.

Yolanda passou por um deslocamento, sendo descrito a seguir a ameaça que levou ao seu segundo deslocamento:

Bom, quando já tivemos o segundo deslocamento, cheguei a uma cidade no estado do “Quindío”, conheci outro garoto e tivemos uma relação, da qual hoje temos um filho... É meu filho mais novo.

Então com ele fomos à rodoviária em um dia qualquer, é lá a gente se encontrou casualmente com três garotos que eram guerrilheiros como ele, e ele falou: ah eles são companheiros meus, lhes falei para ajudar eles a se desmobilizarem (entregarem as armas), o pai do meu filho já tinha se desmobilizado e poderia ajudá-los. Falamos com os garotos, os levamos para o batalhão do exército e entregamos tudo e pronto, eles se desmobilizaram, e hoje também têm uma vida saudável hoje em dia, eu sei que eles estão em “Villavicencio”, mas não sei onde, sei que estão nessa cidade. E, de lá do “Caquetá” os guerrilheiros perseveraram a desmobilização deles, porque dois dos desmobilizados são membros importantes da guerrilha, líderes da guerrilha. E de lá por isso me seguiram e me..., do “Caquetá” essa semana me mandaram uma encomenda com endereço e telefone completo e esse pacote foi pego pela guerrilha e por isso chegaram onde eu morava no “Quindío”.

Chegaram e me ameaçar, olhe, aqui estão as marcas das feridas feitas com uma faca. Eu consegui fugir, deixei as crianças com um vizinho, já depois chegamos com a polícia, e recolhi as crianças.

*Bueno, cuando ya tuvimos el segundo desplazamiento, que llegue al pueblo al departamento del Quindío, distinguí a otro muchacho y tuvimos una relación, en la cual hoy en día tuvimos el fruto de un hijo ... Es el niño pequeño.*

*Bueno, entonces con él cuando fuimos en el terminal del Quindío nos encontramos con tres muchachos que eran guerrilleros también, y el dijo: ah esos son compañeros míos, le dije y si porque no los ayudas a desmovilizar, ya tú te desmovilizaste desmovilízalos a ellos, hablamos con los muchachos los llevamos al batallón los entregamos y todo listo, ellos se desmovilizaron, también tienen una vida sana hoy día, yo se que están en Villavicencio, pero no sé donde, en que parte, se que están por esos lados. Eee, de allá del Caquetá se dieron cuenta que esa ca, desmovilización porque los dos desmovilizados son cabecillas, tres cabecillas muy principales de la guerrilla alguien muy importante , si eran cabezas duras, y de allá por eso hicieron seguimiento y me, del Caquetá esa semana me mandaron una encomienda con dirección y teléfono completo y eso lo cogió la guerrilla y por eso llegaron a donde yo estaba en el Quindío.*

*Llegaron y me amenazaron, inclusive acá tengo unas cortadas por un puñalada que me hicieron y me les alcance a escapar, le deje los niños encargados a un vecino ya después llegamos con la policía, sacamos los niños.*

O relato de Yolanda tem uma grande diferença, ela foi atacada e consegue escapar com seus filhos e por este motivo acontece seu segundo deslocamento. Na sua narração, aparecem alguns detalhes de como o fato de ela estar envolvida com um guerrilheiro desmobilizado, que é seu atual marido e pai de seu filho mais novo, e pela ajuda dada a outros guerrilheiros que queriam se desmobilizar, fez com que fosse seguida pelo grupo armado, chegando a ser atacada na sua própria casa, conseguindo fugir.

A ameaça a Marilda é também muito interessante, pois ela estava casada com a pessoa que vai ocasionar seu deslocamento:

Porque chamaram. Primeiro por que quando meu marido me puxou e me mandou para o chão e me pegou pelo braço me apertando, me falou: “a casa ou sua vida” e eu falei: “te dou a casa, mas a minha vida não”. Então eu perguntei para um garoto amigo dele o que estava acontecendo, ele falou: “o que acontece é que ele e nós somos guerrilheiros e estamos fazendo uma operação”, eu falei que era impossível, e ele me explicou que a minha casa ia ser invadida, nessa mesma hora, porque eles iam entrar em várias casas e uma delas era a minha. Por isso ele queria que eu deixasse tudo naquela mesma hora. Assim eu não sabia o que fazer...

*Porque llamaron. Primero porque cuando él me empujó él vino y me cogió por el brazo y me dijo que.. la casa era mi vida y yo le dije “te doy la casa pero la vida mía no” entonces un muchacho le pregunté qué era supuesto amigo de él, me dijo “no, él y nosotros somos guerrilleros y tamos haciendo un derrame”, dije imposible, porque aquí vamos a meter, ahorita mismo nos vamos a meter, nos vamos a meter nosotros en casas, y nosotros queremos que te, que desocupes la casa rápido. Y yo no sabía qué hacer.*

Marilda não sabia que seu marido, de quem esperava um filho era guerrilheiro, e que o real interesse dele é ficar com a casa dela para desenvolver uma estratégia de guerra.

Eu já tinha um ano e meio com ele. Isso para mim foi terrível, sair da minha própria casa. Saber que custou muito trabalho.

*Yo ya llevaba año y medio. Eso para mí fue muy terrible, salir de mi propia casa. Saber que costó mucho trabajo.*

A casa de Marilda era própria; ela a tinha comprado com ajuda de sua mãe. Lamentavelmente, depois de que ela soube que o marido é guerrilheiro e que estava com ela com interesse de ficar com a casa, o tema da gravidez fica mais complicado, pois o bebê também começa a ser ameaçado.

Quando eu falei para ele que estava grávida, ele me falou que não, que não tinha direito a responder por um bebê, porque supostamente ele não dava para ter bebê nem nada, e se eu decidisse ter o bebê, ele falou que o iria matar. E eu falei “não, se você o mata, não será? Melhor eu te dou a casa, e a vida do meu filho e a minha você deixa em paz”.

*Cuando yo le dije que estaba embarazada me dijo que no, que no tenía derecho a responder por un bebé, porque supuestamente a él no le daban para tener bebé ni nada, y si lo tenía él era capaz de matarlo. Y yo dije “no, si tu lo matas, no se era ¿?? Mejor yo te doy la casa y la vida de nosotros normal”*



Novamente aparece a vulnerabilidade feminina como vítima de um engano e a ameaça frente à prioridade do desenvolvimento de uma estratégia militar da guerrilha. Mesmo o triunfo de ter comprado uma casa com seu trabalho, e o da sua mãe, é destruído pelo domínio masculino representado por este guerrilheiro e o cumprimento de sua estratégia, que denota o profundo machismo que caracteriza o conflito armado colombiano. Desta forma, fica iminente a necessidade de uma abordagem com um enfoque de gênero à população deslocada, reconhecendo as características femininas destas e suas ameaças que, em muitos casos, estão diretamente ligadas ao fato de serem mulheres.

Lembrando que o deslocamento de Rita tem como antecedente o fato de ela pertencer a uma família dedicada à política, seu tio assassinado, (como foi analisado na categoria anterior), continuando o relato:

E então eu falei que eu não podia esperar mais, então eu lembrei quando me falaram que alguém iria morrer, assassinato e tudo isso... Eles tinham falado que minha família era objetivo militar, que eu tinha que lhes dar informação dos meus pais porque do contrário, na minha casa iria acontecer uma tragédia e foi quando mataram meu tio. Claro, me ameaçaram, e o último foi que me colocaram uma arma na cabeça e me falaram que eu tinha que morrer ou ver morrer alguém da minha família por parte de pai. Claro, eu falei como vou ficar aqui, então foi quando eu vim pra cá (Bogotá).

*Y ya entonces yo dije yo no espero más, entonces yo me acordé y devolví el caset cuando me dijeron que iba a haber muerto, atentado y todo eso...Ellos me decían que mi familia era objetivo militar, que yo tenía que darles información de mi papá porque o sino esto, en mi casa iba a suceder una tragedia y fue cuando mataron a mi tío. Claro, me amenazaron, y lo último fue que me pusieron un revolver en la cabeza y me dijeron que yo tenía que morirme o yo ver morir alguien de mi familia por parte de mi papá. Claro, yo dije como voy a quedarme acá, entonces fue cuando yo me vine.*

A morte do tio de Rita foi a concreta ameaça que a faria se deslocar, caso contrário seria a próxima vítima, pois a guerrilha queria saber onde estava seu pai, fazendo com que toda sua família paterna virasse alvo deste grupo armado.

O testemunho de Olivia é mais sucinto e o mais contundente. Ela também é ameaçada por um grupo paramilitar, que quer recrutar mulheres para que trabalhem:

Por culpa de umas... de un grupo armado que se chama “Las Águilas Negras”. Falaram para eu sumir ou me matavam. Estavam recrutando mulheres lá no povoado para...Créu

*Por culpa de unas... de un grupo armado que se llama “Las Águilas Negras”. Me dijeron que me desapareciera o me mataban. Estaban reclutando mujeres allá en el pueblo para...Mmjj*

Olivia não é muito direta em suas palavras, insinuando que eles tinham a intenção de recrutar as mulheres para os trabalhos da casa, mas também para fins sexuais e responde com um significativo “Mmjjj”, o que corresponde a expressão popular “créu” em português.

Esta subcategoria é bastante relevante, uma vez que se queria abordar particularmente o testemunho de cada sujeito para ilustrar a variedade de situações que podem causar o deslocamento na Colômbia. As características destas ameaças de deslocamento são únicas, mas ao mesmo tempo constantes nos relatos, além do fato da agregação ou ameaça que envolve a condição de gênero e a fragmentação familiar que ocorre ao acontecer o deslocamento.

## *2.2. Os caminhos até chegar a Bogotá*

Esta subcategoria pretende ilustrar os vários momentos que vivem estas pessoas durante seu deslocamento até chegarem ao destino marcado, onde se evidencia que este tipo de migração, forçada, acontece em várias tonalidades e percursos. Nesta subcategoria não serão abordados todos os testemunhos, como na categoria anterior, por que nem todas as entrevistadas relataram como foi este percurso até Bogotá em muitos detalhes.

Maria teve que percorrer uma viagem muito cumprida até chegar a Bogotá:

Eu saí de vez no outro dia de lá (do sitio) e com 8 dias comecei a viagem para cá (Bogotá). Eu fui para “Bucaramanga” e em “Bucaramanga” me ajudaram com as passagens.

*A los 8 días yo cogí, yo salí de una vez al otro día de allá y a los 8 días me vine para acá (Bogotá), Yo me fui pa Bucaramanga y en Bucaramanga me ayudaron pa los pasajes.*

Neste fragmento pode-se observar que a viagem de Maria tomou vários dias até chegar no seu destino final, Bogotá. Ela explica:

*Quando saí do sitio, na mesma hora foi para onde estava minha mãe. Eu sei dirigir as canoas porque eu sei pescar. Depois caminhei até o pfer e de lá a passagem até “Bucaramanga” custou 30 mil pesos. Em “Bucaramanga” cheguei até a rodoviária de ônibus e lá minha tia me pegou, uma irmã da minha mãe. Eu tenho o telefone dela, eu liguei para ela. Daí ela me levou a casa dela e me falou que o ônibus para Bogotá saía à noite e ela já tinha as passagens. Eu tinha falado com ela e lhe falei da situação pela qual eu estava passando, e ela me ajudou com as passagens e uma prima, (uma filha dela), me ajudaram com as passagens, e me falou para que estivesse me comunicando, e que aqui em Bogotá iria ter mais ajuda que lá onde estava ela.*

*Cuando salí de la finca yo di una vez me fui pa donde mi mamá yo dejó, Yo fui como yo se del manejo de pesca también mi mamá tenía una canoa yo le dije. y pues caminé hasta el puerto y de ahí del puerto me costó 30 mil el pasaje hasta Bucaramanga, en Bucaramanga llegué hasta el Terminal en bus y de ahí me fueron y me recogieron mi tía una tía que tengo, una hermana de mi mamá. Yo tengo el teléfono de mi tía, yo la llamé. De ahí me llevó a la casa de ella y me dijo que el bus p´ acá<sup>26</sup> salía en la noche y ella ya me tenía los pasajes yo había hablado con ella y le dije la situación que tenía y ella me ayudó con los pasajes y una prima, (una hija de ella), me ayudaron con los pasajes, y me dijo que me estuviera comunicando que aquí tenía más ayuda que allá donde ella.*

Maria utilizou vários tipos de transporte como navio, ônibus local e ônibus interurbano, tendo também que caminhar e pegar uma canoa até a casa de sua mãe que foi o primeiro refúgio que encontrou após levarem seu marido. Ao sair da casa de sua mãe, vai ao porto para viajar pelo rio, e em algum momento do trajeto deixa o barco e toma um ônibus que a deixa na rodoviária de Bucaramanga<sup>27</sup>, onde sua tia a recolhe e a encaminha para Bogotá. As últimas passagens são compradas pela tia e a prima. Está claro o esforço que teve que empreender esta pessoa em situação de deslocamento, uma vez que este tipo de viagem acontece sem planejamento, com poucos recursos, com o medo iminente da ameaça, a dor da perda e sem planejamento futuro; com seu filho em seus braços. Estas

---

<sup>26</sup> Para Bogotá

<sup>27</sup> Capital do departamento de Santander, o departamento onde ela tem seu sitio com seu marido.

características se apresentam bastante barrocas, em relação ao que Boaventura de Souza Santos colocaria como “por o caráter de surpresa”.

Nos testemunhos das deslocadas em que o ponto de partida do deslocamento se deu em um contexto urbano, a situação é totalmente diferente. Liliana, por exemplo, é diretamente auxiliada pela polícia, que chegam inclusive a pagar por sua passagem para Bogotá e a escoltam até a Rodoviária.

A policia falou que era melhor que eu saísse de “Armenia”, que eles me acompanhariam até a rodoviária e que se fosse possível, eles me deixariam dentro do ônibus, e assim aconteceu. Eles pagaram tudo e me tiraram de lá.

*La policía me dijo que era mejor que me saliera de Armenia que ellos me acompañaban hasta el Terminal y que si era posible ellos me, me mandaban. Así pasó. Ellos me costaron todo y me sacaron.*

O caso de Yolanda, que já carrega toda a experiência de um deslocamento anterior, também se dá em um contexto urbano, quando se dirige ao escritório que acolhe os deslocados (*Acción Social*) na cidade onde mora, onde lhe é dado o dinheiro para viajar para Bogotá.

Não, eu fui para “Acción Social” fui lá e dei a versão dos fatos, em “Acción Social” me ajudaram com as passagens.

*No yo arrime a Acción Social fui y di la versión en Acción Social y allá me colaboraron con el pasaje, con los tiquetes.*

Os dados nesta subcategoria estão relacionados ao tema da complexidade dos fluxos migratórios, que não acontecem em linha reta de um ponto A até um ponto B. Para alcançar B, em geral, (que não por coincidência neste caso é Bogotá) o percurso é curvilíneo e vários obstáculos precisam ser superados.

Quando o ponto de partida se dá contexto rural, os obstáculos a serem superados são mais concretos, no que diz respeito ao território. Passam de um lugar a outro, atravessam o rio, andam a pé por quilômetros. No contexto urbano como ponto de partida, os obstáculos

entre A e B não estão tão ligados ao território como um lugar concreto, estando mais ligados à necessidade de ter dinheiro para se transportar de um espaço a outro, o que faz com que o território seja entendido de maneira diferente. O que se evidencia nos relatos é que as experiências passadas pelos deslocados que saem do interior são maiores e ligados à resistência física e apoio familiar, que aqueles que vivenciam as pessoas que se deslocam saindo de uma cidade. Estas últimas precisam ter o conhecimento das entidades que apóiam os deslocados ou o poder público, e assim pedir auxílio para chegar a Bogotá, sem o auxílio da família ou amizades, até este momento.

### *2.3. Em Bogotá há mais ajuda*

É constante escutar nos relatos das mulheres entrevistadas que lhes é dito que em Bogotá há mais ajuda. Para o presente estudo, o deslocamento no contexto atual em um mundo globalizado sugere um interessante ponto a ser analisado. A maioria dos 10 deslocamentos analisados tem como ponto de partida o interior, e assim estas pessoas ao chegar aos centros urbanos mais próximos dos seus sítios ou vilarejos, são orientadas pelos familiares ou moradores destes centros urbanos intermediários a continuar a viagem até Bogotá, onde há mais ajuda. O testemunho de Rosa é um claro exemplo:

Pois eu saí da minha terra para o povoado mais próximo, lá tenho um tio, na casa dele passei uns três dias e me falaram pra eu vir aqui em Bogotá pra receber ajuda para os deslocados, para o auxílio que davam. Também uma amiga de lá do povoado me contou que com a irmã dela tinha acontecido o mesmo, então também me recomendou vir para Bogotá.

*Pues yo salí de mi tierra al pueblo y allá tengo un tío, allá me estuve como tres días y me dijeron que porqué no venía aquí a Bogotá a eso de los desplazados, sí a las ayudas a uno, que el daban. También Una amiga de allá en el pueblo y a la hermana también le pasó lo mismo entonces me dijo lo mismo.*

Yolanda, que migra forçadamente desde um centro urbano intermediário, também coloca:

...e eles (os policiais) me falaram para vir para cá, para Bogotá, falaram que era uma cidade maior onde podia estar mais tranqüila com minha família, e, bom, isso foi o que fizemos vir para cá.

*...y ellos ( los policias) me dijeron que porque no me venía para acá pa Bogotá, que era una ciudad más grande onde podíamos estar más tranquilos, y si eso lo hicimos.*

O fato de estas pessoas serem orientadas para se abrigar em Bogotá sugere a imagem que os colombianos têm da capital como o centro do país, onde as coisas acontecem e os problemas podem ser resolvidos e sonhos alcançados. Estes dados vão ser corroborados com a subcategoria: Bogotá como refúgio e ponto de começo de uma nova vida que esta inserida na categoria: cotidiano do deslocado.

### 3. Cotidiano dos Deslocados

Esta categoria pretende ilustrar como é o dia a dia das pessoas deslocadas, querendo analisar uma dimensão mais abstrata, a qual compreende subcategorias nas quais as deslocadas narram suas impressões, sentimentos, idéias sobre seu momento atual e o que pretendem do futuro. Tendo também presente as experiências vivenciadas no contexto atual.

#### *3.1. Burocracia*

Ao existir uma legislação que reconhece e atende à população deslocada de maneira diferencial, há alguns requisitos que esta população deve realizar para conseguir este status. O primeiro requisito para ser reconhecido como deslocado é efetuar o registro em algum dos centros que efetuam este registro, que estão em vários lugares da cidade. Após o registro, o deslocado é cadastrado no sistema para esperar a ajuda, que é liberada depois de um mês ou mais. Recebem uma bonificação de ajuda e também são encaminhados para centros de atenção especializados em deslocados, como é o caso do FAMIG. Esta nova

realidade de tramites e escritórios, que os deslocados devem enfrentar, implica em se movimentar dentro da cidade (enfrentar filas, entrevistas, horários, etc.) e estar constantemente ligados às diferentes oportunidades e benefícios que estas instâncias dão para eles, mas que ao mesmo tempo não são o suficientemente eficientes para dar uma ajuda contundente a estas pessoas.

O testemunho de Maria é muito interessante neste aspecto:

Ela é deslocada, eu estava primeiro na carta dela, eu disse que eu queria fazer minha declaração em separado porque eu já tinha meu próprio deslocamento. Minha mãe desde 2008 é deslocada.

*Ellas es desplazada Yo estaba primero en la carta de ella yo le dije que quería hacer mi declaración aparte porque yo ya había tenido mi desplazamiento. Mi mamá desde el 2008 es desplazada.*

A mãe da entrevistada é também deslocada e ela está inserida na lista da mãe para receber atenção como deslocada, Ela pretende, entretanto, ter sua própria carta, pois ela já teve seu próprio deslocamento e tem uma criança para cuidar. Esta carta representa o reconhecimento no qual ela faz questão de procurar e garantir seus benefícios, para a distribuição de comida, cheques e até casas que o governo dá a esta população. Assim Maria continua falando sobre como já foi atendida ainda não satisfeita, devido a um atraso na liberação da ajuda.

Na “UAO” nada, somente uma bonificação e foi a bonificação de emergência. Quando me deram essa ajuda de emergência me pediram para que esperasse um mês. Já passou um mês e nada. Eu fui hoje estava em “Bosa Kennedy” e me falaram que eu ainda não tinha saído no sistema.

*En la UAO nada, un solo bono y es el bono de emergencia. Cuando me dieron el bono de emergencia me dijeron que esperara un mes. Ya pasó un mes. Yo fui, incluso hoy estaba en Bosa Kennedy y me dijeron que todavía no había salido en el sistema.*

Também Maria coloca que o governo poderia ajudar mais:

Pois com as ajudas humanitárias e o projeto produtivo, porque é isso que tenho escutado. O que eu entendo por projeto produtivo é que fazem com que a gente se

inscreva, dão uns cursos e não dão o dinheiro, pois o que a gente quer é trabalhar é isso que eu queria.

*Pues con las ayudas humanitarias y el proyecto productivo, porque eso he escuchado. Que entiendo yo por el proyecto productivo? Entiendo que le hacen unos que uno se anote, le hacen un curso y le dan no la plata sino lo que uno quiera trabajar y eso quisiera.*

Maria tem bastante experiência neste tipo de burocracia, conhecendo os projetos que o governo está desenhando para dar mais cobertura às necessidades dos deslocados.

O relato de Rosa é o mais sucinto, e mostra como durante esses trâmites ela tem conhecido mais deslocados, que têm lhe dado muitas informações de como se locomover dentro destas instâncias burocráticas.

Pois quando a gente vai para fazer a declaração... quando eu fiz a declaração vi muitas pessoas que... E escuto os comentários das pessoas, como tem passado por essa situação, porque precisaram sair de lá.

*Pues cuando uno va a, cuando yo rendí la declaración uno ve mucha gente.. y escucha los comentarios de la gente, cómo le ha tocado, por qué les ha tocado salir de allá.*

O testemunho de Yuri trata sobre uma reunião para a qual foi convocada pela prefeitura local de onde mora, para receber mais ajuda e orientação de como assumir esta nova vida, sendo reconhecida pelo estado.

Me convidaram para uma reunião no sábado lá mesmo ao lado da prefeitura de “Suba” onde fiz a declaração, de lá nos convidaram a uma reunião dos... do deslocamento, estive no sábado lá e pois não, não conseguiram montar um computador, um sistema para mostrar todos os projetos e todas essas coisas e depois de uma hora... Pois não conseguiram. Não se fez nada e então que nos avisariam de outra reunião. Pois meu conhecido diz que temos que esperar, para ver se ganho o benefício na rede por meio da prefeitura.

*Eeem. Me invitaron a, a una reunión el sábado allá mismo al lado de la alcaldía de Suba donde hice la declaración, allí nos invitaron a una reunión de los, del desplazamiento estuve, estuve el sábado allí y pues no, no pudieron armar un, un, como un computador, un sistema para, para mostrar todo lo, proyectos y todo esas cosas y a la hora.. pues no sirvió..no pudieron. No se pudo hacer nada y que entonces estarían avisando o haber cuando, para cuando la otra. Pues él dice que, que toca esperar, que a ver si salgo favorecida en la red de por medio de la alcaldía.*



A reunião não acontece por falta de infra-estruturar com o data show; ela, porém, deseja assistir aos próximos encontros, pois foi registrada na prefeitura citada para receber a ajuda do governo, e sabe que pode vir a ser beneficiada.

Dora coloca que uma das coisas complicadas de sua nova condição é ter que enfrentar esses trâmites que implicam em se movimentar muito por toda a cidade. Ir de um lado para outro sem dinheiro:

*Sim senhora. E para a gente deslocada sempre é duro porque têm que reagir a coisas nos escritórios do governo y todas essas coisas, e até andar pra lá e pra cá, sem dinheiro, isso é triste, acredite que isso é triste, doutora.*

*Si señora. Y uno desplazado siempre es duro porque uno tiene que hacer vueltas y toda esa vaina, y hasta andar pa allá y pa cá, sin un peso, eso es triste, créamelo que eso es triste, dotora.*

O relato de Chirli não apresenta em nenhum momento descrição destes trâmites. Liliana, porém, ao contar como foi feito seu registro, sublinha que foi questionada várias vezes sobre as pessoas que conhecia na cidade, de onde vinha e se conhecia alguém em Bogotá. Esta entrevistada mora realmente sozinha em Bogotá, e está esperando seu filho chegar, e ao contar o fato, se sentiu um pouco ameaçada. O relato diz:

*Perguntaram-me que pessoas eu conhecia aqui em “Armenia”... aqui em Bogotá. Também me perguntaram onde eu morava com quem e tudo isso, então eu respondi que moro sozinha.*

*Me dijeron que a quienes conocía acá en Armenia, acá en, acá en Bogotá, que a dónde vivía, con quién y todo eso, pues yo les dije que vivo sola.*

O testemunho da Yolanda revela alguns detalhes implicados no dia a dia destas tarefas burocráticas de registros, além de ter um bom conhecimento nos mecanismos de registro e petição de um segundo registro. Explica como é difícil estar atrás das instâncias do governo, visto que se deve acordar muito cedo para poder ser atendida, e esse horário não concilia com o horário em que encaminha o filho para a escola.

Já participei de uma convocação com direito a petição e tudo, me falaram que esperasse depois de 15 de agosto. Nestes dias não tenho muito tempo porque tenho, o único dia livre, como hoje venho aqui e aqui o tempo passa voando, daqui para mandar o menino à escola e fazer alguma coisa e assim o que há para fazer e acordar muito cedo para pegar lugar (ficha).

*Ya asistí a una convocatoria con derecho a petición y todo, me dijeron que esperara después de, del 15 de agosto. Si, sino que yo en estos días no me ha quedado mucho tiempo porque tengo, el día que me queda libre por lo menos hoy ya me quedo el día libre vengo aquí y aquí el tiempo pasa volando, ya de aquí a despachar al niño pal colegio y hacer cualquier otra cosa y así lo que lo toca a uno es madrugar a coger ficha.*

Na narração de Marilda, inicialmente ela coloca que foi muito bem atendida quando foi fazer a declaração, mas que houve somente o registro, sem receber ajuda, acreditando, entretanto, que a experiência foi positiva.

Atenderam-me super bem, mas não me deram nenhuma ajuda. Só me falaram, me deram o endereço de aqui e me falaram para vir aqui na “Casa del Migrante”. Não me falaram para voltar nem nada. Também eu fui lá no “Perdomo” (Bairro de Bogotá localizado na zona sul, tipo subúrbio), e me deram 3 libras de arroz y umas lentilhas e não me deram mais nada, mas não me deram a bonificação , não tenho recebido nada disso.

*No me fue super bien, pero no me dieron ninguna ayuda. Sólo me dijeron, me dieron la dirección de aquí y me dijeron que viniera aquí a la Casa del Migrante. A mí no me dijeron cuándo volviera ni nada. También yo fui allá al Perdomo y me dieron 3 libritas de arroz y unas lentejas y ya no me dieron más, pero no me han dado bono, no me han dado nada de eso.*

O relato dela sugere que ela estava muito satisfeita com a experiência do registro em termos de reconhecimento frente à sociedade, o que faz com que considerasse sua experiência de registro muito boa, mesmo sem receber ajuda material. Vale lembrar que é uma obrigação do estado a ajuda de emergência dada a esta pessoa, pela sua condição já reconhecida de deslocada.

Após fazer a declaração, Olivia somente faz referência ao fato de ter que esperar 45 dias para estar inserida no sistema, sem o qual a ajuda não lhe é dada.

Que eram 45 dias para ver se já estava no sistema.

*Que eran 45 días hábiles para ver si ya aparecía en el sistema.*

A ela foi dito que esperasse 45 dias, o que é muito tempo para quem está sem abrigo, sem comida, sem roupa ou sem dinheiro. Esta burocracia do sistema de registro das pessoas deslocadas não está desenhada para a situação de emergência pela qual eles passam, onde deveriam ser assistidos com prontidão, o que leva a ajuda informal pela sobrevivência. O registro da pessoa deslocada equivale ao primeiro reconhecimento formal de sua situação e representa muito para estas pessoas. Também se observa, nesta subcategoria, como as pessoas devem se inserir dentro do sistema hegemônico, que implica registros, prazos e demais burocracias as quais se devem adaptar estas deslocadas, que nunca precisaram antes entender ou se preocupar coisas do tipo em um contexto rural.

### *3.2. A Ajuda Informal*

Esta subcategoria pretende colocar os dados extraídos nas entrevistas referentes ao denominado ajuda informal. A ajuda informal, nesta subcategoria, corresponde a todo o apoio e ajuda que as pessoas em situação de deslocamento recebem de pessoas naturais, grupos familiares ou de amizades mesmo entre os deslocados.

Os dados serão analisados do último para o primeiro relato, ou seja, a primeira análise será de Olívia, a décima e última entrevistada:

Eu ajudo arrumando a casa, cozinhando, ou lavando, e assim. Pois, faço isso porque estão me ajudando. Aqui em Bogotá a gente recebe muita colaboração das outras pessoas, ajuda aos deslocados.

*Si, en los arreglos de la casa, cocinándole, o lavándole, y así. Pues, que me ahorita me están ayudando. No, si que acá a uno le colaboran mucho, a los desplazados*

Sempre com respostas breves e concretas, Olivia tem a sensação de que em Bogotá as pessoas colaboram com os deslocados e que eles em troca ajudam com os afazeres da casa. Este tipo de troca de favores está presente em todos os relatos das entrevistadas, e se

apresenta explicitamente no caso da décima entrevistada, e todas ajudam nas casas onde são recebidas, observando outros detalhes particulares deste tipo de ajuda informal, em testemunho.

No caso de Rita, os afazeres domésticos são favores iniciais, uma vez que a senhora que a ajuda deixa claro que no futuro ela deverá ajudar com as contas da casa pagando aluguel, o que a preocupa pela falta de emprego e incerteza de quando poderá se organizar. Esta entrevistada não recebeu a bonificação de emergência dada pelo estado.

Positivamente, então, afortunadamente tenho esta senhora que seja o que seja, me dá abrigo, mas de todo jeito eu tenho, ela me falou que tinha que colaborar com as contas da casa, e quando conseguir trabalho tinha que pagar aluguel. Então é difícil, você entende?

*Positivamente pues que afortunadamente tengo esta señora que pues sea lo que sea me brinda el techo y, y, pero de todas maneras yo tengo, ella me dijo que tenía que colaborarle con el recibo, que cuando consiga trabajo tenía que pagarle ya arriendo, entonces es difícil, si me entiende?*

Ao mesmo tempo Marilda expressa sua imensa gratidão pela ajuda com que uma prima dela, que já morava em Bogotá, está lhe agradecendo.

Bom, agora mesmo porque o significado disto é que estou sendo muito ajudada e por isso fico agradecida, porque é uma ajuda com muito valor que nunca tive, mas me chegou.

*Bueno, ahorita mismo porque el significado de esto es como si me estuvieran ayudando demasiado y eso le doy gracias porque una ayuda muy apreciada que nunca las tuve, pero a mí sí me llegó.*

O testemunho de Yolanda é abundante nos detalhes e nesta subcategoria explica como a ajuda que ela recebe está concretamente ligada ao desejo de realizar cursos, por meio dos quais ela acredita que vai conseguir se sustentar no futuro:

Fico muito grata ao senhor Julio Morales... ele é engenheiro civil de construção, ele me conhece há muitos anos, ele me conheceu quando eu tinha 23 anos, neste momento é ele quem está me apoiando, está me ajudando para que eu continue com o curso, está me ajudando materialmente e espiritualmente.

*Gracias a un señor Julio Morales... que él es ingeniero civil de construcción, el me distingue hace muchos años, el me distinguió a los 23 años, el cual en este*

*momento es el que me está apoyando, me está colaborando, para que yo siga con el curso, me está colaborando media, materialmente y espiritualmente.*

Esta entrevistada mora como os avôs de um dos filhos, que também são deslocados:

Onde nos estamos ficando neste momento, esta a vovó dele, porque pelo mesmo problema tiveram que sair de lá, deslocados, e a vovó é quem está me ajudando e tudo, os avôs dele.

*Nada pero entonces aquí es, donde nos encontramos en estos momentos, esta la abuelita de él porque por ese mismo problema tuvieron que salir de por allá desplazados y la abuelita es la que me está ayudando y todo, los abuelitos de él.*

Para fechar o testemunho de Yolanda, é válido observar seu caráter empreendedor, que não somente espera que as ajudas sejam dadas, como também as procura o tempo todo com curiosidade, ao mesmo tempo ajudando os deslocados mais desinformados para que possam sair atrás de seus direitos.

Sim, quando me falam vá àquele lugar ajudam, ou olhe que naquele outro lugar também... Eu vou escutando conversas, olhe que lá pode ganhar uma coisinha, outra coisinha lá também. Então eu vou nesses lugares e também pergunto às pessoas deslocadas para eles me orientarem ou também falo para outros, os ajudo com as informações que já sei. E falo para eles poderem ir lá ou lá que vão te ajudar... Também trabalho fazendo artesanato, todo tipo de artesanato.

*Si ya tengo no que a mí me dicen vaya a tal parte, mire que en tal parte yo voy y escucho conversaciones mire que en tal parte tal cosa y yo me les arrimo, les pregunto, o los oriente la que no sabe le digo mire que en tal parte tal cosa hay que hacer esto y lo otro. También trabajo las artesanías*

O que é importante neste dado é o valor que tem o “boca boca”, que representa uma alternativa contra-hegemônica de um sistema de ajuda pouco eficiente.

Liliana, também recebeu ajuda de um amigo, como se pode ver no relato:

O amigo, de quem já falei, me falou que ele me ajudaria com o dinheiro inicial para comprar as balas que ia vender, pois eu queria vender nos ônibus as balas. Ele falou que ele me ajudaria. Mas como eu não gosto de ficar devendo favores, pois não é legal, então eu falei para ele só me emprestar o dinheiro que eu daria de volta assim que pudesse. Ele me emprestou o dinheiro e eu já lhe paguei o empréstimo.

*El amigo que yo le comento, me dijo yo le doy el plante, si quiere vender en los buses o, o yo miro a ver como le puedo colaborar, como a mí no me gusta quedar debiendo favores, porque es muy maluco, entonces yo le dije más bien me lo presta y yo le devuelvo, y él me lo prestó, yo se lo devolví.*

O testemunho de Chirli tem um elemento deve que ser destacado. Ela fala da ajuda que tem recebido de uma senhora e no final da frase coloca que esta senhora é branca (a sujeito 5 é afro descendente).

Chegamos lá, como já era conhecida lá onde estivemos então de todo jeito uma senhora nos alugou um quartinho lá e a senhora é boa pessoa, a senhora é branca. E a senhora, quando nós demoramos em lhe pagar, pois só pagamos a metade, ela falou que quando tivéssemos lhe pagasse. Boa pessoa, e então estamos lá até conseguir um lugar melhor, porque estamos muito incômodos lá

*Lle, llegamos allá, como ya no conocían allá donde estuvimos, entonces de todas maneras una señora nos arrendo un cuartico allá y ah eeessooo la señora para que, es buena persona, la señora es blanca. . Eeessooo y y este, la señora para que pues cuando nosotros nos demoramos para para pagar pues porque le pagamos la mitad, pues la señora dijo pues que cuando tuviéramos eeessooo que cuando tuviéramos le pagaramos. Buena persona la señora, y entonces estamos allá, allá estamos hasta que consigamos una parte mas porque estamos muy incómodos allá.*

Esta fala demonstra a mistura racial e cultural que acontece em Bogotá, fruto das muitas migrações (voluntárias ou forçadas), produzindo uma troca entre culturas muito valiosa para a constituição de uma sociedade híbrida, onde se encontram muitas culturas em um só país. O fato de estes deslocados serem acolhidos por diferentes pessoas que em muitos casos nem lhes conhecem, abre a possibilidade de que, como colocaria Hall (2006), as identidades culturais aconteçam.

O testemunho de Dora conta como uma conhecida de sua família ajuda informalmente aos deslocados, e ela está sendo beneficiada por esta senhora, ajudando com a causa dela:

E essa senhora recebe para os deslocados muitas doações e a mãe dela era a minha madrinha, então ela gostava de mim. Pois eu estando precisando de ajuda, ela me ajudou pagando a passagem e me leva de um lado para outro para pegar as doações e eu compartilho as coisas com ela.

*Y esa señora recibía por desplazamiento hartísimas ayudas y ella como yo soy ahijada de los papases de ella, entonces ella me quería mucho y pues si yo taba entonces uno también taba bien necesitada y ella me costaba el pasaje y me llevaba p allá donde iba a sacar las ayudas y ella me compartía con ella.*

O caso de Yuri consiste na ajuda de uma amiga que já morava em Bogotá, quem lhe dá um grande apoio:

Tenho uma amiga que ela há muitos anos mora aqui, faz muitos anos, ela não é deslocada, eu lhe contei a minha situação e... Na realidade por ela estou aqui, porque ela me ajudou com a passagem e eu moro com ela, mas a situação é difícil também porque ela tem seu marido e todos nós lá, só em dois quartos que são pequenos, é muito incômodo e o frio que está nos atacando porque temos que dormir no chão, sobre mantas. O apoio dela é muito importante porque a gente sai com ela, pois aqui não conhecemos nada, não sei as rotas de ônibus, não conheço os bairros e então pelo apoio dela não me sinto tão perdida.

*Tengo una amiga que ella hace muchos años vive aquí, hace muchos años, ella no es desplazada, yo le comenté la situación, lo que estaba pasando y.. en realidad por ella estoy aquí, porque ella me ay.. me colaboró con el pasaje y ahí donde ella estoy viviendo y en este momentito estamos ahí donde ella pero pues la situación es difícil también porque ella tiene su esposo y todos nosotros ahí metidos en dos piecitas que son pequeñitas y es muy incómodo y el frío que nos está atacando porque nos toca dormir en el suelo, cobijas. Sí el apoyo de ella porque uno no sale, pues aquí por lo menos uno no conoce nada aquí, no conoce las rutas, no conoce los barrios, y entonces si el apoyo de ella, así que no me siento tan perdida.*

Ao mesmo tempo, as condições em que está morando com seus filhos são muito precárias, pois dispõem de pouco espaço, sem camas ou colchões e poucas mantas. Vale notar que o frio em Bogotá é constante o ano todo, por estar a 2600 metros do nível do mar, e a Colômbia ser um país sem estações por estar localizado no Equador. As temperaturas na madrugada são muito baixas, o frio é sentido pela maioria dos deslocados que chegam a capital.

O relato de Rosa se faz importante porque ela já tem emprego, o que a maioria não tem, ou estão dedicadas a atividades informais (como a venda das balas nos ônibus pela Liliana). Pelo relato, pode-se observar que o emprego foi conseguido com ajuda de pessoas conhecidas que passaram dados para ela.

Pois positivas, graças a Deus tenho achado ajuda chegando assim a ter trabalho.

*Pues positivas, gracias a Dios he encontrado ayudas que me han brindado, el trabajo.*

O fato de ela estar trabalhando e ter que continuar circulando entre as entidades do estado, para conseguir as ajudas a que tem direito; implica em ter alguém que possa cuidar de seus filhos nestas ocasiões.

Pois eu as levo as crianças pra cá e pra lá, uma senhora que é boa pessoa cuida das crianças quando tenho que vir aqui ao centro de Bogotá, para agir coisas, e eu fico ligando para saber como estão e tudo isso.

*Pues yo me las llevo para allá y allá la señora es buena gente y ella me las cuida cuando tengo que venir aquí a Bogotá, a hacer diligencias, sí, yo la estoy llamando para saber cómo están y eso.*

Rosa leva seus filhos a trabalhar com ela, o que é uma grande ajuda de sua chefe e quando precisa lidar com os trâmites burocráticos, uma senhora cuida de suas crianças.

Encerrando o caso de Maria, ela alega que a ajuda do bônus não é suficiente, sendo a ajuda entre os deslocados importante:

Pois ajuda com os mesmos deslocados, porque do governo a única é a bonificação. As ajudas, dos mesmos deslocados, onde minha mãe está, chegam muito deslocados, minha mãe onde mora é muito conhecida, e lá têm chegado muitos deslocados, à casa dela e lá há sempre arroz, batata, não falta comida e lá tenho achado bem-estar melhor que eu onde estava.

*Pues ayuda con los mismos desplazados porque del gobierno el único el mero bono. Ante ayudas, por los mismos desplazados, donde mi mamá está, llega mucho desplazado, mi mamá donde está es muy conocida, si pa que mi mamá es muy conocida y ha llegado mucho desplazado a la casa de ella y hay cualquier arrocito, cualquier papita, y he encontrado mejor bienestar que donde estaba.*

Maria é grande beneficiada do fato de sua mãe ser uma deslocada e líder, em termos informais, dentro de um grupo de deslocados, o que a ajuda a ter sempre o necessário para viver. Maria tem a sensação de que as pessoas deslocadas são mais cooperativas que as não deslocadas, e a este respeito ela coloca:

Pois aqui, a pessoa deslocada vê-se menos... como lhe explico... Os deslocados ajudam mais aos outros deslocados que uma pessoa não deslocada. Porque uma pessoa deslocada sabe o que nós deslocados passamos e sentimos, mas uma pessoa não deslocada não sabe.

*Pues aquí la persona desplazada la veo menos... como le digo cómo es la palabra, con más como con posibilidad de ayudar a otra persona y no una*



*persona no desplazada, porque una persona desplazada sabe cuando uno es desplazado, siente lo que uno desplazado siente a cambio una persona no desplazada no lo hace.*

Para fechar a análise desta subcategoria, o testemunho de Maria coloca uma questão muito pertinente, que é a indispensável ajuda entre deslocados, pois o estado não providencia vida digna a estas pessoas. Deste a perspectiva da globalização hegemônica e contra-hegemônica de Boaventura de Souza Santos, o valor da ajuda informal, que acontece paralelamente ao sistema hegemônico do governo, de maneira localizada e particular para cada deslocado ou grupos de deslocados, é uma contundente prova de como o sistema hegemônico (por sua mesma carência) permite o surgimento de propostas contra-hegemônicas que se caracterizam pela informalidade, a exemplo desta subcategoria.

### *3.3. A Perda*

Quando perguntados sobre a vida antes do deslocamento, os relatos em geral estão carregados de muita saudade. Esta palavra lamentavelmente não existe no espanhol, o seria muito útil para que estas mulheres pudessem expressar em uma só palavra a dor que sentem por não terem mais sua vida anterior. A perda é uma conseqüência de todo tipo de migração, pois sempre ficará para trás o lugar de partida. Não há possibilidade de retorno, entretanto, vem-se tratando de deslocados. O interesse desta subcategoria é analisar algumas das coisas que as mulheres deslocadas entrevistadas têm mais saudade.

Este fragmento de Rosa elucidada sobre onde se pode chegar a perda neste tipo de migração, que não é voluntaria nem planejada:

*Eu tive que deixar tudo largado lá, o negócio dos frangos e tudo foi perdido. O que mais sinto é tristeza por ter deixado minha terra onde morei sempre, é uma mudança total. As pessoas deslocadas passam por muitas coisas, ou seja é uma mudança total, eu tinha uma vida antes com minha família, era feliz, tinha uma casa, tinha meu trabalho, tinha tudo e agora não tenho nada, tem que começar tudo do zero.*

*A mí me tocó dejar botado allá lo de los pollos y todo eso se perdió. Qué más siento, o sea, tristeza por haber dejado mi tierra si allá donde he vivido siempre, la o sea es un cambio total total. A la desplazada le toca pasar por muchas cosas, o sea, como te digo es un cambio total a lo que yo vivía antes con mi familia, vivía feliz, tenía mi.. mi techo, tenía mi trabajo, lo tenía todo a no tener ahorita, volver a empezar de ceros.*

Começar do zero é a expressão de Rosa. Possivelmente toda a infra estrutura que o dia a dia implica precisará ser reconstruída, mas a bagagem cultural se deslocou com ela. Ao chegar a outro lugar, o novo território será visto e entendido de maneira diferente, também as trocas culturais aconteceram e a possibilidade de estruturar culturas híbridas traduzidas será mais concreta. A perda é muito dolorosa, mas é importante para o desenvolvimento das identidades culturais que os deslocados começam a configurar.

O testemunho de Marilda demonstra que sua maior perda é o fato de não poder estar com sua família, em especial com sua mãe.

*Neste momento me sinto muito triste porque não posso ver minha família, não posso me comunicar com eles nem nada, dói muito saber que mandam a gente ir embora e não poder falar com ninguém. O mais triste é que não posso ter minha mãe ao lado, como sempre foi.*

*Eeee, en este momento me siento muy triste porque no puedo ver a mi familia, no puedo comunicarme con ellos ni nada, a pesar de que, de que duele mucho el saber de que lo sacan y no puede hablar con nadie. Lo más triste porque no puedo tener a mi mamá al lado, como siempre la he tenido,*

A falta dos familiares e de seus companheiros é constante nos relatos das dez mulheres em situação de deslocamento, assim como também é constante que elas reclamem pela falta de comida, onde que Chirli coloca:

*Às vezes é difícil comer três vezes ao dia e então as vezes a gente sente muita fome. Meus filhos me falam que sentem fome. A falta do pai é muito grande pois ele me ajudava a criar os dois meninos, os dois mais velhos. Eles falam que o pai faz muita falta, é mesmo, faz muita falta e por isso às vezes passamos fome e tudo mais...*

*Eeeessooo y y este yo a veces y y y este a veces también pues a veces para uno comer tres veces al día y entonces a veces les da mucha hambre entonces dice y entonces dicen que el papá porque como él me estaba ayudando a criar los dos niño, los dos primero niño. Eeesso los dos mayores, entonces ellos dicen que*

*hace mucha falta, lógico que hace mucha falta que por eso a veces uno aguanta hambre y todo tabien y usted...*

Este dado mostra que também a falta de comida está ligada à falta de seu marido, que desapareceu, uma vez que ele conseguia dar melhores condições aos seus filhos. Outra grave preocupação destas mulheres deslocadas é a falta de educação. Pois seus filhos não podem ir estudar na rede publica até que uma vaga seja encontrada.

Para fechar esta subcategoria é válido apresentar aqui um fragmento do testemunho de Yuri, que está carregado de muita nostalgia, onde ela conta como eram lindos os momentos de liberdade que podiam acontecer vivendo no interior, em comparação com a pressão da vida na cidade.

Pois sim porque de todo jeito por lá (minha terra) me sentia mais livre. Certo? Sente-se mais livre e por lá queríamos caminhar o fazíamos. Lá era tudo feito a pé, aqui para tudo tem que ter dinheiro, onde quiser ir tem que pagar. E a comida, pois lá você come o que a terra dá. Aqui as coisas são caríssimas, uma banana custa mil<sup>28</sup> pesos.

*Pues si porque de todas maneras por allá digamos se siente uno como más libre. Ciertamente, se siente como más libre y por allá uno si digamos quería irse a pasar, digamos a caminar, lo hace todo digamos a pie, no tiene que, que aquí para todo hay que sacar plata, donde se quiera movilizar, hay que sacar dinero. Y la comida pues que de todas maneras usted sabe que lo que se sembró, se sembró un matico de yuca, ya está allí, que si el plátano, acá las cosas son carísimas, un plátano vale mil pesos.*

Bauman (2003), nesta mesma linha de pensamento, apresenta uma visão de mundo do país e do lugar, elaborada na cooperação e no conflito. Assim, a emergência da cidade como um lugar político que interpreta a movimentação do mundo, e é a sede de uma sociedade local e complexa, cuja diversidade constitui, chama ao debate. O contraste para uma pessoa que mora no interior e não pretende migrar para a cidade, mas é obrigada a isto; o impacto da vida urbana cheia de consumo e necessidades criadas, as quais anteriormente nunca foram uma preocupação.

---

<sup>28</sup> \$1.000 pesos colombianos equivalem a R\$ 1 brasileiro

### 3.4. A Discriminação

Esta subcategoria é uma das menos abundantes em dados. Somente três sujeitos tiveram algo a colocar em relação à discriminação. As outras entrevistadas afirmaram não terem sentido discriminação pelo fato de serem deslocadas. Yolanda coloca:

Neste sentido nos dois primeiros... Nos dois primeiros lugares em que fui pedir abrigo uma senhora olhava para a gente de um jeito que não era legal, falou que por sermos deslocados não iria nos alugar. Fui para um abrigo do “*Bienestar Familiar*”<sup>29</sup> lá me falaram que por sermos deslocados não iriam nos receber, porque os deslocados não têm dinheiro para pagar. Eu falei para a moça que ela não tinha porque cobrar para a gente pois o “*Bienestar Familiar*” não é pago, é do governo e então me falou que não, que não tinha lugar para deslocados.

*En el sentido de que en dos primeras, en las dos primeras partes que fui a pedir posada y todo, una señora muy, pues se miraba que tenía forma, dijo ay pues es que ustedes son desplazados y por eso dijo no, no es porque es aquí dicen... para arrendar y todo eso, no, no es que ustedes son desplazados, me dijo no. Fui a un hogar del Bienestar Familiar<sup>30</sup>. Y me dijo no lo que pasa es que ustedes son desplazados y los desplazados no pagan, le dije yo, pero es que Bienestar les paga, me dijo, no, no, no aquí no hay cupo pa desplazados.*

Ela não foi acolhida em dois lugares com sua família pelo preconceito contra deslocados, que em geral não pagam aluguel. Entretanto, no caso de Maria:

Pois para nós os deslocados, sobretudo no bairro onde estamos, estamos meio que largados... Sobretudo na localidade de “*Usme*”. Dizem que os deslocados são o pior, isso é o que fica falando a prefeitura de “*Usme*”. Porque “*Tocaimita*” é um bairro, com lhe explico está começando, é uma urbanização informal. Então acontece qualquer coisa em qualquer bairro... Por exemplo, outro dia tomaram a “*UAO del 20 de Julio*” e falaram que foram nós os de “*Tocaimita*” e “*Tocaimita*” por lá não apareceu porque “*Tocaimita*” fica mais perto de “*Perdomo*” que é mais para lá de “*Ciudad Bolívar*” mas que fica perto de “*Usme*”. Somos discriminados pela prefeitura e os policiais deixam a gente muito largados por lá, eu não me sinto com apoio com os mesmos deslocados.

*Pues a nosotros los desplazados, sobretudo en el barrio donde estamos, nos tienen como.. nos tienen botados, sobretudo en la localidad de Usme. El desplazado dicen que los desplazados somos lo peor, eso es lo que dice la alcaldía de Usme. Porque Tocaimita es un barrio, como le digo apenas está empezando, una invasión, no está.. entonces si pasa cualquier cosa en cualquier barrio mire que el otro día tomaron la UAO del 20 de Julio y dijeron que fue Tocaimita y Tocaimita por allá no se apareció porque Tocaimita le queda más cerquita que el Perdomo es pa'llá pa Ciudad Bolívar donde le queda más*

<sup>29</sup> ICBF, Ver lista de palavras e siglas

<sup>30</sup> ICBF, ver lista de palavras e siglas

*cerquita que pa'lla pa Usme. Si sobretudo a nivel de alcaldía, la policía también nos tiene muy abandonados allá, pero en sí yo me siento con buen apoyo con los mismos desplazados.*

Estes dados são relevantes para entender o valor do reconhecimento para todo tipo de grupos sociais. Só que este reconhecimento pode implicar em rejeição, pois neste caso as pessoas estão sendo associadas a atividades de urbanização ilegal, ou falta de pagamento por serviços.

É evidente que as pessoas vítimas do deslocamento não são vítimas em Bogotá, de uma constante discriminação, pela sua condição. A procura pelo reconhecimento destas pessoas é um extensivo trabalho que a comunidade internacional vem liderando há mais de uma década, para que estas pessoas sejam reconhecidas e respeitadas com todas as suas particularidades.

### *3.5. O futuro, Bogotá como refúgio e o ponto de começo de uma nova vida*

A primeira questão a ser considerada nesta subcategoria é que as entrevistadas não pretendem voltar aos lugares onde moravam, porque tem medo e, em consequência, pretendem se instalar em Bogotá, o que não deixa de ser uma experiência desafiadora, o fragmento de Maria mostra:

*Pois às vezes me sinto intranquã. Bom, tranquã em parte porque já não tenho essa ameaça, mas intranquã porque a cidade é difícil. Eu estou acostumada com a vida no interior e gosto muito da vida assim rural. Aqui não me sinto bem me sinto perdida.*

*Pues me a veces siento intranquila, tranquila en una parte porque ya no tengo esa amenaza, pero intranquila porque sí la ciudad yo le digo que ya me acostumbré al campo ya esa era mi forma de vivir, ya estaba amañada y acostumbrada en eso, en el campo y en la ciudad yo no encuentro como.. si desubicada.*

Não ter ameaças é o que dá tranquilidade a estas pessoas, mas elas sentem o quanto é difícil a vida na cidade, quando se chega sem nenhuma estrutura. Nesta mesma linha, Chirli coloca:

Ficar aqui em Bogotá minha nossa e se pedir ao nosso Pai e ao seu filho Jesus Cristo para que me ajudem a conseguir um emprego para dar uma vida digna para meus filhos e para poder ajudar a minha mãe. Trabalhar para não passar necessidade. Porque aqui em Bogotá você sabe que na cidade se você não tem dinheiro é difícil. Mas há pessoas aqui em Bogotá que tem bom coração como nós, mas há também pessoas que têm mau coração, mas a maioria tem um coração muito grande, muito queridos, muito amáveis, um coração para ajudar. Por isso peço a Deus e a Jesus que me ajudem a arrumar emprego, porque preciso pagar o aluguel, as contas da casa, e ver se podemos achar um lugar melhor porque onde estamos está muito incômodo nesse quartinho.

*Quedarme aquí en Bogotá miya y este si pedirle a nuestro Padre y a su hijo Jesucristo pa' que me ayude a conseguir un empleo para sacar a los niños hacia delante y pa pode' ayudar a mi mamá, pa' uno conseguir una parte y no pasar tanta necesidad' porque acá en Bogotá usted sabe que acá en la ciudad es si uno no tiene, hay gente bueno para que, en este mundo lógico aca en Bogotá hay mucha gente que tiene buen corazón así como habemos si, pero hay gente que no tienen mal corazón hay mucha gente que tiene un corazón muuy grande, muy querido, muy amable un corazón muy grande para ayudar, a para que voy a hablar sino entonces sino sino tengo que pedirle a Jeová sino a nuestro Señor Jesucristo sino que me ayude a conseguir un empleo para, porque ve hay que pagar arrendo, servicio, y mas allá donde estamos muy incómodos en ese cuartico*

Ter que pagar aluguel e as contas dos serviços é uma grande preocupação e o caminho para enfrentar esta nova realidade é o trabalho. Esta última subcategoria pretende ilustrar como estas mulheres, em situação de deslocamento, enxergam seu futuro. Para todas elas, o maior desejo para o futuro é conseguir trabalho para poder dar uma vida digna a sua família. Olivia a este respeito diz:

Sim, ir para frente, dar uma vida digna a minhas filhas e trabalhar

*Si, sacar adelante a mis hijas, y trabajar*

A situação de ter perdido seus companheiros ou maridos durante, antes ou após o deslocamento implica ter que assumir toda a responsabilidade pela manutenção de seus filhos. Forero (2003) afirma que o deslocamento tem efeitos específicos sobre as mulheres;

em sua maioria, estas se convertem em chefes de família por causa da viuvez, ou pela ruptura do relacionamento com seu parceiro, ou pela perda de seu parceiro ou filhos. O fato de partir forçadamente ocasiona um forte trauma psicológico, o deslocamento faz recair quase exclusivamente sobre elas a responsabilidade da manutenção afetiva e econômica da família.

Dora coloca:

Pois eu tenho o sonho de trabalhar e que minha menina tenha uma vida digna e apoiar meus filhos como eu puder. “*Madrecita*”<sup>31</sup>, pois há muito trabalho em várias formas, todo trabalho que eu arrumar vou fazer, pode ser em alguma casa de família.

*Pues yo sueño ponerme a trabajar y que mi niña siga adelante y apoyar mis hijos donde yo pueda. Madrecita, pues hay tanto trabajo en varias formas pues yo, pues yo consiguiera trabajo, puede ser en alguna casa de familia*

Dora coloca um dado interessante neste fragmento, é o fato de que muitas mulheres deslocadas são empregadas para trabalhar em casas de família. Parece interessante como Maria elaborou uma estratégia de negócios que pouco tem a ver com o que ela fazia no interior.

O projeto é aquele de que falei o da roupa, gostaria muito fazer, porque gosto da idéia de ser comerciante, comprar e vender, comprar para vender.

*El proyecto es ese, el de la ropa quisiera, quisiera porque así comerciante, coger y vender, comprar pa vender.*

Ela pretende ser comerciante, prática mais comum na cidade que no interior. O fato de que a maioria delas tenham tido que fugir do interior para se refugiar nas cidades, implica em uma mudança radical no seu estilo de vida e paradigmas, como articularão seu novo território e as trocas culturais que marcarão novas faces nas identidades destas pessoas. Ser acolhida pelo caos da cidade é difícil, mas pela mesma proposta hegemônica, não deixa de ser um atrativo para seus novos inquilinos.

---

<sup>31</sup> Expressão para se referir-se à entrevistadora

O testemunho de Yolanda descreve como é sua rotina, posto que ela esta mais organizada que as demais há mais tempo em Bogotá e encontrando maneiras de tirar proveito dos benefícios que recebem os deslocados, trabalhando em casas de família e vendendo comida na rua de maneira informal.

Estou estudando segunda-feira e terça o dia todo, quarta e quinta coloco “arepas”<sup>32</sup> depois das 5 da tarde para vender no passeio na frente da minha casa e sábado e domingo também coloco “chunchulla”<sup>33</sup> para vender. E vou fazer faxinas em casas de família, assim onde me chamam eu vou.

*Eeee, no mmm toy tra, estudiando lunes, martes todo el día, miércoles y jueves saco arepas después de las 5 de la tarde ahí en el andén de casa, yyy sábado y domingo también saco chunchulla.. Saco así por el momento, o me llaman para ir arreglar una casa voy.*

Yolanda também se dedica a vender balas nos ônibus; atividade que começou quando saiu de casa com 14 anos porque foi estuprada pelo padrasto. Ela, a se ver de novo no desamparo, retoma este negócio informal:

Vendo nos ônibus uma bolinha de chocolate recheada de caramelo. Então em um dia às vezes ganho \$10.000 ou ganho \$15.000<sup>34</sup>, é muito pouco o que ganho em um dia.

*Vendo en los buses una bolita así de chocolate rellenas con caramelo. Pues en el día a veces me gano 10.000, me gano 15.000<sup>35</sup>, es muy poquito lo que gano en un día.*

As atividades econômicas a que se dedicam e vão se dedicar estas mulheres tendem à informalidade, pela situação econômica do país.

Outra característica interessante que surge nesta subcategoria é o valor dado ao estudo. Todas as entrevistas apontam para a importância de se estudar, ainda que não as mesmas, estas pretendem colocar seus filhos nas escolas, e, em muitos casos, retomar o

---

<sup>32</sup> Comida típica colombiana

<sup>33</sup> Comida típica colombiana

<sup>34</sup> Mais ou menos 1.000 pesos colombiano são 1 real.

<sup>35</sup> Mais ou menos 1.000 pesos colombiano são 1 real.



grau em que pararam os estudos, visto que a infra-estrutura do sistema educativo no interior e o conflito armado não permitiram que estudassem mais. Dora coloca:

Vou colocar a minha filha na escola, vou lutar para arrumar uma vaga para ela voltar a estudar.

*Y mi hija a ver cómo la coloco a estudiar, como, como, como consigo la manera como la coloco a estudiar.*

Estudar parece uma garantia de progresso na grande cidade. Nesta linha Yuri coloca:

O que eu desejo é que minhas crianças voltem a estudar e eu também... Quero também estudar, continuar me capacitando para conseguir ir adiante com meus filhos, dar todo o possível para eles.

*Yo lo que deseo es que mis niños se pongan otra vez a estudiar, yo también...quiero también estudiar, seguirme capacitando para poder seguir adelante con mis hijos, darles todo lo posible.*

Também Marilda diz:

Sim eu quero continuar estudando e finalizar meu segundo grau.

*Si quiero seguir estudiando y terminar mi bachillerato.*

É evidente nos fragmentos anteriores o desejo destas mulheres de complementar seus estudos, pois no sistema de consumo em que se inseriram, pessoas mais preparadas podem ter a chance de melhores condições de vida na cidade.

Rita é a única das 10 mulheres entrevistadas chegou à faculdade, com dois semestres em enfermagem, tendo possivelmente crescido em uma família de políticos com mais recursos, o que lhe permitiu estudar mais e ter uma postura mais ambiciosa com relação ao futuro e diz:

Mas meu maior desejo é continuar estudando, também quero ter minha casinha própria para meus filhos, para eu estudar, porque o fato de ser deslocada não significa que eu tenha que ficar entalada, não senhora. Minhas idéias são muito grandes, eu quero ir adiante, eu quero estudar por mim e pelos meus filhos. O que mais eu gostaria é finalizar o curso, ter minha casa. Porque eu acredito, volto a repetir, que pelo fato de ser deslocada não tenho que ficar assim sem fazer nada; tenho que me preocupar com o bem-estar da minha família e meus projetos irem adiante.

*Pero mi mayor anhelo y lo que más quisiera es seguir estudiando, o sea, quiero tener mi casita propia, mi vivienda, para mis hijos, para mí, estudiar, porque el hecho de que yo sea desplazada no significa que yo tenga que quedarme allí, no señora, o sea, mis ideas son muy grandes, yo quiero salir adelante, yo quiero estudiar por mí y por mis hijos. Lo que más me gustaría es termi, tener mi casita propia y tener, y estudiar mi carrera, terminar mi carrera. Porque yo creo, vuelvo y le repito, que el hecho de que yo sea desplazada no tengo que quedarme ahí sin hacer nada ahí; tengo que preocuparme por mi bienestar o por mis cosas por salir adelante.*

As trajetórias de todas estas mulheres são muito dolorosas, a nova vida que passaram a encarar implica em um gigantesco esforço, no que elas encontram forças para seguir adiante, lutando por reconhecimento, que lhes permitam fazer planos para o futuro, sem maiores dificuldades. O fato de serem deslocadas não implica em estarem limitadas ou impedidas de obterem melhores condições de vida; é o que mostra este último fragmento da análise, revelando que as novas trocas culturais, a configuração de novas identidades e o reconhecimento destas podem ser um terreno fértil para o desenvolvimento de uma vida após um deslocamento, próprio da condição de ser deslocado e não o imposto pela hegemonia do sistema.

## Considerações Finais

Para que se compreenda esta problemática latino-americana, do caso do deslocamento forçado na Colômbia, é importante colocar alguns conceitos teóricos pós-coloniais. O pós-colonialismo procura resgatar as identidades nativas do “terceiro mundo”, lutando pelo reconhecimento no cenário mundial a partir de sua realidade.

A proposta pós-colonial em relação ao fenômeno de migração forçada na Colômbia abre a possibilidade para entender os deslocamentos destas pessoas, além de uma consequência unilateral do conflito, visto que na realidade é mais uma resposta complexa do que representa a nova ordem social num contexto mundial complexo e híbrido, que possivelmente faz encarar o deslocamento sob outra ótica. No mundo pós-moderno, o fluxo de indivíduos mudando compulsivamente de lugar para todos os lados tem crescido substancialmente. As pessoas e as culturas são cada vez mais híbridas e misturadas pelas diferentes possibilidades de contato entre elas, durante essas migrações. Segundo Hall *“Nossas sociedades são compostas não só de um, mas de muitos povos [...]”* (HALL, 2003 p. 30).

A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. (HALL, 2003, p.28)

Assim o conceito da diáspora se apóia sobre uma concepção binária da diferença fundamentada sobre a construção de uma fronteira de exclusão, e depende da construção do Outro. Segundo D’Ávila Neto e Baptista (2007), as fronteiras excluem e defendem o outro como diferente, ou mantendo a parte. As narrativas dissolvem estes limites arbitrários fazendo com que a lógica do opressor se integre à lógica do oprimido.

Pode ser ainda um pouco cedo para falar das diásporas que vão surgir do deslocamento interno colombiano. O mesmo espaço-tempo e as identidades culturais interagindo vão se encarregar da configuração destas. É mais coerente pensar na interação destas identidades culturais em territórios tão complexos, como a cidade, que estimula a emergência de culturas híbridas, baseadas na tradução e na lógica de um tempo barroco, dando espaço aos oprimidos.

Para uma pessoa em situação de deslocamento estar afastada de seu lugar de origem não significa que sua “identidade” esteja perdida, já que as identidades culturais não são puras ou essenciais e não se perdem se traduzem e continuam mudando. Ao mesmo tempo, estes rasgos culturais se misturam com outras tantas identidades culturais, produzindo assim uma identidade mestiça.

O sistema de globalização hegemônico prefere sempre contar a história do ponto de vista dos vencedores, mas na esfera da globalização contra-hegemônica há também muito a se contar e reconhecer. A lógica do oprimido é híbrida, local e global ao mesmo tempo. Os deslocados são expertos ao se movimentar num sistema burocrático do estado que procura hegemonizar. Mas ao mesmo tempo constroem múltiplas estratégias informais de apoio e manutenção, sendo esta a opção contra-hegemônica do sistema. As falências do hegemônico dão espaço às possibilidades contra-hegemônicas, porém os espaços e lugares conquistados, numa informalidade híbrida, também pretendem e devem ser reconhecidos.

A reivindicação da igualdade fundamenta a luta contra a diferença desigual, e a reivindicação da diferença fundamenta a luta contra a igualdade desigual. Em outras palavras; as diferenças desiguais são impostas porque estão relacionadas com as diferenças opressoras e geram um tratamento de inferioridade sobre o outro, mas também são impostas as igualdades desiguais, as que todos supostamente fazem proveito do mesmo status, mas

que na prática não é assim. A desigualdade das pessoas que migram forçadamente é evidente, sendo uma população vulnerável que necessita ser reconhecida dentro de sua diferença para ser corretamente acolhida e atendida.

Deste modo, busca-se estabelecer o indivíduo subordinado como um parceiro pleno na vida social, capaz de interagir com os outros como pares, tendo como objetivo desinstitucionalizar padrões de valor cultural que impedem a paridade da participação e substituí-los por padrões que a favoreçam. (FRASER, 2007) Os deslocados, na maioria dos casos, não vão retornar as suas terras, é normal que as gerações seguintes nem conheçam de onde veio seu pai ou sua mãe, mas seguramente a idéia desse lugar estará próximo na consciência de todos os membros da família, por meio do testemunho.

Contribuir para a análise das temáticas do reconhecimento por meio dos testemunhos, das mulheres em situação de deslocamento abre a possibilidade de enxergar as características fragmentadas, híbridas e mestiças desta população vulnerável, que está em contínuo movimento.

Partindo do ponto de vista das próprias mulheres, é possível entender o contexto social onde surgem as narrativas, permitindo o acesso às vivências e experiências do feminino. As narrativas das mulheres projetam do mesmo modo que negociam seus papéis cotidianamente e ao longo de sua vida, e também contam o processo de construção de sua identidade. (D'ÁVILA NETO, BAPTISTA, 2007). Os testemunhos das deslocadas têm o suficiente peso para incitar à reflexão, que é um dos objetivos deste trabalho, já que os testemunhos foram úteis para entender os entrecruzamentos psicossociológicos que implicam a migração forçada num cenário nacional e regional.

Outro importante conceito da análise de Boaventura de Sousa Santos (2008), é que “*Nuestra América*” deve ser construída sobre seus fundamentos mais genuínos e assim

produzir um conhecimento genuíno, para desenvolver as idéias, estas têm que ser enraizadas nas aspirações dos povos oprimidos. Este conhecimento exige uma contínua atenção à identidade, ao comportamento e ao envolvimento na vida pública. Pode-se falar que o anterior é o que certamente distingue um país da atribuição imperial em seus níveis de “civilização”. Isto implica desenvolver o componente epistemológico, pois deve pesquisar-se as realidades específicas do continente a partir de uma perspectiva latino americana, produzindo um conhecimento localizado e condição para um governo localizado. Isto respalda que em “*Nuestra América*” não deve existir uma América européia que coexista no hemisfério sul, com a presença das elites intelectuais e políticas que recusam as raízes indígenas e negras, que distinguem seus países “americanos europeus” como os civilizados, e os outros como os selvagens bárbaros. (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. 2008). As estratégias de abordagem dos deslocados não devem ser importadas ou reproduzidas dos outros conflitos armados similares da região ou do mundo, pois estas importações nunca vão dar uma solução real ao problema regional.

A alternativa não é se apegar a modelos fechados e homogêneos de reconhecimento cultural, a alternativa é abarcar processos mais amplos com o jogo de semelhança e diferença. Deste modo, reconhecer a diferença do deslocado implica dar um status especial que ele merece, por carregar o peso do processo de migração forçada e uma parte dolorosa do conflito armado colombiano.

## Referências

ACCION SOCIAL, Presidencia de Colombia. *Agencia Presidencial para la Acción Social y la Cooperación Internacional*. Agosto 6, 2009. <http://www.accionsocial.gov.co/> (accessed Agosto 8, 2009).

ACNUR, Consultoria Donny Meertens. *El Futuro nostálgico; desplazamiento, terror y genero*. Consultoria, Bogota: Grupo Temático de Desplazamiento del Sistema de Naciones Unidas , 2000.

ACNUR, Agencia de la ONU para los Refugiados. Desplazados Internos. <http://www.acnur.org/t3/operaciones/situacion-colombia/desplazamiento-interno-en-colombia>. acesso em 16/03/2010

AMNESTY INTERNATIONAL. “Leave us in peace – Targeting civilians in Colombia’s internal armed conflict”. Amnesty International Publications, 2008.

BAPTISTA, Cristina M, Das tramas do corpo ferido: dor e sofrimento em narrativas de mulheres. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2006

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. *Comunidade, A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_, Zygmunt. “A cada refugio seu depósito de lixo.” In: *Vidas Desperdiçadas*, por Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. “O nível mais baixo: o gueto.” In: *Comunidade*, por Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BRAIDOTTI, Rosi. *Sujeitos Nômades*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

\_\_\_\_\_. *Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nomade*. Barcelona: Gedisa, 2004.

CALVO OCAMPO, Fabíola. *Mujeres desplazadas en Colombia: vocês ocultas del conflicto armado*. In: SANTORO, Sônia (org). *Sin nosotros se les acaba la fiesta: America Latina em perspectiva de gênero*. Bogotá, 2009, n. 8, p. 83-94.

CPEM. *Directriz de atención integral a la población desplazada con enfoque diferencial de gênero*. Bogotá, 2010. Disponível no domínio [http://equidad.presidencia.gov.co/Es/Comunicaciones/Documents/Publicaciones/Directriz\\_Desplazamiento\\_Enfoque\\_Diferencial.pdf](http://equidad.presidencia.gov.co/Es/Comunicaciones/Documents/Publicaciones/Directriz_Desplazamiento_Enfoque_Diferencial.pdf) . acesso em 11/10/2010

CAPUTTO SILVA, Luz Amparo. La mujer en Colombia: educación para la democracia y democracia en la educación. In: *Revista Educación y Desarrollo Social*. Vol. II. No. 1. ISSN 2011-5318. Bogotá, 2008. p.112-121. Acesso pelo domínio <http://www.umng.edu.co/docs/reeducacion/Vol2.No1/RevNo1vol2.Art8.pdf>, acesso em 23/10/2010

CEPAL Serie Mujer y desarrollo. Desarrollo Humano: autonomia y libertad para aumentar las opciones disponibles a las mujeres. Santiago de Chile, 2006, n. 8, p. 11-21.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. O autoritarismo e a mulher: O jogo da dominação macho-fêmea no Brasil. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1980.

\_\_\_\_\_. Os "Novos Pobres" e o Contrato Social: Receitas de Desenvolvimento, Igualdade e Solidariedade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, v. 4, n. 50, p. 7-13. Rio de Janeiro: UFRJ/Imago/CNPq, 1998.

\_\_\_\_\_. La Recherche Participative et la Production de la Connaissance: reflexions, strategies et defis de la recherche participative dans une perspective de developpement , Rapport de Recherche Preparé pour la Section des Sciences Humaines et Sociales, UNESCO, 2001

\_\_\_\_\_. NAZARETH, J. Globalization and Women's Employment. *Peace Review: a journal of Social Justice*, v. 17, n.2-3, p. 215-220, 2005.

\_\_\_\_\_. BAPTISTA, C. M. de A. "Páthos e o sujeito femenino: considerações sobre o processo de construção narrativa identitária de mulheres de grupos culturalmente minoritários". *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 2 (2), São João del-Rei, Mar./Ag., 2007.

ERIKSON, Thomas Hylland. *Small places, large issues: an introduction to social and cultural anthropology*. Londres: Pluto press, 2001.

ESCOBAR, Arturo. Desplazamientos, desarrollo y modernidad en el pacifico colombiano. In: RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *Conflicto e (in)visibilidad: Retos en los estudios de la gente negra en Colombia*. Popayán: Universidade del Cauca, 2004, págs. 53-72

ESCOBAR, Arturo. El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: ¿globalización o postdesarrollo? In: LANDER, E. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas*. CLACSO – UNESCO, 2002.

FUNDACIÓN de Atención al Migrante (FAMIG), CONSULTORÍA para los Derechos Humanos y el desplazamiento (CODHES), ORGANIZACIÓN Internacional para las Migraciones (OIM). *Gota a gota: desplazamiento forzado en Bogotá y Soacha*. Bogotá: OIM; 2007. p.88-89.

FRASER, N. "Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista." In: *Democracia Hoje, Novos desafios para a teoria contemporanea democratica*, por Jessé Souza, 245-282. Brasília: UNB, 2001.

\_\_\_\_\_. "Reconhecimento sem ética?" In: *Teoria Crítica do seculo XXI*, por Patricia Mattos Jessé Souza. São Paulo : Annablume, 2007.



FMO. "Causes and consequences Conflict-induced displacement". In: Forced Migration Online a world of information on human displacement, 2010:

<http://www.forcedmigration.org/guides/fmo003/>

FORERO, Edgar. *El Desplazamiento Interno Forzado en Colombia*. Washington D.C: Kellogg Institute, The Helen Kellogg, Instituto de Estudios Intenacionales de la Universidad de Norte Dame, 2003.

HALL, Stuart. "Pensando a Diaspora Reflexões sobre a terra no exterior." In: *Da Diaspora Identidades e Mediações Culturais*, por Stuart HALL. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. "Quem precisa da identidade?" In: *Identidade diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*, por SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Petropolis: Vozes. 2003: 103-133

\_\_\_\_\_. *A identidade Cultural na Pós- modernidade*. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRSCH, Marianne. SPITZER, Leo. "The witness in the archive: Holocaust Studies/ Memory Studies". *Memory Studies*. 2009: 151-170

HONNETH, A. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HOWELL, Jennifer, "Reconstituting Cultural Memory through Image and Text in Leïla Sebbar's *Le Chinois vert d'Afrique*". *French Cultural Studies*. SAGE, 2008: 19-57.

KING. Russell, SKELDON. Ronald, VULLNETARI. Julie, "Internal and International Migration: Bridging the Theoretical Divide", *Sussex Centre for Migration Research*. UK: University of Sussex, 2008.

KLEBA LISBOA, Teresa. Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. In: *Revista interdisciplinar de mobilidade humana*, v. 14, n. 26-27, págs. 151-166. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2006

LAZARUS, Neil. "Charting globalisation". *Race & Class*, SAGE. 1999: 40-91.

MAMM. "Arango Débora 1937-1984 Exposición Retrospectiva". In: Catálogo Museo de Arte Moderno de Medellín. Medellín: 1984. p. 88.

MATTOS, Patricia. "A Sociologia do Reconhecimento, as contribuições de Charles Taylor, Alex Honneth e Nancy Fraser". São Paulo: Annablume, 2006

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento.: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MIRZOEFF, Nicholas. "On Visuality". *Journal of Visual Culture*. 2006; 5; 53

NACIONES UNIDAS. Informe del Representante del Secretario General, Sr. Francis M. Deng, presentado con arreglo a la resolución 1997/39 de la Comisión de Derechos Humanos, adición Principios Rectores de los desplazamientos Internos. Consejo Economico y Social. 1998. ACNUR. <http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/0022.pdf> (visitado em 29/10/2010)

NAZARETH, Juliana de Souza e Costa. Na hora que tá em sufoco, um ajuda o outro: Um estudo sobre famílias chefiadas por mulheres urbanas de baixa renda. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

OCHA. Oficina de Cordinación de asuntos humanitarios de las Naciones Unidas. Principios Rectores del Desplazamiento Forzado. Ocha Publicaciones, 2008: p. 4.

ORGANIZAÇÃO Internacional para las Migraciones (OIM). *La agencia para las migraciones: Misión em Colombia*. Disponível no domínio <http://www.oim.org.co/Sobremigración/GeneralidadesdelaMigración/Dinámicasdel/tabid/105/language/en-US/Default.aspx>, acesso em 27/10/2010

ORGANIZAÇÃO Internacional para las Migraciones (OIM). *Derecho Internacional sobre migración: Glossário sobre Migración*. Ginebra, 2006, n. 7. ISSN 1816-1014. Disponível no domínio <http://oim.org.co/LinkClick.aspx?fileticket=otpUXt/4YgA=&tabid=104&language=en-US>, acesso em 27/10/2010

PELÁEZ, Gloria Inés. "Los Dulelos en el Cuerpo Físico y Social de Mujeres Víctimas de la Violencia ." *Antípoda No 5* , 2007: 76-75.

POLETTO, Ivo. "Migrar no contexto contemporâneo". *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana N° 26 e 27*, 2007: 7-22

RADSTONE, Susannah, "Memory Studies, for and against". *Memory Studies*. SAGE, 2008:1-31.

RICE, Carla. "Imagining the Other? Ethical Challenges of Researching and Writing Women's Embodied Lives", *Feminism Psychology*. 2009: 245-267.

SAID, E. Territórios sobrepostos, culturas entrelaçadas. In: *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, p. 33-98, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Fim das descobertas imperiais". In: *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. Por Boaventura de Souza SANTOS. São Paulo: Cortez, 2008:181-190.

\_\_\_\_\_. "Nuestra America: reinventando um paradigma". In: *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. Por Boaventura de Souza SANTOS. São Paulo: Cortez, 2008:191-223.

\_\_\_\_\_. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2009.

SARLO, Beatriz. "Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva". São Paulo, Belo Horizonte: Companhia das letras, UFMG, 2007.

VIVEROS, Mara. "Différences locales, générationnelles et biographiques dans les identités masculines en Colombie". In: *Sexe, Race, Classe, pour une épistémologie de la domination*. Por Elsa Dorlin (org). Paris: PUF, 2009: 271-281.

## **Anexo A**

### Roteiro de entrevista

#### **PONTOS BÁSICOS PARA SE REALIZAR ENTREVISTAS:**

1. Família de origem e a atual, o culto aos antepassados, memórias do lugar de origem, lembranças dos familiares e de sua situação na cidade de origem.
2. A herança familiar e cultural: transmissão e ruptura.
3. As mudanças decorrentes da migração forçada em Bogotá. Familiarização com a nova cultura. A (nova) educação na cidade grande (estilos, regras, tradições). Significado da nova vida.
4. Os aprendizados da situação de ser deslocado. Os muitos “jeitos” que são aprendidos sobre como levar a situação.
5. Os deslocados investem no trabalho, na família, na rede comunitária, na educação. Responsabilidades frente ao seu futuro (Reconhecimento x Justiça Social)
6. Aprendizagem de quem é hoje (depois da migração), em quem se transformou através da sociabilidade (modos de transformação)

### Roteiro de entrevista

Informações sócio-demográficas

? Idade , estado civil , filiação

? Local de nascimento (Nome do estado e do município)

? Escolaridade? (Foi à escola? E se foi até que grau estudou?)

?A que religião pertence?

### Antes do deslocamento e família

*Vamos conversar um pouco sobre sua família (de origem) e sobre o tempo em que morava em seu lugar de origem...*

1. Seus pais estão vivos? Quando morreram?

2. Qual é /era a ocupação deles?
3. Quantos irmãos tem? Vivos? O que fazem?
4. Com quantas pessoas e com quem morou a maior parte de sua vida?
5. Como era sua vida no local onde morava?
6. Você participava das tarefas de casa?
7. Como ocupava seu tempo livre?
8. Trabalhava?
9. Estudava?
10. Que idade tinha quando saiu da casa de seus pais (pela primeira vez)?
11. Com quem morava antes de ser deslocada?

### Deslocamento

*Vamos conversar um pouco sobre seu deslocamento...*

#### *Parte I*

12. Com que idade aconteceu o deslocamento (o primeiro) e se teve outros, especificar a idade dos outros também?
13. Narre um pouco como foi sua vinda para Bogotá? Como foi sua chegada? Como aconteceu? Em que circunstâncias?
14. Qual foi o maior motivo de seu deslocamento?
15. Quais foram as reações de sua família quando soube que deveria sair da sua casa e da região?
16. Outras pessoas significativas: companheiro (as), filhos vieram com você?  
(relação da família e pessoas significativas e modos de vida)

#### *Parte II*

*Vamos conversar um pouco sobre as mudanças na sua vida depois do deslocamento...*

17. A que se dedica hoje em dia? Trabalha?
18. Estuda?
19. Como é sua família/filhos?

20. Tem tempo livre para se divertir? O que faz nesse tempo livre?
21. Como está sua saúde e a da sua família? São atendidos pelo sistema público de saúde?
22. Como se sente você como pessoa? Sente-se deprimida (pela situação)? Tem algum sonho ou plano para o futuro?
23. Quais são as lembranças que tem de sua vida antes do deslocamento?

### *Parte III*

24. Quais são suas principais vivências em Bogotá? Quais são as mais positivas e as mais negativas?
25. Já passou por necessidades? Como saiu delas?  
(Sondar o apoio das redes de solidariedade, apoio do governo e de ONG's).

### *Parte IV*

26. Você voltou alguma vez para sua casa, que teve que deixar? Por quê?
27. Quer voltar?
28. Mantém contato com as pessoas de sua cidade? Como e com que frequência?
29. Conhece pessoas na mesma situação de deslocamento que a sua?
30. Você já se sentiu discriminada em Bogotá? Em que situação?
31. Existe uma perda de costumes tradicionais de sua região por ser deslocada?
32. Há uma mistura desses costumes tradicionais, com os costumes da cidade e de outras pessoas com que mora aqui em Bogotá?

### *Momento Atual*

33. Você neste momento está casada ou mora com alguém? Tem filhos? (Características das pessoas com quem mora)
34. Como é a casa onde mora? É alugada? Quantos quartos tem?
35. Quais são seus rendimentos? Quais são os rendimentos dos membros da sua família?

### *Trajetória de estudo e trabalho*

36. Está trabalhando no momento? Em que? Em que já trabalhou? Se não está trabalhando, está procurando emprego?
37. Está estudando?

## **Anexo B**

### Termo de Consentimento

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Programa EICOS-Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social

Instituto de Psicologia da UFRJ

AV. Pasteur 250 - Rio de Janeiro-RJ

#### AUTORIZAÇÃO/CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado(a), autorizo, para fins da pesquisa “Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos”, desenvolvida pela mestrandia CATALINA REVOLLO PARDO, com a orientação da Professora Doutora MARIA INACIA D’AVILA NETO, o registro das minhas entrevistas individuais ou observações de campo ligadas a mim, sejam em vídeo/câmeras filmadoras, máquina fotográfica, gravador de som ou outro meio informático/digital, ou por meios manuais de anotação.

Estou informada de que o material coletado terá como finalidade o trabalho de pesquisa proposto, de caráter científico e sem fins lucrativos ou políticos.

Autorizo, a divulgação dos resultados dos registros coletados, sob o critério do pesquisador/a, para serem utilizados em forma de trabalho para a universidade como: dissertação, tese, livro(s), artigo(s), por meio impresso ou digital, inclusos vídeos, filmes e outros, assim como a apresentação em congressos e reuniões de natureza técnico-científica, amostras públicas especializadas ou artísticas, eventos de divulgação de diferentes formas, além de folhetos e pôsters decorrentes, podendo fazer parte de arquivos impressos ou digitais, em bibliotecas e bancos de dados e imagens, gerados pelo laboratório e outros decorrentes de suas atividades.

Pelo presente termo, cedo, de modo definitivo, por livre e espontânea vontade, todos os direitos de utilização da imagem, gravação de vídeo e de voz, fotos, desenhos ou outros produzidos durante e/ou a partir da realização das entrevistas e testemunhos registrados, incluindo em grupos, podendo utilizar os mesmos em diferentes trabalhos/produtos a serem realizados e/ou divulgados, em território nacional ou estrangeiro, sem importância alguma, sendo devida, em qualquer tempo, para a referida utilização.

Solicito que meu nome e sobrenome sejam omitidos e não constem nos produtos acima mencionados, de forma extensa ou abreviada.

Local: Bogotá D.C Data:

Nome completo da entrevistada:

Numero de Identidade:

Endereço:

Telefones:

Assinatura:





## Anexo C. Mapa de Colombia



Fonte: [http://www.gratisweb.com/fredycuello/mapcol\\_5.jpg](http://www.gratisweb.com/fredycuello/mapcol_5.jpg) acesso em 9/12/2010